



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM PSICOLOGIA**

**JEFTHER FELIPE LIMA ROCHA**

**O HOMEM HOMOSSEXUAL E A FENOMENOLOGIA DO SEU ENVELHECER**

São Luís

2024

**JEFTHER FELIPE LIMA ROCHA**

**O HOMEM HOMOSSEXUAL E A FENOMENOLOGIA DO SEU ENVELHECER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para a Linha de Pesquisa 1: Avaliação e Clínica Psicológica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba.

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rocha, Jefther Felipe Lima.

O homem homossexual e a fenomenologia do seu envelhecer  
/ Jefther Felipe Lima Rocha. - 2024.

139 p.

Orientador(a): Jean Marlos Pinheiro Borba.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São  
Luís, 2024.

1. Envelhecimento. 2. Fenomenologia. 3.  
Homossexualidade. I. Borba, Jean Marlos Pinheiro. II.  
Título.

## **O HOMEM HOMOSSEXUAL E A FENOMENOLOGIA DO SEU ENVELHECER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para a Linha de Pesquisa 1: Avaliação e Clínica Psicológica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba.

Examinada e aprovada em 30 de outubro de 2023.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba – Orientador

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José Olinda Braga – 1º Membro

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Rafael Bastos Ferreira – 2º Membro

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Carlos Santos Leal – 3º Membro

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Carlos Wellington Soares Martins – 4º Membro

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Maranhão

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dayse Marinho Martins – 1ª Suplente

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho aos estudantes de pós-graduação que também trabalham: infelizmente, precisamos arcar com as difíceis e múltiplas responsabilidades laborais e acadêmicas. Perseveramos duplamente.

Às “mariconas”, por existirem e resistirem.  
E a quem segurou minha mão na pior fase de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Quando olho em retrospecto para os últimos 3 anos e tudo o que aconteceu neste ínterim, é impossível não me sensibilizar com minha jornada enquanto mestrando.

Preciso agradecer a algumas pessoas que muito me ajudaram e motivaram a prosseguir com meu mestrado – inclusive durante e após o período mais difícil de minha vida.

Em especial, preciso agradecer ao meu professor e orientador Jean Marlos, pela paciência, compreensão e sensibilidade para comigo. Eu confesso que fui um orientando trabalhoso, visto que venho de outro referencial teórico-epistemológico, bem como precisei equilibrar meus deveres enquanto mestrando e minha vida profissional. Apesar disso, seu cuidado se mostrou constante e eu sou muito agradecido por tudo.

À minha família que, embora nem entendesse muito bem o que é um mestrado e as razões de meu interesse em fazê-lo, demonstrou apoio desde quando eu fui aprovado no seletivo. Mais do que isso, pelo cuidado e amor demonstrado nos últimos meses após meu acidente. Todas as demonstrações (mais ou menos sutis) de carinho estão para além da minha compreensão.

A Juan Neves, meu companheiro de vida, por todo o amor e suporte. De muitas formas, estamos ainda mais conectados e só pensar nisso me faz feliz. Não consigo transcrever tudo o que gostaria, mas eu sou grato por tudo. E, pressinto, por tudo que virá.

Aos meus amigos, pelo carinho e pelo apoio: eu me sinto tão abençoado por estar cercado de pessoas que legitimamente se importam comigo, com meu bem-estar e com minhas conquistas. Eu não poderia estar rodeado de melhores pessoas!

Aos colegas de turma, professores e demais funcionários do PPG-PSI, pelos ensinamentos e oportunidades obtidos durante meu mestrado.

E a Deus, por ter me dado bem mais de uma chance.

*“De repente a gente vê que perdeu  
Ou está perdendo alguma coisa  
Morna e ingênua que vai ficando no caminho  
Que é escuro e frio, mas também bonito porque é iluminado  
Pela beleza do que aconteceu há minutos atrás.”*  
(Cazuza em “Poema”, 1975)

## RESUMO

O estudo objetivou apresentar uma análise intencional sobre a vivência de homens gays em envelhecimento. Observou-se escassez de material científico com foco nas vivências de homens gays sobre o envelhecimento, a partir de uma visão fenomenológica, o que, portanto, justificou o caráter original desta investigação. A seguinte pergunta norteadora orientou a pesquisa: como homens homossexuais cisgênero vivenciam seu próprio envelhecimento? Para responder a tal pergunta, o objetivo geral da pesquisa foi: conhecer as vivências de homens homossexuais cisgênero acerca de seu envelhecimento. Como objetivos específicos, identificar as estruturas invariantes (essências) das vivências dos sujeitos; sistematizar as escutas das vivências por meio da realização de sua redução transcendental e desvelar características que o envelhecimento de homossexuais cisgênero pode assumir. Esta pesquisa empírica não-experimental qualitativa foi realizada a partir da perspectiva epistemológica, teórica e metodológica da Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938). Para o acesso aos relatos escritos dos participantes foi utilizado formulário digital via *Google Forms*. A pesquisa contou com 26 participantes oriundos de 7 estados brasileiros. A partir da aplicação do método fenomenológico, foi possível entender que os participantes descreveram o envelhecimento como um processo multifacetado que abrange mudanças em dimensões físicas, psicológicas e sociais. Suas percepções destacaram desafios específicos relacionados à aceitação, valorização, preocupações com a finitude e a decadência. Além disso, a pesquisa revelou a persistência do estigma e da discriminação enfrentados por essa população ao longo do envelhecimento. O estudo destacou a importância de fornecer apoio emocional, intervenções psicoterapêuticas e educação sensível às necessidades específicas desses indivíduos, promovendo assim o bem-estar e a dignidade ao longo do envelhecimento.

**Palavras-chave:** Homossexualidade; Envelhecimento; Fenomenologia.



## ABSTRACT

The study aimed to present an intentional analysis of the experiences of aging gay men. There was a lack of scientific material focusing on the experiences of gay men regarding aging, from a phenomenological perspective, which, therefore, justified the original nature of this investigation. The following guiding question guided the research: how do cisgender homosexual men experience their own aging? To answer this question, the general objective of the research was: to understand the experiences of cisgender homosexual men regarding their aging. As specific objectives, identify the invariant structures (essences) of the subjects' experiences; systematize listening to experiences by carrying out their transcendental reduction and revealing characteristics that the aging of cisgender homosexuals can assume. This qualitative non-experimental empirical research was carried out from the epistemological, theoretical and methodological perspective of Edmund Husserl's Phenomenology (1859-1938). To access the participants' written reports, a digital form via Google Forms was used. The research included 26 participants from 7 Brazilian states. From the application of the phenomenological method, it was possible to understand that the participants described aging as a multifaceted process that encompasses changes in physical, psychological and social dimensions. Their insights highlighted specific challenges related to acceptance, appreciation, concerns about finitude and decay. Furthermore, the research revealed the persistence of stigma and discrimination faced by this population as they age. The study highlighted the importance of providing emotional support, psychotherapeutic interventions and education sensitive to the specific needs of these individuals, thus promoting well-being and dignity throughout aging.

**Keywords:** Homosexuality; Aging; Phenomenology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação de Khnumhotep e Niankhkhum rodeado por seus herdeiros num dos pilares de sua tumba .....	27
Figura 2 – Ilustração da morte em fogueira de Puller von Hohenburg e seu servo fora dos muros de Zurique, em 1482, acusados do crime de sodomia .....	31
Figura 3 – Inauguração da lápide de São Tibira, na praça Marcílio Dias, São Luís, 2016 .....	35
Figura 4 – Única foto do motim ocorrido no primeiro dia da Rebelião de Stonewall .	45
Figura 5 – Estado (UF) de moradia dos participantes .....	45
Figura 6 – Diagrama para a Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 1 ..	77
Figura 7 – Diagrama para a Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 2 ..	84
Figura 8 – Diagrama para a Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 3 ..	90
Figura 9 – Diagrama para a Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 4 ..	97
Figura 10 – Diagrama para a Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 5 .....	103

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD1 .....	74
Quadro 2 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD2 .....	81
Quadro 3 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD3 .....	86
Quadro 4 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD4 .....	93
Quadro 5 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD5 .....	100

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
APA	Associação Americana de Psiquiatria ou Associação Americana de Psicologia
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CID	Classificação Internacional de Doenças
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
FPCEUP	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
GGB	Grupo Gay da Bahia
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT+	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e mais
MDHC	Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não-Governamental
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
USHMM	Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>13</b>
1.1 Histórico da pesquisa: Percurso pessoal, acadêmico e profissional .....	13
1.2 Relevância científica e social da pesquisa .....	16
1.3 Questão norteadora e objetivos da pesquisa .....	17
1.4 Percurso epistemológico e metodológico da pesquisa.....	19
1.5 Estruturação da dissertação .....	26
<b>2 O FENÔMENO DA HOMOSSEXUALIDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA OCIDENTAL .....</b>	<b>27</b>
<b>3 O ENVELHECIMENTO HOMOSSEXUAL .....</b>	<b>53</b>
<b>4 CORPOREIDADE, INTERSUBJETIVIDADE E TEMPORALIDADE NA COMPREENSÃO DO FENÔMENO .....</b>	<b>67</b>
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>74</b>
5.1 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 1 .....	75
5.2 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 2 .....	82
5.3 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 3 .....	87
5.4 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 4 .....	94
5.5 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 5 .....	100
<b>6 EVIDÊNCIAS APODÍTICAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>120</b>

## 1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

### 1.1 Histórico da pesquisa: Percurso pessoal, acadêmico e profissional

Meu envolvimento acadêmico com esta pesquisa advém da minha própria vivência enquanto homem homossexual. Introduzir a minha escrita afirmando isto é algo demasiado importante para mim, pois a minha orientação afetivo-sexual<sup>1</sup> foi algo que neguei por muitos anos – mesmo depois de já ter me relacionado com homens.

O processo de me (re)conhecer e identificar enquanto homem gay, como para muitas pessoas LGBT+<sup>2</sup>, me foi dolorido, sofrido e confuso. Por nascer e crescer numa cidade do interior do Maranhão, passei boa parte da vida escutando que pessoas homossexuais eram alguns poucos indivíduos “(des)viados” que poderiam ser perigosos, ardilosos, pecaminosos e sujos. Havia também uma forte equiparação entre homens homossexuais e pedófilos, portanto fui me desenvolvendo como alguém que deveria se afastar de qualquer adulto “diferente”.

Acontece que eu também parecia ser “diferente”: quando criança e adolescente, não gostava de brincar com carrinhos ou soldadinhos, mas fugia para a casa de uma vizinha que tinha Barbies e me divertia brincando de “casinha”. Ao ouvir música, me imaginava cantando e dançando como as componentes do grupo Rouge, como Joelma, Mylla Karvalho, Britney Spears, Lady Gaga... Ao assistir programas de televisão, notava como os atores das novelas me chamavam muito mais atenção que as atrizes – olhá-los me atraía.

E tais fatos começaram a me preocupar. E me preocupavam mais à medida em que percebia que os próximos também pareciam perceber. Ouvi várias

---

<sup>1</sup> Orientação afetivo-sexual está relacionada às características em outras pessoas que provocam atração afetiva ou sexual e preenche (ou atende, toca) os desejos e instintos. É definida por homossexual, heterossexual, bissexual, assexual, pansexual, aromântica, dentre outras (MIGUEL, 2021).

<sup>2</sup> Neste trabalho, se opta pela utilização da sigla LGBT+. “G” (de “gay”) representa homens homossexuais: pessoas que sentem atração sexual, emocional ou afetiva por pessoas que se identificam pelo mesmo gênero; “L” (de “lésbica”) representa mulheres homossexuais; “B” (de “bissexuais”) são pessoas que se relacionam sexual, emocional ou afetivamente com ambos os gêneros, partindo de uma perspectiva binária (homem e mulher). “T” (de “transgênero”) representa pessoas com identidade de gênero diversa ao sexo biológico designado no nascimento. O “+” (mais/plus) se refere a identidades de gênero e orientações sexuais diversas.

vezes de pais e colegas frases como “Não ande rebolando!”, “Crie jeito de homem!”, “Brincar com bonecas é coisa de baitola!”.

Anos depois, ao ingressar no curso de Psicologia, fui estudando como a mente e o comportamento humanos são demasiado complexos e, à medida em que cheguei à metade de minha graduação, passei a ter um olhar menos rígido a quem eu era e ao que sentia.

Mas uma experiência me foi a mais importante para conseguir entender quem eu era e legitimar os meus desejos: a oportunidade que tive, em 2015, de realizar um intercâmbio de seis meses para a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) em Porto, Portugal. Viver, ainda que por um curto período, noutro país, com uma outra mentalidade social e podendo vivenciar livremente a minha sexualidade foi como ter acesso a uma nova dimensão.

Enquanto estive lá, tive um relacionamento sério e, para mim, andar de mãos dadas pela rua, não esconder a ninguém o nosso relacionamento e não precisar controlar o meu “jeito afeminado” me proporcionaram a oportunidade de olhar a vida e a mim mesmo com outros olhos. Por falar em olhos, algo que me chamava a atenção era o olhar das pessoas para conosco: quando nos viam demonstrando algum afeto em espaços públicos, no máximo, percebíamos algum olhar curioso; aqui no Brasil, por vezes, percebo olhares de ódio, desprezo e vulgaridade.

É importante salientar que, ainda que tenha tido uma experiência positiva na Europa, o Velho Continente anda longe de ser um “paraíso na Terra” para pessoas LGBTQ+. Mesmo tendo uma experiência positiva na maior parte do tempo, também fui alvo de homofobia em mais de uma ocasião.

Voltei para o Brasil decidido a estudar e trabalhar com questões voltadas à sexualidade humana. Por coincidência, logo quando retornei, foram abertos dois grupos de estudo na universidade em que estudava: um sobre Psicanálise e Gênero e outro sobre Sexualidade Humana.

A partir do contato com estes professores e colegas, senti-me tocado a produzir meu Trabalho de Conclusão de Curso como uma revisão narrativa de literatura acerca do processo de “saída do armário” (*coming out*)<sup>3</sup> de homossexuais

---

<sup>3</sup> A “saída do armário” (tradução da expressão inglesa “*Coming out of the closet*”) é uma expressão utilizada para nomear o fenômeno de “assumir” uma orientação sexual não-heterossexual. De acordo

(ROCHA; MENDES, 2016); o detalhe aqui é que eu não estava interessado em analisar esse fenômeno de acordo com as perspectivas dos filhos, mas dos pais e familiares que descobriam a homossexualidade. Minha intenção foi obter mais conhecimento e refletir sobre como meus pais absorveriam o “assumir” de minha homossexualidade – e, especialmente, como eu seria afetado por isso.

Ao adentrar ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMA, pensei inicialmente em pesquisar uma outra temática, mas ainda enfocando no público LGBTQ+: o suporte familiar (ou sua falta) para pessoas transexuais que estivessem passando por sua transição.

Entretanto, somada à desmotivação que senti a partir do distanciamento que a pandemia de COVID-19 nos pôs, fui me sentindo também desmotivado a continuar pesquisando essa temática. Ainda que continue sendo um forte defensor de pessoas Transgênero, fui perdendo o interesse em estudar esse fenômeno.

A entrada enfim na vida adulta, a partir dos ritos que costumam acompanhar essa fase (primeiro emprego, responsabilidades financeiras e compromissos amorosos profundos), me fizeram refletir sobre meu processo de envelhecimento e maturidade. Comecei a sentir – “em carne e osso”, como diz Husserl (1913/2006, p. 37) – o aparecimento de características de envelhecimento em mim.

Cabe aqui assinalar que o envelhecimento não é algo circunscrito apenas às pessoas idosas, mas a todos os seres humanos. Todos estamos envelhecendo, independentemente de nossa faixa etária.

Em especial, nos últimos meses, pensamentos e sensações acerca de meu envelhecimento têm surgido com mais frequência. Saindo de uma aula presencial na UFMA, em dezembro de 2022, sofri um gravíssimo acidente automobilístico e precisei ficar mais de 100 dias hospitalizado visando a “recuperação” de meu corpo. Lidar com a possibilidade de morte iminente, as limitações impostas ao meu corpo, bem como a necessidade de receber cuidados de outrem me remete constantemente a como estou agora e como estarei daqui a alguns anos.

---

com Markowe (1996 apud CARNEIRO, 2009, p. 153), o *coming out* é, na ótica do desenvolvimento psicológico, “um processo complexo e reformulante da consciência individual como gay ou lésbica que apela, simultânea e complementarmente, à possibilidade de o sujeito se perceber e definir como ‘homossexual’ e de revelar a outrem a sua homossexualidade”.



Ademais, enquanto homem gay e psicólogo clínico, escuto relatos de colegas, amigos e pessoas que atendo acerca de estar se percebendo envelhecer tendo uma orientação sexual não-heterossexual. Percebo, a partir do relato dessas pessoas, que existem crenças muito arraigadas e emoções conflitantes acerca do envelhecimento.

Ouvi há alguns meses de um colega que, risonho, me relatou o seguinte: “Aos trinta anos, farei uma festa de aniversário e o bolo será em formato de caixão! Vi num filme que nós gays nos consideramos velhos ou até mortos quando já não somos mais jovens e atraentes”. Ao ouvir isso, lembro de ter ficado reflexivo: “Será que me sentirei morto em vida a partir dos trinta?”.

## **1.2 Relevância científica e social da pesquisa**

Sabemos ainda muito pouco, cientificamente falando, sobre a vivência da sexualidade na terceira idade por pessoas heterossexuais. Sobre a sexualidade de idosos gays, silenciada duplamente pelas fantasias do mundo LGBTQ+ e pelos preconceitos contra essas pessoas (LEAL; MENDES, 2017), os dados científicos se tornam ainda mais escassos.

Mesmo na esfera política, a militância LGBTQ+ brasileira costuma dar pouca atenção às pautas do público pertencente a esta faixa etária. Nas propostas que o movimento tem feito ao poder público pouco são levados em conta os gays idosos, ainda que muitos dos líderes militantes já tenham passado dos 50 anos de idade (LEAL; MENDES, 2017).

Nos últimos anos, com a expansão das redes sociais, percebo a organização de ONG's (destaco aqui a EternamenteSOU<sup>4</sup>), *blogs* e comunidades virtuais que tentam abrir a discussão acerca do envelhecimento da população LGBTQ+, mas ainda sem tanta repercussão no debate público e científico.

---

<sup>4</sup> Associação sem fins lucrativos fundada em 2017 na cidade de São Paulo que visa atuar em prol das pessoas idosas LGBTQ+ através da implantação de serviços e projetos voltados ao atendimento psicossocial à esta população. Atualmente atua em três estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

Ao acessar esses locais, as discussões e relatos sobre discriminação, preconceito, homofobia e etarismo<sup>5</sup> são constantes. Muitos trazem a velhice gay como fenômeno ridicularizado (inclusive por homossexuais jovens) ou motivo de interesse financeiro (a popularização e romantização dos *sugar daddies*<sup>6</sup> ou a busca por sexo pago). Há relato ainda de sentimentos de angústia, tristeza, solidão e baixa autoestima – o que pode repercutir diretamente em sua saúde mental.

Ao realizar um levantamento bibliográfico inicial acerca do tema, deparei-me com escassez de material com evidências do fenômeno específico em língua portuguesa, inglesa e espanhola. As publicações verificadas versavam sobre aspectos demográficos, o cuidado à saúde (médico, em específico), representações sociais, debates antropológicos e reflexões sobre possíveis políticas públicas para idosos LGBTQ+. De modo que, material científico com foco nas vivências de homens gays sobre o envelhecimento, a partir de uma visão fenomenológica, é algo escasso e, portanto, justifica o caráter original desta investigação.

Também ficou evidente que não há (ou há número pouco expressivo) de estudos acerca da Fenomenologia Transcendental investigando temáticas relacionadas às vivências da população LGBTQ+. Nas publicações encontradas, outros fenomenólogos eram utilizados como autores de base – investigações baseadas na Fenomenologia husserliana não foram localizadas. Assim, creio que esta pesquisa pode contribuir para a reflexão e utilização da atitude e método fenomenológico como práticas importantes para o trabalho do psicólogo enquanto profissional e cientista.

Acredito que as principais contribuições desta pesquisa de orientação fenomenológica husserliana para a Psicologia são, em especial para a atitude fenomenológica na clínica, fornecer subsídio teórico-científico para promover uma escuta clínica suspensiva como bem argumentam Barreira (2018), Borba, Silva e Oliveira (2017) e Oliveira e Borba (2019).

---

<sup>5</sup> Etarismo (ou ageísmo, idadismo, discriminação etária) é um tipo de preconceito, intolerância e/ou discriminação contra pessoas ou grupos com idade avançada. O termo é discutido nos Estados Unidos e Europa desde a década de 1960; infelizmente, a discussão no Brasil é recente e relativamente escassa (SBGG, 2023).

<sup>6</sup> Expressão de língua inglesa para se referir a homens idosos que se relacionam romântica ou sexualmente com pessoas mais jovens em troca de dinheiro, presentes ou outros benefícios.

Por fim, é importante salientar que em nosso país a tendência de envelhecimento da população vem se mantendo. De acordo com dados da Segunda Apuração do Censo Demográfico 2022 (IBGE, 2023), o número de idosos no Brasil chegou a 32,1 milhões, representando um acréscimo de 56% em relação àquela recenseada em 2010. Esse grupo etário representou 15,8% da população total.

Ainda em nosso país, não há dados oficiais sobre a população LGBT+. O último censo com dados completos divulgados realizado em nosso país<sup>7</sup> (IBGE, 2010) apenas indicou a existência de 60 mil casais homossexuais (a pergunta: “Cônjuge do mesmo sexo?”), o que invisibiliza a existência de homossexuais que não estejam casados ou em união consensual.

Estudos não-naturalísticos podem contribuir de maneira significativa para apontar informações relevantes que, possivelmente, favorecerão a tomada de decisões tanto no encontro clínico quanto em aspectos sociais e políticos – como exemplo, na criação de políticas públicas, na garantia de direitos e na tomada de decisões de organizações diversas.

### **1.3 Questão norteadora e objetivos da pesquisa**

Assim, no intuito de investigar esse fenômeno, a questão norteadora que inicia esta investigação é: como homens homossexuais cisgênero<sup>8</sup> vivenciam seu próprio envelhecimento?

O objetivo geral da pesquisa é: conhecer as vivências de homens homossexuais cisgênero acerca de seu envelhecimento. Como objetivos específicos, identificar as estruturas invariantes (essências) das vivências dos sujeitos; sistematizar as escutas das vivências por meio da realização de sua redução transcendental e desvelar características que o envelhecimento de homossexuais cisgênero pode assumir.

---

<sup>7</sup> A última operação censitária brasileira foi realizada em 2010 e, desde então, o IBGE se planejou para a execução do Censo Demográfico 2020. Entretanto, em virtude da crise sanitária provocada pela pandemia de COVID-19, em 2020, e do profundo corte orçamentário ocorrido em 2021, a operação apenas aconteceu a partir de 2022. O Censo Demográfico 2022, no presente momento, consta apenas de dados parciais.

<sup>8</sup> “Cisgênero” refere-se a pessoas que apresentam identidade de gênero em consonância com o sexo biológico designado ao nascimento. “Identidade de gênero” envolve uma composição interna de diferentes fatores que integram a identidade da pessoa, de como ela se apresenta socialmente (MIGUEL, 2021).

#### 1.4 Percurso epistemológico e metodológico da pesquisa

A epistemologia que fundamenta esta pesquisa é a Fenomenologia, um método de rigor filosófico não-naturalista preconizado pelo matemático e filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938). Husserl, fundador da Fenomenologia, conceitua-a enquanto “uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, um método e uma *atitude intelectual*: uma atitude intelectual especificamente *filosófica*, o método especificamente *filosófico*” (HUSSERL, 1907/2008, p. 44, grifos do autor).

A criação do método fenomenológico é resultado da reflexão do autor acerca dos rumos que os saberes e práticas científicos e filosóficos tomavam na virada do século XIX ao XX. Por séculos, a concepção vigente de conhecimento era metafísica e ligada ao conhecimento teológico.

A partir do Renascimento, do Iluminismo e da Revolução Científica (séculos XVI a XVIII), o Positivismo passa a se tornar o paradigma dominante na ciência moderna. Tendo como seus principais expoentes Augusto Comte e John Stuart Mill, o Positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro; tal conhecimento tem como principais características ser factual, contingente, sistemático, verificável e neutro (buscando não influenciar os resultados obtidos). Para tanto, a ciência visa utilizar um conjunto de procedimentos lógicos e técnicas operacionais que acessam as relações causais entre os fenômenos. O Positivismo enfatiza uma análise empírica encorajadora da busca do conhecimento de forma objetiva, estabelecendo uma dualidade entre o pesquisador e o objeto pesquisado (LAVERTY, 2003).

Guimarães (2013) salienta que Husserl desenvolveu sua formação universitária numa ambiência de crise de pensamentos e fundamentos. A principal inquietação de Husserl era o espírito do naturalismo engendrado pelas ciências naturais: entende-se aqui o naturalismo como a crença de que a natureza seria a unidade do ser no tempo e espaço, levando à conclusão de que a consciência e a razão seriam frutos da natureza.

Tourinho (2011) afirma que a principal crítica de Husserl ao programa positivista nas Ciências Humanas foi o risco de nos deixar confinados, do ponto de vista metodológico, a uma lógica indutiva, segundo a qual o conhecimento se obtém pela descrição e observação positiva dos fatos regulares; já a abordagem

fenomenológica, iniciada por Husserl, nos convida para uma clarificação do que há de mais fundamental na coisa sobre a qual retornamos, deslocando-nos a atenção dos fatos contingentes para seu sentido originário indissociável de uma intencionalidade.

Husserl foi o primeiro filósofo a denunciar o processo de matematização da natureza, que disseminava o esquecimento do mundo-da-vida (*Lebenswelt*). De acordo com Berto (2007, p. 22):

Indagando sobre a origem da crise das ciências, Husserl trata da ruptura entre objetivismo fisicalista e o subjetivismo transcendental. Segundo ele, as ciências “esqueceram” que elas surgem de algo anterior a elas mesmas, do campo das experiências pré-científicas; enfim, de um *a priori* concreto: o *Lebenswelt* (o mundo-da-vida) tanto no nível histórico quanto no nível existencial.

As principais críticas foram ao positivismo, psicologismo e naturalismo. Ele era crítico à influência do programa positivista às ciências humanas (entre elas, a Psicologia, a Sociologia e a História) por acreditar que não seria possível inferir, como pretendido pelas correntes positivistas, uma lei geral a partir da observação de casos particulares e da constatação de sua regularidade.

No que se refere ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*), nos é incumbida a tarefa de compreender e ter uma postura de horizonticidade, visando compreender os objetos nas suas mais diversas manifestações de sentido. Assim, a concepção husserliana busca reintegrar o mundo da ciência ao mundo-da-vida, havendo uma associação indissociável entre o fenômeno e o ser: só pode haver o fenômeno enquanto houver o indivíduo no qual a experiência desse fenômeno se situa. Sobre isso, nos alerta Guimarães (2012, p. 37):

O mundo é constituído no seu caráter de horizonticidade. Em geral, os horizontes do mundo se reduzem à capacidade perceptiva da pessoa humana. A cada indivíduo é dada a potencialidade intencional da consciência para ‘descobrir horizontes’. A vivência do mundo-da-vida será sempre a ocasião de descoberta de novos horizontes e não de objetos. Esses horizontes são percebidos a partir dos modos pelos quais os objetos se dão à intencionalidade intuitiva da consciência. Ver os objetos como fatos é papel das ciências positivas. Ver os objetos como coisas-do-mundo é papel da fenomenologia.

Husserl defendia que todas as ciências deveriam começar por estabelecer um quadro de essências obtidas pela técnica de variação imaginária dos

objetos: desse modo, há na Fenomenologia Transcendental uma eidética<sup>9</sup>, ou seja, uma “doutrina de essências”. Segundo Tourinho (2010), a “essência” deve ser entendida em Husserl não como uma “forma pura” que subsiste por si mesma, independentemente do modo como se mostra à consciência intencional, mas sim como aquilo que é retido no ato intencional desta consciência por meio da redução fenomenológica. Husserl diz que a Fenomenologia “procede elucidando visualmente, determinando e distinguindo o sentido, mas tudo no puro ver (*reinen Schauen*)” (HUSSERL, 1907/2008, p. 87).

Em suma, a Fenomenologia não busca tecer considerações acerca da existência das coisas mundanas, mas direcionará a atenção para os fenômenos tal como se mostram/revelam, em sua pureza irrefutável, na autorreflexão da consciência transcendental. Tourinho (2011) aponta que assim atingiremos o *ego cogito* verdadeiramente radical, somente inteligível na sua explicitação plena *ego-cogito-cogitatum*. Dessa forma, na visão fenomenológica husserliana, naturalizar a consciência é um equívoco, uma vez que ela funda, ontologicamente, a própria natureza. A essência da consciência é a intencionalidade, *intentio*, “digirir-se a”: “o fenômeno só é possível em função da intencionalidade e esta é pura direcionalidade ao fenômeno. Um não existe senão em função do outro” (GUIMARÃES, 2013, p. 3).

Husserl tinha a intenção de implantar um rigor absoluto à Filosofia e, inspirado possivelmente em sua formação matemática, acreditava que a fundamentação da Filosofia deveria implicar uma plena racionalidade da mesma. Assim, a Fenomenologia enquanto recurso metodológico, se utiliza em especial do exercício da *epoché*, a suspensão do juízo em relação à atitude de existência das coisas.

Para o autor, é preciso tirar de circuito todas as ciências que se referem a esse mundo natural, por mais firmemente estabelecidas ou admiradas que sejam, não se deve fazer uso de suas validades nem se apropriar de suas proposições como verdades absolutas. Ao suspender o juízo em relação à facticidade do mundo, não deixamos de vivenciar a “tese do mundo”, mas não se faz uso da tese: deve-se mantê-la fora de circuito: tal renúncia implica numa espécie de conversão filosófica, por meio da qual adotamos um novo modo de consideração do mundo (HUSSERL, 1913/2006).

---

<sup>9</sup> *Eidos* significa “essência” ou “ideia”.

O método fenomenológico apresentado por Husserl evidencia a relação que o objeto de investigação possui com a consciência, revelada enquanto intencionalidade de um ego transcendental. Desse modo, ainda que não fosse um psicólogo, mas acreditando que sua filosofia poderia ser de grande valia para esta ciência, sugere com base em seu rigor investigativo, que a Psicologia supere a atitude naturalística e adote a atitude fenomenológica na busca pelos fenômenos puros da consciência.

A partir disso, superar a atitude naturalística das ciências corresponde a suspender os *a priori*s acerca dos objetos de investigação, prezando pelo contato com o fenômeno puro que se revela nas vivências, entendidas enquanto fluxo de vividos que se presentificam a partir do eu no contato com o mundo e com o outro. Justamente por isso, não cabe numa pesquisa a partir de orientação husserliana que eu a fundamente em hipóteses prévias acerca do fenômeno investigado. Nesta pesquisa busquei debruçar-me acerca de minha experiência, entrando em contato com os fenômenos vivenciados e suscitados a partir da mesma.

A redução fenomenológica, componente fundamental do método fenomenológico, oferece condições para o desvelamento do mundo para a consciência pura. Guimarães (2013), na tentativa de facilitar a compreensão acerca desse componente, aponta três momentos básicos e sucessivos da compreensão e interpretação do mundo: a redução psicológica, a eidética e a transcendental. Estes três momentos estão intimamente articulados em torno do propósito de edificação de uma ontologia do mundo-da-vida: pela redução psicológica, o mundo dos objetos (ou das coisas) se restringe a puros fenômenos; pela redução eidética, o mundo se restringe às suas essências e, pela redução transcendental, o mundo se subordina ao plano da reflexão, do “eu penso” (*ego cogito*), enquanto instância evidenciadora do próprio mundo.

Tiro, pois, de circuito todas as ciências que se referem a esse mundo natural, por mais firmemente estabelecidas que sejam para mim, por mais que as admire, por mínimas que sejam as objeções que pense lhes fazer: eu não faço absolutamente uso de suas validades. Não me aproprio de uma única proposição sequer delas, mesmo que de inteira evidência, nenhuma é aceita por mim, nenhuma me fornece um alicerce – enquanto, note-se bem, for entendida tal como nessas ciências, como uma verdade sobre realidades deste mundo. Só posso admiti-la depois de lhe conferir parênteses. Quer dizer: somente na consciência modificante que tira o juízo de circuito, logo, justamente não da maneira em que é proposição na ciência, uma proposição que tem pretensão à validade, e cuja validez eu reconheço e utilizo (HUSSERL, 1913/2006, p. 81).

Além do método fenomenológico, é importante destacar que a Fenomenologia é sobretudo uma atitude: o pensar fenomenológico visa a descoberta dos sentidos e significados dos objetos, independentes das categorias explicativas. Assim, essa atitude é, de acordo com Guimarães (2013, p. 6), a tomada de posição radical do ego que pretende constituir (evidenciar) o mundo a partir de si mesmo. Assim, enquanto para Descartes o ego era uma coisa pensante, “Husserl o toma não como coisa e sim como polo da consciência. Essa atitude fenomenológica pressupõe a consciência como intencionalidade e visa a interação da subjetividade com o mundo”.

Assim, desde já afirmo que a atitude e o método fenomenológico serão fatores primordiais na busca por desvelar o fenômeno estudado. Conforme nos ensina Husserl (1907/2008, p. 22): “o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a Fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”.

Com o propósito de atingir os objetivos anteriormente elencados e responder à questão norteadora seguirei o caminho da pesquisa empírica<sup>10</sup> não-experimental qualitativa de inspiração husserliana.

As metodologias da pesquisa qualitativa são entendidas por Minayo (2004) como capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

De acordo com Husserl (1907/2000), a Fenomenologia procede elucidando visualmente, determinando e distinguindo o sentido. Compara, distingue, enlaça, põe em relação, separa em partes ou segrega momentos – mas tudo no puro ver. Não se propõe a teorizar ou matematizar, nem leva a cabo explicações algumas no sentido da teoria dedutiva.

A pesquisa fenomenológica se caracteriza por flexibilidade em relação aos processos de coleta e análise de dados, ainda que, indispensavelmente, exija do pesquisador uma postura crítica, reflexiva e analítica (TOURINHO, 2011). O

---

<sup>10</sup> De acordo com Titchener (1921/2010), Franz Brentano defendia a Psicologia Empírica, que enfatizava a descrição detalhada das experiências subjetivas e a introspecção para entender a natureza da mente humana. Ele argumentava que a Psicologia deveria se concentrar nas intenções da consciência em vez de buscar causas físicas ou biológicas.



pensamento fenomenológico é essencialmente descritivo (GIL, 2010), privilegiando não a explicação de fatos, mas sua apresentação tal como se mostram à consciência.

A partir disso, segundo Guimarães (2013), a redução fenomenológica compreende três momentos básicos: a redução psicológica, a redução eidética e a redução transcendental, cada qual envolvendo momentos sucessivos de compreensão e interpretação do mundo por meio da intuição e da variação imaginativa.

A redução psicológica refere-se a um esforço também conhecido como *epoché*: a suspensão provisória de nossas crenças, colocando-as “entre parênteses” com o intuito de nos mantermos rigorosamente afastados de predefinições (BORBA, 2010). A redução eidética corresponde à redução à ideia, à essência (*eidós*): para além do puro manifestar-se dos fenômenos, busca-se descrever suas essências. Por fim, a redução transcendental busca vivenciar e evidenciar na ordem da consciência transcendental as essências desveladas no segundo momento. Em resumo, e de acordo com o próprio Husserl (1931/2001, p. 39) a partir da *epoché* fenomenológica, “reduzo o meu eu humano natural e a minha vida psicológica – domínio da minha experiência psicológica interna – ao meu eu transcendental e fenomenológico, domínio da experiência interna transcendental e fenomenológica”.

Conforme abordado anteriormente, o público-alvo da coleta de dados para esta pesquisa foram homens homossexuais cisgênero. Para o acesso aos relatos escritos dos participantes foi utilizado formulário digital via *Google Forms* e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

Esta pesquisa, bem como seu *link* foram divulgadas em redes sociais e aplicativos de mensagens; ademais, foram convidados participantes conhecidos por meu orientador (amostra de conveniência) pelo período de 19 de julho de 2023 a 05 de agosto de 2023, tendo o *link* sendo fechado no último dia. Foi respeitado um período de 10 dias e os dados levantados foram migrados para uma mídia exclusiva para esta pesquisa; desta forma, nada ficou armazenado em nuvem.

Para os critérios de inclusão, foram convidados a colaborar de forma voluntária homens homossexuais cisgênero. Optei por não definir uma idade ou faixa etária como critério de exclusão, justamente pela particularidade do fenômeno que foi investigado.

Para os critérios de exclusão, foram excluídas ou não-convidadas a participar pessoas com relação de proximidade a mim e pessoas que não se identificassem como homens homossexuais cisgênero.

Conforme consta no instrumento de coleta de dados (APÊNDICE A), o e-mail utilizado para responder ao formulário foi suprimido para resguardar o sigilo dos participantes. O instrumento constava de um rápido questionário sociodemográfico com informações tais como idade, estado de residência e local de moradia, em caso de residir fora do Brasil). As Perguntas Disparadoras de 1 a 5 são parte do universo de análise pelas reduções eidética e transcendental das vivências dos participantes, e foram transcritas e agrupadas em categorias a partir dos relatos escritos.

Para cada participante foi indexado um índice e um número: a exemplos, Participante 1 (P1), Participante 2 (P2), e assim sucessivamente. Para a análise, com base na atitude e método fenomenológico, genuína e exclusivamente husserlianos, os relatos escritos foram lidos em conjunto com o orientador que me auxiliou na utilização do método de pesquisa fenomenológico, a fim de elencar as evidências puras do fenômeno em questão. As seguintes etapas foram seguidas:

1 – Envio do convite para participação e retirada de quaisquer dúvidas acerca dela;

2 – Em caso de aceite, encaminhamento do *link* do formulário digital que consta o TCLE;

3 – Suspensão temporária de qualquer valoração teórica, epistemológica, tendo única e exclusivamente, o puro ver, por meio da atitude fenomenológica e das reduções, tal como preconizadas por Husserl em suas obras;

4 – Após a leitura, realizada a redução eidética de todos os relatos escritos, seguido da montagem de esquemas e quadros que sistematizaram descritivamente tal como apareceram os fenômenos autodeclarados;

5 – Por fim, a última e mais importante etapa, a redução transcendental, tendo os fenômenos puros sido acessados diretamente por mim e analisados intencionalmente à luz da Fenomenologia Husserliana.

Após a transcrição, foi realizada a primeira etapa do método, a redução eidética, para se chegar às essências (E) dessas respostas, ou seja, da estrutura invariante. A partir da essência (E) de cada resposta, foram feitas correlações entre as essências extraindo o que havia de similaridades nelas para desvelar individualidades exemplares para, em seguida, descrever os nexos eidéticos.

### **1.5 Estruturação da dissertação**

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: no tópico 2, abordo o fenômeno da homossexualidade e do preconceito contra homossexuais (homofobia) através da História Ocidental. No tópico 3, abordo aspectos referentes à velhice, enfocando no envelhecimento homossexual. No tópico 4, abordo conceitos advindos da fenomenologia husserliana úteis para a compreensão do fenômeno investigado (corporeidade, intersubjetividade e temporalidade). No tópico 5, são abordados a discussão e os resultados obtidos na investigação. Por fim, no tópico 6, são realizadas as considerações finais do trabalho.

## 2 O FENÔMENO DA HOMOSSEXUALIDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA OCIDENTAL

Ao nos debruçarmos sobre o fenômeno da homossexualidade, podemos perceber que esta foi admirada ou condenada de acordo com as normas vigentes nas diversas culturas, sociedades e épocas. Para Trevisan (2018), a permissividade social é basicamente oportunista e, em consequência disso, a tolerância para a homossexualidade varia de época para época, dependendo de fatores externos que acrescentam à prática da homossexualidade maior ou menor periculosidade conforme as necessidades circunstanciais.

Logo, uma vez que a história dos entendimentos culturais da atração pelo mesmo sexo/gênero é relevante para as questões filosóficas e científicas levantadas por esses entendimentos, acredito ser necessário rever brevemente um pouco da história sociocultural da homossexualidade no Ocidente.

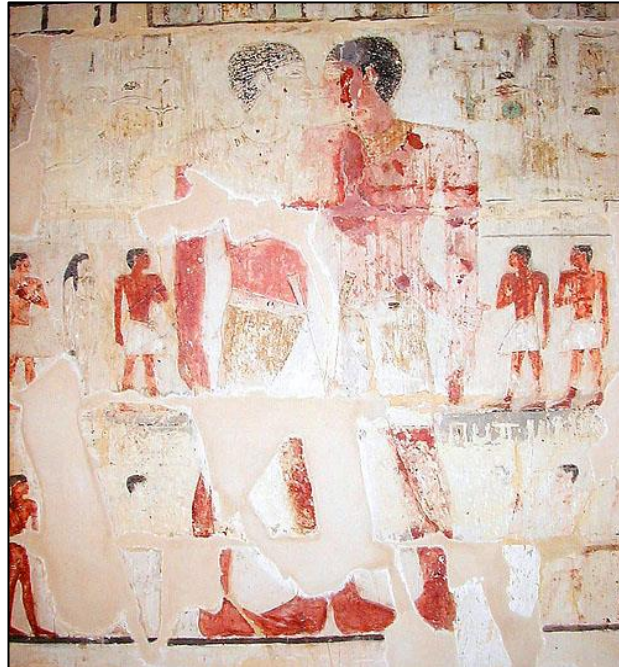
Entretanto, cabe desde já adiantar que o que se entende atualmente por “homossexualidade”, enquanto orientação afetivo-sexual e/ou categoria identitária não deve ser concebido igualmente ao entendimento na maior parte dos períodos históricos que abordarei. O termo “homossexualidade” surgiu apenas no final do século XIX e as discussões sobre sexualidade em geral, e sobre atração por pessoas do mesmo sexo/gênero em particular, ocasionaram em discussões filosóficas variadas.

Sendo assim, durante a maior parte da História Ocidental, o que se entendia por “sodomia”, “inversão”, “pecado nefando” etc. estava ligado, na maioria das vezes, à prática do sexo anal – mesmo em casais heterossexuais. Entretanto, a prática do sexo anal entre homens era entendida de forma mais negativa e punida com penas mais violentas em comparação aos casais hétero. Por fim, o sexo entre mulheres nem sempre era entendido como uma prática desviante, ou mesmo enquanto relação sexual, visto que, no entendimento da sociedade, não envolvia penetração (TORRÃO FILHO, 2000).

Um dos primeiros registros de um casal homossexual na História é o de Khnumhotep e Niankhkhnum, dois homens egípcios que viveram por volta de 2.400 a.C. Este par de manicuros é retratado em um beijo (a mais íntima pose na arte egípcia), rodeado pelo que parecem ser seus herdeiros, mas sem a presença de esposas. Este registro foi encontrado na necrópole de Sacará, Egito e sua tumba é a

única em que são mostrados homens se abraçando e de mãos dadas (EGYPTOLOGY, s.d.).

**Figura 1 - Representação de Khnumhotep e Niankhkhnum rodeado por seus herdeiros num dos pilares de sua tumba**



Fonte: Egyptology (s.d.)

Na Grécia Antiga, em especial em Atenas, o que se tinha por comportamento sexual e erótico era diferente da concepção atual. Na sociedade grega, vigorava um tipo de relacionamento entre homens denominado de “pederastia”: esta era uma relação socialmente reconhecida entre um adulto e um jovem do sexo masculino (geralmente, na adolescência). Luz (2021, p. 70) alerta que o tratamento e a importância atribuída à pederastia na Grécia têm contornos que não se assemelham às “relações contemporâneas da mesma natureza. Havia regras que atendiam a princípios políticos e costumes, tidos como aceitos, que não eram estranhos e alheios às mínimas condições de aceitação dos cidadãos atenienses”.

De acordo com Pickett (2021), as preocupações com o *status* eram da maior importância na sociedade grega: como os homens livres (cidadãos) tinham *status* pleno, mulheres e escravos homens não eram um problema enquanto parceiros sexuais; entretanto, o sexo entre homens livres era problemático para a reputação. Havia uma distinção entre assumir um papel ativo ou passivo na relação

sexual: o papel passivo era aceitável apenas para indivíduos inferiores, tais como mulheres, escravos ou jovens do sexo masculino que ainda não eram cidadãos.

Assim, o ideal cultural de um relacionamento entre pessoas do mesmo sexo era entre um homem mais velho, provavelmente na casa dos 20 ou 30 anos, conhecido como *erastes*, e um garoto cuja barba não houvesse começado a crescer, o *eromenos* ou *paidika*. Nessa relação havia ritual de namoro, envolvendo presentes (por exemplo, um galo), e outras normas. Os *erastes* tinham que mostrar que tinha interesses nobres no garoto, ao invés de uma preocupação puramente sexual. O menino não deveria se submeter com muita facilidade e, quando pretendido por mais de um homem, deveria mostrar discricção e escolher o mais nobre (PICKETT, 2021, on-line, tradução nossa).

Entretanto, mesmo na Grécia Antiga houve restrições punitivas – entre elas, a pena de morte – para as relações entre dois homens adultos que quisessem, porventura, enveredar por uma vida conjugal. Segundo Teixeira Filho (2011), tal sanção não se aplicava necessariamente à homossexualidade (tal palavra sequer existia à época), mas porque dois cidadãos não poderiam se encontrar “presos” pelo amor: o cidadão grego deveria ser livre e o “amor entre iguais era o referente de um amor verdadeiro. Portanto, este poderia fazer que o cidadão se entregasse mais às paixões e menos à *polis*<sup>11</sup>. Já o amor entre um homem e uma mulher não ofereceria perigo, pois não tinha o estatuto de verdade” (p. 55).

Na Roma Antiga, no início da República Romana, as relações homossexuais entre homens livres eram proibidas e punidas com a morte, visto que havia uma legislação contra a pederastia, considerada uma prática degenerada grega e contra o cidadão que exercesse papel passivo no sexo anal; entretanto, cabe destacar que escravos homens poderiam ser utilizados para sexo anal (TORRÃO FILHO, 2000).

Com a aquisição gradual dos costumes gregos, nos anos finais da República e início do Império, os *pater familia* (pais de família, o mais elevado *status* familiar) frequentemente utilizavam as relações entre amo e escravo como forma de ostentar sua autoridade: é importante considerar que, tal como na sociedade grega,

---

<sup>11</sup> Na Grécia Antiga, *polis* significava um pequeno território localizado geograficamente no ponto mais alto da região e cujas características eram equivalentes a uma cidade. Devido às suas características, o termo pode ser utilizado como sinônimo de cidade-Estado. Foram responsáveis por definir um modo de vida urbano que seria a base da civilização ocidental, numa comunidade organizada formada por cidadãos: homens nascidos no solo da *polis*, livres e iguais, que possuíam seu próprio governo (CASTORIADIS, 1987).

a autoridade apenas se daria exercendo um papel ativo nas relações sexuais; os passivos (denominados “catamitas”) eram malvistas pela sociedade.

No Império Romano, a pederastia tinha perdido as restrições enquanto exclusivamente uma forma de educação ritual e se converteu numa forma de satisfação do desejo sexual, ainda que fosse condenada por conservadores. Segundo Torrão Filho (2000), ainda nesse momento, o casamento entre pessoas do mesmo sexo passou a ser permitido, visto que na sociedade romana o matrimônio era um contrato privado e não um ato público ou jurídico. Dos doze primeiros imperadores romanos, apenas um se interessava exclusivamente por mulheres, tendo os demais meninos ou homens como amantes.

Torrão Filho (2000, p. 65), salienta que o amor homossexual não foi trazido da Grécia quando em 146 a.C. a tomada de Corinto reduziu-a a uma província romana: “a bissexualidade, ou a não-distinção do desejo pelos homens ou pelas mulheres, era um dado característico de toda a Antiguidade, principalmente entre as sociedades mediterrâneas”.

Gradualmente, mesmo antes de o Cristianismo se tornar influente no Império Romano, essa sociedade passou a se tornar mais negativa em suas visões em relação à sexualidade, provavelmente devido à turbulência social e econômica (PICKETT, 2021).

No início do século IV d.C., a partir da adoção do Cristianismo pelo imperador romano Constantino, a aceitação social das relações homoeróticas e pederastas foi diminuindo e, posteriormente, sendo condenada. A partir do Código de Justiniano, sistema de leis que dava poder ilimitado ao imperador Justiniano I (483 – 565) promulgado em 529, os homens que praticavam sexo homossexual foram executados, embora aqueles que se mostrassem arrependidos poderiam ser poupados (PICKETT, 2021).

A partir do declínio do Império Romano e sua substituição por vários reinos bárbaros, prevaleceu uma certa tolerância geral para atos homossexuais (com a única exceção da Espanha visigótica). De acordo com Greenberg (1988 apud PICKETT, 2021, on-line), “a lei secular europeia continha poucas medidas contra a homossexualidade até meados do século XIII”. Existem relatos inclusive de uniões entre pessoas do mesmo sexo e a produção de literatura homófila por membros do clero (FARO, 2015).

Durante o Medievo, período da História europeia que se passou entre os séculos V e XV, a “vontade de Deus” era o argumento para todas as ações, mesmo em situações de crueldade. O Papa, representante maior da Igreja Católica Apostólica Romana<sup>12</sup>, passou a ter um poder divino sobre a terra, dividindo o governo das nações com os imperadores e reis. O conhecimento ficou restrito aos nobres e aos clérigos (TREVISAN, 2018).

A Bíblia, coleção de livros catalogados e considerados divinamente inspirados é base para as três religiões abraâmicas: Cristianismo, Islamismo e Judaísmo. Em pelo menos quatro passagens, no Antigo e Novo Testamentos, há possíveis menções à prática homossexual enquanto pecaminosa, “abominável” e seus praticantes merecendo a condenação à morte. No entanto, alguns teólogos e tradutores atuais passaram a reconsiderar tais trechos<sup>13</sup>, acreditando se tratar da prática de prostituição cultural pagã, e não necessariamente práticas afetivo-sexuais entre homens (PICKETT, 2021).

Independente disso, os primeiros pais da Igreja cristã demonstravam horror a qualquer tipo de sexo, embora com o passar das gerações essas visões tenham se atenuado, provavelmente por conta das preocupações práticas em recrutar pessoas para se converter (PICKETT, 2021).

Dentro do Cristianismo, durante o Medievo, houve forte influência da teologia e filosofia de Agostinho de Hipona (Santo Agostinho, 354 – 430) e Tomás de Aquino (1225 – 1274), seja no desenvolvimento dessa religião quanto da filosofia ocidental.

Para Santo Agostinho, haveria uma diferença significativa entre o amor (a realização por conta de Deus) e o desejo (que não tem a ver com Deus); assim, o amor apropriado ocorre quando se subjuga o desejo corporal em homenagem a Deus e se nega o prazer egoísta. O sexo então deveria ter fins exclusivamente de procriação e quaisquer outras expressões da sexualidade (mesmo a ereção do pênis) são consideradas pecaminosas e imorais (TREVISAN, 2018).

---

<sup>12</sup> É importante salientar que, durante o Medievo, precisamente em 1054, aconteceu o evento denominado Grande Cisma, a ruptura entre a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, quando os líderes da Igreja de Constantinopla e da Igreja de Roma se excomungaram mutuamente. O líder da Igreja Ortodoxa é denominado Patriarca de Constantinopla.

<sup>13</sup> Os trechos bíblicos são Levítico (18:22); Levítico (20:13); Epístola de Paulo aos Romanos (1:22-32); 1ª Epístola de Paulo aos Coríntios (6:9-10).



Tomás de Aquino foi influenciado fortemente pela filosofia de Aristóteles e pela teologia de Santo Agostinho, tendo sua postura grande relevância na moral cristã, fixando o marco que classifica o pecado da prática homossexual: ele foi responsável por distinguir dois tipos de pecados, sendo eles *secundum naturum* (segundo a natureza) e *contra naturum* (contra a natureza). A homossexualidade então ficaria incluída entre os pecados *contra naturum*, tendo sua gravidade superada unicamente pelo contato sexual com animais (“bestialidade”) (ROCHA, 2019).

**Figura 2 - Ilustração da morte em fogueira de Puller von Hohenburg e seu servo fora dos muros de Zurique, em 1482, acusados do crime de sodomia**



Fonte: Biblioteca Central de Zurique (1481-1484?).

O primeiro concílio ecumênico a condenar o sexo homossexual (à época, denominado de “sodomia”<sup>14</sup>) foi o Terceiro Concílio de Latrão, em março de 1179, presidido pelo papa Alexandre III. No Cânion 11, é declarado que quem for encontrado cometendo “aquela incontinência que é contra a natureza” será punido,

<sup>14</sup> O termo “sodomia” tem origem bíblica e era originalmente utilizado para designar os atos praticados pelos moradores da cidade de Sodoma, destruída por Deus como punição por seus pecados (Gênesis, capítulos 18 e 19). Na história bíblica, dois anjos em forma de homens chegaram à cidade de Sodoma e foram recebidos por Ló e sua família para passarem a noite. Os homens de Sodoma, cercaram a casa de Ló e exigiram que os visitantes saíssem para ter relações com eles. Ló tentou negociar suas duas filhas virgens para a multidão, que recusou. Os homens sodomitas foram feridos de cegueira e a cidade foi destruída com fogo e enxofre caídos do céu. A partir disso, o termo passou a ser utilizado para designar a prática do sexo anal – inclusive entre homem e mulher.

sendo a gravidade dependendo de ser um clérigo (exoneração do cargo e penitência) ou leigo (excomunhão) (TORRÃO FILHO, 2000).

Os motivos para a mudança de atitudes em relação à homossexualidade não são de todo claro, mas, de acordo com alguns teóricos, ela coincidiu com a aceleração de uma cultura ocidental urbana, burguesa e estatista, pois ao mesmo tempo em que os homens tinham mais liberdade para ter relacionamentos com outros homens, o novo arranjo da sociedade tornou tal atividade mais proeminente e potencialmente desestabilizadora (FARO, 2015).

Adelman (2000, p. 164) acredita que houve um pesado “investimento histórico” feito pelas instituições religiosas sobre “um tipo de sexualidade: aquela que permite a organização social a partir de um determinado tipo de família, baseada num casal heterossexual e monogâmico e que restringe ou privilegia a prática sexual orientada para a procriação”.

Para além disso, Pickett (2021) afirma que na segunda metade do século XII até o século XIV houve um aumento acentuado da intolerância em relação ao sexo homossexual, juntamente com a perseguição aos judeus, muçulmanos, hereges e outros. Embora as causas disso não sejam claras, é provável que o aumento do conflito de classes ao lado do movimento de Reforma Gregoriana tenham sido dois fatores importantes: a própria Igreja começou a apelar para uma concepção de “natureza” como padrão de moralidade, e o desenhou de forma a proibir o sexo homossexual (bem como o sexo extraconjugal, o sexo sem fins de procriação e, muitas vezes, a masturbação).

O período histórico que se passa entre a queda do Império Bizantino (1453) e o início da Revolução Francesa (1789), comumente entendido como Idade Moderna, teve como principal característica o início da globalização, a partir da exploração e colonização do continente americano e estabelecimento de contatos sólidos entre várias civilizações ao redor do mundo. A Europa (o Velho Mundo) passou então a colonizar a América (invadida<sup>15</sup> inicialmente por Cristóvão Colombo em 1492), a Ásia e a África disseminando a religião cristã pelo Novo Mundo. A

---

<sup>15</sup> Apesar de termos sido ensinados por séculos que a América e o Brasil foram “descobertos” pelos europeus, acredito que cabe o uso da palavra “invasão” para se referir a esses eventos. Os povos nativos da América (ameríndios) provavelmente chegaram a esse continente pela travessia do Estreito de Bering há 12 mil anos. As estimativas da população de ameríndios no século XV variam bastante - de 10 a 112,5 milhões de pessoas. A população de indígenas brasileiros em 1500 (quando os portugueses chegaram em nosso país) era de aproximadamente 3 milhões (FUNAI, 2013).

chegada dos primeiros portugueses ao Brasil se deu em abril de 1500 (TORRÃO FILHO, 2000).

Neste momento histórico, aconteceu a Reforma Protestante, movimento que representou um desafio religioso e político para a Igreja Católica Romana e para a autoridade papal. A Reforma foi marcada pelo início do Protestantismo em 1517, quando o alemão Martinho Lutero publicou suas *Noventa e Cinco Teses* como reação contrária aos abusos na venda de indulgências pela Igreja Católica.

A partir desse movimento, como resposta, a Igreja criou a Contrarreforma. O Concílio de Trento, organizado pelo Papa Paulo III, e até hoje o mais longo da História (1545 – 1563), estabeleceu, entre outras medidas, o celibato clerical, a retomada do Tribunal do Santo Ofício, a criação do *Index Librorum Prohibitorum* e o incentivo à catequese dos povos do Novo Mundo, criando novas ordens religiosas (TREVISAN, 2018).

A Santa Inquisição, da qual fazia parte o Tribunal do Santo Ofício, foi um grupo de instituições dentro do sistema jurídico da Igreja Católica Romana com a intenção de combater as heresias, blasfêmias, bruxarias e costumes “desviantes” (TORRÃO FILHO, 2000). O *Index*<sup>16</sup> teve sua primeira versão promulgada em 1559 pelo Papa Paulo IV e continha um índice de obras que se opusessem à doutrina da Igreja Católica, na intenção de prevenir a corrupção dos fiéis, conseqüentemente tornando muito difícil a publicação de livros banidos em vários países como Portugal, Brasil, Polônia etc.

De acordo com Gomes (2010), apesar das diferenças entre si, as sociedades europeias deste período aparentemente convergiram num ponto: compartilharam uma pedagogia moralizadora, que tinha como principal objetivo disciplinar os indivíduos e transformar seus costumes e comportamentos.

É nesse momento de moralização que as autoridades eclesiásticas e civis se preocuparam bastante com a sodomia, tornando essa prática alvo de condenação pelos códigos legislativos das monarquias cristãs ibéricas. De acordo com o padre Rafael Bluteau, religioso taetino e lexicógrafo da língua portuguesa, a sodomia era uma prática que nem mesmo o diabo seria capaz de cometer: “chamasse o demônio Incubo, ou Súcubo, de servir, ora de homem, ora de mulher, no ato

---

<sup>16</sup> O *Index* só foi abolido oficialmente em junho de 1966 pelo Papa Paulo VI, embora até hoje a Igreja manifeste preocupação com determinadas publicações.

carnal, mas nenhum autor se lê que tenha cometido o pecado nefando, prova evidente de que é torpeza tão enorme, que aborrece até ao demônio” (1728, online).

Tal como citado por Aguiar (1926 apud MOTT; FERREIRA, 2013, p. 15) a partir das Ordenações Afonsinas (a primeira consolidação de leis em Portugal, feita no século XV), o pecado de “sodomia” era considerado o pior de todos, não devendo sequer ser mencionado, sob o risco de corromper o ambiente:

Sobre todos os pecados, bem parece ser o mais torpe, sujo e desonesto, o pecado de Sodomia, e não é achado outro tão aborrecido ante Deus e o mundo, pois por ele não somente é feita ofensa ao Criador da natureza, que é Deus, mais ainda se pode dizer, que toda a natureza criada, assim celestial como humana, é grandemente ofendida. Somente falando os homens neste pecado, sem outro ato algum, tão grande é o seu aborrecimento que o ar não o pode sofrer, mas naturalmente fica corrompido e perde sua natural virtude. Por este pecado lançou Deus o dilúvio sobre a terra e por este pecado soverteu as cidades de Sodoma e Gomorra; por este pecado foi destruída a Ordem dos Templários por toda a Cristandade em um dia. Portanto mandamos que todo homem que tal pecado fizer, por qualquer guisa que ser possa, seja queimado e feito pelo fogo em pó, por tal que já nunca de seu eu e corpo e sepultura possa ser ouvida memória.

Cabe assinalar que a execução em fogueira, a partir das Ordenações Manuelinas (1514-1521) tornava o crime equiparável ao de lesa-majestade, ou seja, deveria sofrer as mesmas sanções de quem traísse ao rei ou à monarquia. Para além disso, condenava seus filhos e descendentes à infâmia, proibindo-lhes a ocupação de cargos públicos, além de incitar a delação, prometendo um terço da fazenda dos acusados aos que apontassem culpados (anônima ou publicamente). Da mesma forma, aqueles que soubesse de alguém “desviante” e não delatasse, independente de quem fosse, teria todos os seus bens confiscados e seria degredado para sempre dos reinos e senhorios portugueses. As Ordenações Filipinas (1603) mantêm as penalidades, mas alteram o que se refere à delação: dessa feita, o delator receberia metade da fazenda dos acusados (GOMES, 2010).

É a partir do que é posto nessas ordenações e legislações portuguesas, que os primeiros dois séculos da História de nosso país se constituíram. No Brasil, a expansão do catolicismo foi marcada pela ação das ordens jesuítas junto às populações indígenas nativas.

Em nosso país, o primeiro crime de homofobia registrado aconteceu em 1613, em São Luís, na ilha de Upaon-Açu (atualmente o território que compreende os municípios de São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa). Um

indígena tibira tupinambá foi condenado à morte pelo crime de sodomia pelo frade francês Yves d'Évreux, da Ordem de São Francisco. Ele foi capturado, acorrentado e sentenciado à morte na muralha do Forte de São Luís (onde atualmente está o Palácio dos Leões), junto ao mar, sendo preso à boca de um canhão e tendo uma bala dividindo seu corpo em duas porções. Em 2013, 400 anos após esse crime, Mott e Ferreira (2013), lançaram o livreto *São Tibira do Maranhão: 1613-2013 – Índio Gay Mártir*. Em 2016, participaram da instalação de uma placa com a imagem do “São Tibira”<sup>17</sup> no mesmo local em que o indígena fora sentenciado (Figura 3). A lápide encontra-se na Praça Marcílio Dias, em São Luís.

**Figura 3 - Inauguração da lápide de São Tibira, na praça Marcílio Dias, São Luís, 2016**



Fonte: Revista Híbrida (2021)

Mas este está longe de ser o único caso de homossexualidade entre os indígenas brasileiros: segundo Torrão Filho (2000), há registros de que muitos indígenas se vangloriavam de manter relações sexuais com outros homens

<sup>17</sup> O termo tupi-guarani “tibira” é utilizado para se referir às nádegas ou a indígenas que sejam homossexuais. Muitos indígenas tibiras enalteciam suas relações homossexuais, por considerá-las sinal de coragem e valentia (TREVISAN, 2018). Cabe destacar que o termo “São Tibira” foi cunhado pelos autores como tentativa de propor sua canonização como santo pela Igreja Católica Apostólica Romana ou como homenageado no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria - ambas as propostas não foram adiante.

passivos. Entre os indígenas bororo, não era incomum os jovens adolescentes passarem a fazer parte das *baito*, a “casa-dos-homens”, onde era comum a relação entre eles e homens mais velhos, como forma de iniciação à vida adulta e que favorecia a prática da homossexualidade.

Entretanto, cabe ainda destacar que neste período aconteceu um importante movimento artístico e filosófico entre meados do século XIV e o fim do século XVI: o Renascimento (ou Renascença). Os ideais da Grécia Antiga ressurgem durante esse período e, entre eles, a pederastia – embora, o papel passivo na relação sexual ou o relacionamento entre amantes da mesma idade fossem condenados (TORRÃO FILHO, 2000).

Diversos artistas famosos do Renascimento tiveram relacionamentos homossexuais com homens mais jovens, tais como Michelangelo, Leonardo da Vinci, Caravaggio, Giovanni Bazzi, Francis Bacon e William Shakespeare. A sodomia era considerada o “vício italiano”, em algumas nações europeias; apesar disso, ainda havia forte repressão à sodomia neste país: em Florença foi instituída a instituição *Ufficiali di Notte* (Agentes da Noite) com a intenção de perseguir homens sodomitas (PICKETT, 2021).

Segundo Pickett (2021), nos séculos seguintes, as leis europeias contra o sexo homossexual foram severas em suas penalidades, mas a execução se dava episodicamente. Cabe aqui destacar o Massacre de Sodomitas nos Países Baixos no século XVIII: durante os anos de 1730 e 1731, houve uma severa campanha antissodomia nos Países Baixos que, segundo Crompton (2003), foi a mais grave da História antes da perseguição realizada pelos nazistas. À época, os Países Baixos estavam passando por episódios seguidos de desastres atribuídos, na mentalidade sociocultural, à “ira divina”: uma doença epizoótica no gado, diques ameaçados por vermes, a inundação de Stavoren, o colapso da nave da Catedral de Utrecht, o terremoto de 1692 etc. Tais circunstâncias prepararam a mente dos holandeses para pânico morais e homossexuais tornaram-se uma espécie de “bode expiatório”.

A nave da Catedral de Utrecht, diga-se de passagem, era um ponto de encontro para homossexuais e, a partir do colapso dessa parte da Catedral durante uma tempestade, as autoridades da cidade iniciaram uma investigação a pedido do sacristão. A partir da investigação, outros pontos de encontro foram descobertos e dezenas de homens suspeitos foram presos, julgados e condenados à morte por estrangulamento, afogamento em barril e forca (CROMPTON, 2003).

A chamada Idade Contemporânea ocidental tem seu início a partir da Revolução Francesa, em julho de 1789. Por consequências relativas a esse evento (perda de privilégios da nobreza e clero), a homossexualidade passou a ser cada vez menos um assunto referente à Inquisição Católica ou aos tribunais religiosos, e mais um assunto das autoridades civis.

A capital francesa, Paris, tinha uma subcultura homossexual composta por nobres, operários e homens do povo; muitos homossexuais eram identificados por usarem vestimentas específicas, que utilizavam com o intuito de reconhecer possíveis parceiros: o “uniforme pederástico” era composto de casaco, gravatas grandes, chapéu-coco e laços nos sapatos.

Em 1791, os princípios da Revolução acabaram por descriminalizar a sodomia, visto que o código criminal deste ano deixa de mencioná-la. Entretanto, homossexuais continuaram sendo reprimidos pelo preconceito e pelas “polícias de costumes”, “que procuravam controlar e impedir a desordem, a depravação de jovens por adultos predadores” (TORRÃO FILHO, 2000, p. 158). Cabe assinalar que, o grau em que a sodomia e a atração pelo mesmo sexo eram aceitas variava de acordo com a classe social: a classe média adotava uma visão mais restritiva, enquanto a aristocracia e a nobreza frequentemente aceitavam expressões públicas de sexualidades alternativas (PICKETT, 2021).

O Código Civil Francês, posteriormente denominado Código Napoleônico, foi outorgado por Napoleão Bonaparte e entrou em vigor em março de 1804. Este documento abordava questões do direito civil (pessoas, bens, aquisição de propriedades etc.). A sodomia não esteve mais presente neste código e, a partir das conquistas de Napoleão, tal documento se espalhou a outros países (inclusive o Brasil), tornando esse “crime” removido na lista de crimes capitais (TREVISAN, 2018).

Para Pickett (2021), nos séculos XVIII e XIX, uma estrutura abertamente teológica não tinha mais domínio sobre o discurso da atração pelo mesmo sexo e argumentações e interpretações seculares se tornaram cada vez mais comuns. Nessas discussões, o domínio secular mais importante foi o da Medicina (incluindo a Psicologia).

Tal discurso foi vinculado às considerações sobre o Estado e sua necessidade de uma população crescente, bons soldados e famílias intactas, marcadas por papéis de gênero claramente definidos. Nesse momento, inclusive,

médicos foram chamados pelos tribunais para examinar réus de crimes sexuais. Paralelamente, o aumento significativo nas taxas de frequência escolar, bem como o tempo médio gasto nas escolas, reduziu o contato transgeracional e, conseqüentemente, a frequência do sexo transgeracional: logo, as relações homossexuais entre pessoas com idades mais próximas passaram a ser a “norma”.

Acerca da forte demarcação dos papéis de gênero, é importante entender que tal fenômeno possibilitou a noção do que era normal ou patológico no que concernia à sexualidade: o “homossexualismo” passa a ser uma desigualdade natural entre os sexos que respaldaria a hegemonia do homem heterossexual na ordem burguesa dominante (TREVISAN, 2018).

Os termos “homossexual” e “heterossexual” foram cunhados em 1869 pelo jornalista e ativista dos Direitos Humanos austro-húngaro Karl-Maria Kertbeny (1824-1882). Este jornalista, em sua juventude, foi impactado pelo suicídio de um amigo homossexual que fora chantageado por um extorsionista. Em sua vida adulta, escreveu extensivamente sobre a homossexualidade, que acreditava e defendia ser inata e imutável, um discurso que contrariava a opinião dominante de que os “sodomitas” e “pederastas” eram somente pessoas de “mau-caráter” (BURROWAY, 2008).

Cabe destacar que, mesmo com alguns avanços conseguidos na França, a Europa estava sob forte influência do Reino Unido no auge da moral vitoriana, um contexto que reprovava moralmente e coibia legalmente manifestações homossexuais.

Entende-se por “moral vitoriana” o extrato da moral da sociedade que vivia à época do reinado da rainha Vitória do Reino Unido (1837-1901): tal moral dizia respeito a um conjunto de valores que englobou restrição sexual, pouca tolerância para o crime e um código social de conduta pública rigoroso. Tais valores foram responsáveis por criarem uma mudança geral no Império Britânico e, por consequência das conquistas e colonizações realizadas por esse império, muitos desses valores se espalharam pelo mundo durante o século XIX (DAMETTO; SCHMIDT, 2015).

A expansão das forças policiais no Reino Unido, especialmente em Londres, produziu forte aumento nos processos por sodomia. Destaca-se a Emenda Labouchere ao *Criminal Law Amendment Act* (Ato da Emenda do Direito Penal) de 1885, que tornava atos homossexuais masculinos ilegais.



Foi nesse contexto que, em 1895, se sucedeu o julgamento “mais sensacional do século” (segundo o jornal *The Illustrated Police Budget*) do famoso escritor irlandês Oscar Wilde. Wilde se apaixonou pelo jovem poeta Alfred Douglas e ambos tiveram seu relacionamento descoberto pelo pai de Alfred que contratou detetives e angariou testemunhas contra o escritor. Wilde foi acusado de “indecência” e de manter um bordel masculino em sua casa. Durante os julgamentos, Wilde explicou da seguinte forma a conhecida frase “o amor que não ousa dizer seu nome”, retirada do poema *Two Loves* (Dois Amantes), de Alfred Douglas:

‘O amor que não ousa dizer seu nome’, neste século, é uma grande afeição de um homem mais velho por um outro mais novo, como havia entre Davi e Jônatas, tal como Platão fez a verdadeira base de sua filosofia, tal como alguém encontra nos sonetos de Michelangelo e de Shakespeare. É aquela profunda afeição espiritual que é tão pura quanto é perfeita. Ela conduz e preenche as grandes obras de arte como as de Shakespeare e Michelangelo e essas minhas duas cartas. É neste século incompreendido, tão incompreendido que pode ser descrito como ‘o amor que não ousa dizer seu nome’, e, por causa dele, fui colocado onde estou agora. É bonita, é fina, é a mais nobre forma de afeição. Não há nada inatural nisso. É intelectual e existe repetidamente entre um homem mais velho e um mais novo, quando o mais velho tem intelecto, e o mais novo possui toda a alegria, esperança e *glamour* de vida diante de si. É assim que deve ser, mas o mundo não entende. O mundo o ridiculariza e às vezes coloca alguém no pelourinho por causa dele (WILDE, 1895/1995, p. 35).

Muitos pesquisadores médicos se dedicaram a estudar a sexualidade masculina “desviante”, como Henry Maudsley, George Savage, Daniel Tuke etc. De acordo com Russo et al. (2009), a “primeira onda” de sexólogos (os “protossexólogos”) buscava através do discurso médico construir uma racionalidade biológico/científica sobre as sexualidades periféricas ao casal e à família, contrapondo-se ao discurso legal ou religioso que tendia a criminalizá-las; desse modo, a grande questão que movia estes médicos era a chamada “inversão”.

Richard von Krafft Ebing, psiquiatra alemão, publicou em 1886 o manual de psiquiatria forense *Psycopatia Sexualis*, que se tornou referência no estudo das perversões sexuais. A lógica desse manual busca recurso na noção biológica (natural) de “preservação da espécie”: assim, todo erotismo praticado fora do contexto de relação sexual com vistas à reprodução é considerado desviante (RUSSO et al., 2009).

Para Ebing, o “homossexualismo” era considerado uma insanidade devido a anomalias cerebrais, sinal de doença hereditária do Sistema Nervoso Central e

sinal de degeneração. É possível perceber uma “naturalização” da experiência sexual humana, negando-lhes suas dimensões culturais e desejanças; ademais, de forma paradoxal, as expressões de gênero masculino e feminino, evidentemente culturais, são hipervalorizadas, e o que foge aos padrões regulares de conduta é ignorado e/ou perseguido num âmbito social: “a heteronormatividade apoia-se na natureza, em sentido biológico, a fim de reafirmar os ditames culturais” (DAMETTO; SCHMIDT, 2015, p. 116).

Assim, conforme explicita Pickett (2021), a aplicação da lógica de causalidade mecanicista levou a explicações da sexualidade como inata ou biologicamente orientada, dando lugar a uma noção moderna prevaiente da homossexualidade enquanto uma característica profunda e não escolhida dos indivíduos – independente de agirem ou não de acordo com essa orientação.

Entretanto, é junto a esse entendimento mecanicista que, no final do século XIX e primeira metade do século XX, a visão acerca do “homossexualismo” foi se modificando gradualmente: se este não é um “comportamento escolhido”, não faria sentido criminalizá-lo, visto que as pessoas não estariam escolhendo realizar atos malignos; em contrapartida, estas pessoas poderiam estar expressando um estado mental patológico e, portanto, deveriam ser “curadas” a partir de intervenções médicas. Neste momento, vários médicos psiquiatras fizeram campanhas pela revogação ou redução das penas criminais para a sodomia, mas intervieram no sentido de “reabilitar” os homossexuais e impedir que crianças se “tornassem” assim, como ensinando pais a reprimir comportamentos “afeminados”, reforçar papéis de gênero e punir a masturbação infantil (TREVISAN, 2018).

No início do século XX, técnicas e tratamentos eram empregados com o intuito de inibir o desejo e/ou comportamento homossexual e restaurar a heterossexualidade. As chamadas Terapias de Reorientação Sexual podiam compreender técnicas de diferentes abordagens psicológicas, médicas, cirúrgicas, religiosas e espirituais. Entre as técnicas comumente utilizadas estavam a histerectomia, clitoridectomia, castração, vasectomia, lobotomia, tratamento hormonal, tratamento de choque farmacológico, terapias de aversão, dessensibilização sistemática, eletrochoque, hipnose etc. (BORGES, 2009).

Na década de 1930, na Alemanha, os nazistas<sup>18</sup> se apresentavam como os defensores da moralidade e aqueles que dariam fim ao “vício” da homossexualidade, como forma de ajudar a vencer a luta racial. Quando assumiram o poder em 1933, os nazistas intensificaram a perseguição contra homossexuais alemães, visto que em sua visão eram homens “fracos e efeminados”, incapazes de lutar pela nação alemã. Foram fechados e destruídos livros, obras de arte, bares, casas noturnas e o Instituto de Ciências Sexuais de Berlim (TORRÃO FILHO, 2000).

Em 1935 e 1936, o Ministério da Justiça nazista forneceu uma base legal para estender a perseguição aos homossexuais (“atividades criminalmente indecentes entre homens”) e criou o Escritório Central do Reich para Combate ao Aborto e à Homossexualidade. Entre 1933 e 1945, estima-se que a polícia tenha prendido cerca de 100.000 homens sob a acusação de homossexualidade: a maioria dos 50.000 homens condenados por esse “crime” passou por um período em prisões comuns e de 5.000 a 15.000 deles foram presos em campos de concentração (USHMM, 2023).

De acordo com o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos (USHMM, 2023), os prisioneiros homossexuais vinham de todas as camadas da sociedade alemã. Eram marcados por um triângulo rosa para simbolizar sua homossexualidade e tinham tratamento extremamente cruel nos campos de concentração, estando nos grupos que eram mais abusados pelos nazistas. Na tentativa de “curar” o que acreditavam ser uma doença, eram submetidos a “tratamentos” cirúrgicos como a castração, mutilação, humilhação e trabalho árduo:

Os guardas ridicularizavam e batiam nos prisioneiros homossexuais assim que eles chegavam, frequentemente separando-os dos outros detentos. Rudolf Hoess, comandante de Auschwitz, escreveu em suas memórias que os homossexuais eram segregados para evitar que a homossexualidade se disseminasse entre os demais detentos e os guardas. As equipes encarregadas dos detalhes do trabalho, na fábrica de foguetes subterrânea Dora-Mittelbau ou nas pedreiras de Flossenbürg e Buchenwald, frequentemente atribuíam tarefas fatais para os homossexuais (USHMM, 2023, on-line).

A partir da ascensão do Nazismo e da eclosão da II Guerra Mundial, os sexólogos alemães foram obrigados a migrar para os Estados Unidos. Dessa forma,

---

<sup>18</sup> Nazistas eram pessoas que partilhavam da ideologia do Nazismo (Nacional-Socialismo), forma de fascismo caracterizada por uma ideologia política ultranacionalista e autoritária, poder ditatorial, repressão ferrenha à oposição e forte arregimentação da sociedade e da economia. Posiciona-se à extrema-direita do espectro político tradicional (GERMAN BUNDESTAG, 2006).

uma “segunda onda” de estudos em Sexologia surgiu no pós-guerra, durante os anos 1960 e 1970; a principal característica que distinguiu esse novo momento, além da mudança geográfica, foi a afirmação política das minorias sexuais contra o discurso médico: são deixadas de lado as “perversões” e se passa a debruçar sobre a sexualidade “normal”, voltando suas atenções e arsenal terapêutico para os casais heterossexuais. Ademais, se percebe nesse momento uma tentativa dos estudiosos em aproximar a Sexologia aos estudos e práticas em Psicologia (RUSSO et al., 2009).

Os principais estudiosos de “segunda onda” foram Alfred Kinsey (cujas obras serão expostas adiante), William Master e Virginia Johnson (autores dos livros *Human Sexual Response* e *Human Sexual Inadequacy*, em que listam as perturbações sexuais e seu tratamento, dando início à especialidade da Terapia Sexual) e Helen Kaplan (que complementou a proposta de Master e Johnson, a partir de uma terapia psicológica sexual baseada na psicologia comportamental, com foco no casal e num “treinamento” para ter relações sexuais prazerosas).

Kinsey e colaboradores publicaram os livros *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953) com os resultados de suas investigações que passaram a ser conhecidos como “Estudos Kinsey”. Os resultados de sua pesquisa revelaram que 37% dos homens e 13% das mulheres tiveram atividade sexual com parceiros do mesmo sexo; em contrapartida, apenas 4% dos homens e menos que 3% das mulheres se identificavam como exclusivamente homossexuais. Os estudiosos passaram então a questionar a heteronormatividade e a categorização dos indivíduos em exclusivamente hetero, homo e bissexuais, criando a Escala Kinsey<sup>19</sup> (RUSSO et al., 2009).

Ainda na primeira metade do século XX, a relação sexual heterossexual pré-marital tornou-se gradualmente comum e, eventualmente, aceitável. Entre os fatores que contribuíram para isso estão a popularização dos meios de comunicação e entretenimento (rádio, cinema e, posteriormente, a televisão), a expansão do conhecimento e prática psicanalíticos e avanços em técnicas contraceptivas.

---

<sup>19</sup> A Escala Kinsey busca descrever o comportamento sexual humano ao longo do tempo e em seus episódios num determinado momento: a escala inicia em 0 para comportamento exclusivamente heterossexual e termina em 6 para comportamentos exclusivamente homossexuais. Posteriormente, os autores passaram a usar X (fora do *continuum*) para pessoas de comportamento assexual.

Segundo Russo et al. (2009), a partir disso, a popularização do “sexo por prazer” fora do casamento (isto é, sem fins de reprodução) tornou cada vez mais difícil as argumentações contra as práticas sexuais homossexuais. Somados aos estudos dos sexólogos que consideravam a homossexualidade masculina e feminina como uma variação normal da sexualidade humana, bem como mais comum do que a sociedade heteronormativa até então enxergava, os últimos anos da década de 1960 favoreciam o *Zeitgeist*<sup>20</sup> adequado para a organização dos movimentos para os direitos civis de pessoas LGBTQ+.

Ao longo dos últimos 15 anos, os Estados Unidos possuíam um sistema jurídico anti-homossexual e os primeiros militantes gays buscavam provar que pessoas LGBTQ+ poderiam ser assimiladas pela sociedade. Para além disso, os movimentos sociais de modo geral estavam muito ativos, como o movimento feminista, o movimento dos direitos civis dos negros, a contracultura e as manifestações contra a guerra do Vietnã.

A respeito do movimento feminista, cabe destacar a discussão e criação de um de seus conceitos fundamentais: o gênero. Tal conceito passou a ser utilizado por teóricas feministas a partir da década de 1960 e se popularizou duas décadas depois. O estudo dessa categoria é interdisciplinar, relacional e político; construído nas relações entre homens, mulheres, intragênero e articulado com as “malhas do poder” inseridas nas instâncias sociais e nas relações de força e opressão. De acordo com Joan Scott (1995, p. 77), o gênero se refere ao discurso da diferença dos sexos: “não se refere apenas às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. [...] O gênero é a organização social da diferença sexual”.

Assim, ocorre a diferenciação entre sexo (macho e fêmea) e gênero (masculino e feminino): as percepções socialmente consagradas do que são o feminino e o masculino não se esgotam e nem decorrem necessariamente da genitália e de suas implicações orgânico-psicológicas, mas envolvem construções dos papéis de gênero, exercidos de acordo com narrativas históricas totalmente mutantes.

---

<sup>20</sup> *Zeitgeist* é um termo alemão cuja tradução significa “espírito da época/tempo”. Refere-se ao conjunto do clima intelectual, sociológico e cultural de uma pequena região até a abrangência do mundo todo numa certa época da história, ou às características genéricas de um determinado período de tempo (OXFORD LEARNER’S DICTIONARIES, 2022).

Trevisan (2018, p. 474) aponta que, indignados ante à relativização dos papéis de gênero, grupos conservadores criaram o conceito de “ideologia de gênero”, “partindo da ficção de que existe uma conspiração ideologicamente orquestrada para tentar destruir a estrutura tradicional de família”.

Apesar da precariedade de suas premissas, a ideologia de gênero começou nas altas esferas da hierarquia católica, passando a ser adotada por religiosos de tendência fundamentalista, fossem católicos ou evangélicos. Ao se expandir internacionalmente, sua crença não se restringiu ao setor religioso, e se tornou pauta tanto da direita político-partidário quanto de alguns expoentes da esquerda latino-americana (TREVISAN, 2018).

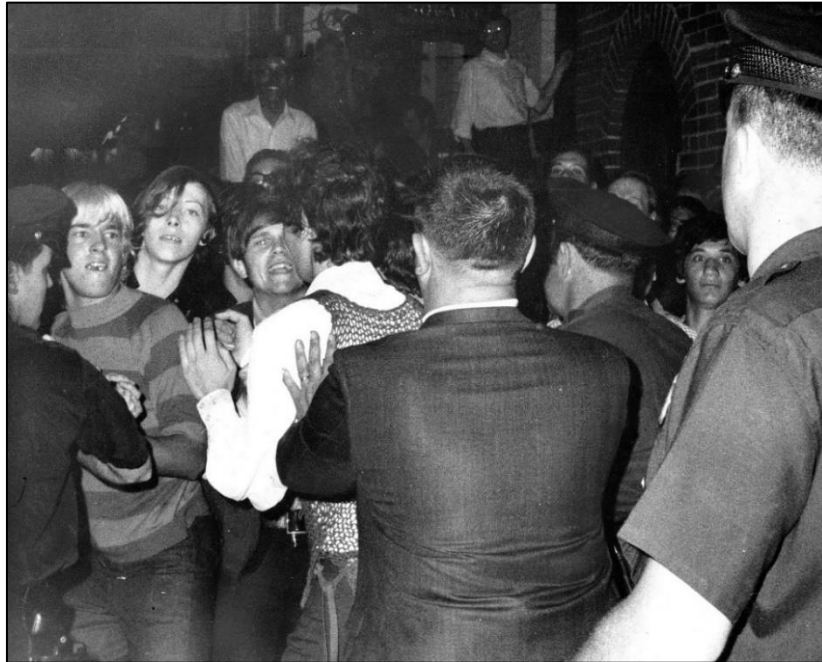
Na madrugada do dia 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn, em Nova Iorque, policiais fizeram uma “batida” no intuito de reprimir e prender homossexuais. Cabe destacar que o bar à época era frequentado por grande variedade de clientes e era especialmente popular entre pessoas pobres e marginalizadas LGBT+ (homens efeminados, lésbicas masculinizadas, travestis, *drag queens*<sup>21</sup>, *drag kings*, prostitutas e jovens sem-teto). De forma espontânea, os clientes e jovens sem-teto que eram acolhidos pelo bar começaram a enfrentar a polícia, numa reação até então inédita, como fotografado na Figura 4. Isso fica perceptível no depoimento do cliente do Stonewall, Michael Fader (CARTER, 2010, p. 160, tradução nossa):

Todos nós tivemos um sentimento coletivo, como se já tivéssemos aguentado o suficiente esse tipo de merda. Não era nada tangível que alguém dissesse nada a mais ninguém, e não foi uma demonstração organizada [...] Todos os tipos de pessoas, por todas as razões diferentes, mas na maior parte era uma indignação total, uma raiva, uma tristeza, tudo combinado, e tudo simplesmente funcionava. [...] E nós sentimos que finalmente tínhamos liberdade, ou pelo menos, liberdade para mostrar que exigíamos liberdade. Nós não iríamos caminhar humildemente durante a noite e deixá-los nos empurrar por aí – foi como estar no seu território pela primeira vez e de uma maneira muito forte e isto surpreendeu a polícia. Havia algo no ar, uma liberdade muito atrasada, e iríamos lutar por ela. Tinha formas diferentes, mas a conclusão era de que não iríamos embora. E não fomos.

---

<sup>21</sup> *Drag queen* é uma pessoa que se veste de forma extravagante e exagerada, geralmente utilizando roupas, maquiagem e acessórios associados ao estereótipo de feminilidade. São frequentemente artistas performáticas que se apresentam em clubes, bares, festas ou outros eventos. *Drag kings* tipicamente são mulheres ou pessoas designadas como mulheres que se vestem e apresentam com roupas, maquiagens e acessórios associados ao estereótipo de masculinidade.

Figura 4 - Única foto do motim ocorrido no primeiro dia da Rebelião de Stonewall



Fonte: History.com (1969/2021)

Na sequência dos acontecimentos em Stonewall, grupos de gays e lésbicas começaram a se organizar nos Estados Unidos e ao redor do mundo na criação do movimento de liberação gay, que reivindicava o fim da opressão e discriminação de pessoas LGBTQ+. Segundo Trevisan (2018), ao longo da década de 1970, não apenas nos Estados Unidos, mas ao redor do mundo, surgiram movimentos, grupos de apoio, paradas, seminários com o intuito de “tirar do armário” da sociedade heteronormativa os próprios indivíduos LGBTQ+ e, conseqüentemente, discutir a homossexualidade como uma orientação sexual não-patológica e uma identidade: a “identidade gay”.

É também nesse momento que é cunhado pelo psicólogo judeu-americano George Weinberg o termo “homofobia” para caracterizar sentimentos de medo, aversão, ódio e repulsa para com a homossexualidade, bem como também atitudes preconceituosas e negativas em relação aos fenômenos relativos aos homossexuais.

Ainda na década de 1970, a partir dos estudos científicos e discussões do movimento LGBTQ+, a American Psychiatric Association (APA) retira o “homossexualismo” como um distúrbio da seção de Desvios Sexuais na terceira edição de seu *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-III)* – embora substitua o “diagnóstico” para uma categoria mais branda

(homossexualidade egodistônica, entendida como o sofrimento por se entender enquanto não-heterossexual), retirado posteriormente em 1986 no DSM-III-R (APA, 2009). Em 1985, a APA cria a Divisão 44 (*Society for the Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*), destinada a realizar pesquisas, promover práticas, psicoeducação e treinamento em defesa de questões relacionadas à orientação sexual e diversidade de gênero.

É também no ano de 1985 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) passa a adotar o termo “homossexualidade” em substituição a “homossexualismo” (o sufixo “ismo” associado à doença), presente no Código Internacional de Doenças (CID-9) enquanto distúrbio mental. Na edição seguinte do CID (CID-10), publicada em 1990, a homossexualidade não está mais presente.

Em 1981, nos Estados Unidos, a comunidade médica passou a diagnosticar sintomas de pneumonia pelo fungo *Pneumocystis carinii* (PCP), uma infecção oportunista incomum e casos de sarcoma de Kaposi, um tipo raro de câncer de pele. Após a aparição de vários casos, um alerta foi emitido ao Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) designando-a, em determinado momento, como a “Doença dos 5 H’s”, referindo-se a homossexuais, haitianos, hemofílicos, heroinômanos (usuários de heroína) e *hookers* (profissionais do sexo). Na imprensa, a doença era chamada de “GRID”, sigla de *Gay-Related Immune Deficiency* (Deficiência Imunológica Relacionada aos Gays, em tradução livre) ou ainda “Câncer/Peste Gay” (TIMERMAN; MAGALHÃES, 2015).

Apenas em setembro de 1982, quando ficou comprovado que a doença não se restringia a homossexuais, o CDC começou a se referir à doença enquanto AIDS (sigla de *Acquired Immunodeficiency Syndrome*, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Em 1983, dois grupos de pesquisa independentes conseguiram isolar o novo retrovírus que, em 1986, foi denominado *Human Immunodeficiency Virus* (HIV, Vírus da Imunodeficiência Humana).

Após décadas de intensa produção médico-científica, a pesquisa genética indica que o HIV surgiu no centro-oeste africano durante o início do século XX, muito provavelmente originado em primatas. Atualmente, pessoas que convivem com o HIV que sejam adeptas ao tratamento antirretroviral conseguem reduzir a carga viral no organismo alcançando um nível chamado de “indetectável”, que também se torna intransmissível. A AIDS é considerada uma pandemia, visto que o surto da doença



ainda é presente numa grande área e tem se espalhado ativamente (TIMERMAN; MAGALHÃES, 2015).

Apesar dos avanços, ainda há forte discriminação a pessoas que convivem com o HIV/AIDS: a prática do sexo anal ou homossexual é frequentemente associada à infecção pelo vírus, a ideia de que a AIDS está associada exclusivamente aos gays, a crença de que pessoas com o vírus são promíscuas, perigosas, vetores de doenças etc. são alguns dos exemplos recorrentes de preconceito sofrido pela população LGBTQ+ acerca do tema.

Apesar dos avanços obtidos a partir dos movimentos LGBTQ+, em especial pela visibilidade que essas pessoas passaram a ter, houve dois reveses críticos: a pandemia de AIDS e uma reação anti-gay. Nas décadas de 1950 e 1960, os movimentos de contestação à ordem e aos bons costumes ganharam força nos Estados Unidos e Europa. No Brasil, apesar de o discurso de liberação sexual ter repercutido, a intensa repressão aos movimentos sociais que contestavam o regime ditatorial, em especial após o Ato Institucional Número 5 (AI-5)<sup>22</sup>, freou as possibilidades de organização do movimento LGBTQ+ brasileiro (TREVISAN, 2018).

Em 1999, como forma de impedir a contínua patologização da homossexualidade por psicólogos, que utilizavam de crenças religiosas para promover tratamento para orientações sexuais não-hétero<sup>23</sup>, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), a partir da Resolução nº 001/1999 estabeleceu normas de conduta para a categoria profissional, determinando que psicólogos não podem oferecer cura ou tratamento para a homossexualidade, visto esta não ser um transtorno mental; os psicólogos também devem evitar reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais.

---

<sup>22</sup> O AI-5 foi o quinto decreto emitido pela ditadura militar após o golpe de estado de 1964 no Brasil. Emitido pelo então presidente Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968, as consequências imediatas de tal decreto foram o fechamento do Congresso Nacional e Assembleias Legislativas, censura prévia de obras artísticas, imprensa e outros meios de comunicação; ilegalidade das reuniões políticas não-autorizadas pela polícia; poder ao presidente para decretar a suspensão dos direitos políticos dos cidadãos considerados subversivos, etc. (TREVISAN, 2018).

<sup>23</sup> No ano anterior à publicação da Resolução em questão, foi realizado o 3º Encontro Cristão sobre Homossexualismo, promovido pela Exodus Brasil. Tal evento contou com a colaboração do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, à época com cerca de 280 filiados. A partir das denúncias do Grupo Gay da Bahia (GGB) e da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT) acerca das discussões e proposições presentes no encontro, o CFP foi cobrado a se posicionar e agir contra a estigmatização e patologização da homossexualidade, frequentemente legitimadas por psicólogos(as) filiados(as) ao Sistema de Conselhos (ARAGUSUKU; LARA, 2019).

Aragusuku e Lara (2019) apontam que, desde a publicação dessa resolução, tal documento vem recebendo constantes questionamentos e ataques cada vez mais elaborados e articulados, mobilizando diversos grupos e sujeitos tanto no Legislativo quanto no Judiciário, vinculados fundamentalmente a um conservadorismo cristão que vem se rearticulando na esfera pública e nas disputas políticas em todo o Brasil.

Exemplo disso foi a liminar do juiz Waldemar Cláudio de Carvalho de determinar que o CFP não deveria interpretar a Resolução de modo a impedir os psicólogos de promoverem estudos ou atendimento profissional, “pertinente à (re)orientação sexual, garantindo-lhes, assim, a plena liberdade científica acerca da matéria, sem qualquer censura” (CARVALHO, 2017 apud ARAGUSUKU; LARA, 2019, p. 15).

Tal decisão sofreu fortes críticas da comunidade científica e da sociedade em geral, e o juiz realizou algumas modificações, dessa vez defendendo a liberdade de pesquisa e tratamento da “orientação sexual egodistônica”, especificada pelo CID-10 (F66.1). Como visto no tópico anterior, tal classificação foi suprimida no CID-11, publicado em 2018.

De acordo com Trevisan (2018), com um admirável senso de oportunidade, o campo conservador apropriou-se do conceito de “ideologia de gênero” e o tornou uma de suas bandeiras no Brasil. Sua estratégia proselitista criou ilações fáceis entre feminismo, teoria *queer* (em especial, os estudos de performatividade de gênero e orientação afetivo-sexual) e comunismo, com o que atraiu a convergência de vários espectros conservadores e fundamentalistas. Na defesa da “família tradicional brasileira” adotou-se um foco de oposição bastante amplo contra questões de gênero nas escolas, prática de aborto, novas estruturas familiares, programas de educação sexual e casamento e adoção homoafetivo, direitos de pessoas transgênero e políticas LGBTQ+ em geral.

Exemplo disso é o veto ao material didático *Escola sem homofobia*, pertencente ao programa *Brasil sem homofobia*. Este material pretendia capacitar educadores, em nível nacional, para abordar de modo construtivo as questões de gênero e sexualidade. Apelidado de “Kit Gay”, foi derrubado em 2011 e acusado de ser “doutrinador”, pois favorecia a discussão sobre gênero e orientação sexual no âmbito escolar.

Em 2015, algo semelhante ocorreu: a retirada, em alguns estados, das discussões acerca de identidade de gênero, orientação sexual e diversidade dos Planos Estaduais de Educação, planos esses que traçam diretrizes para o ensino nos próximos dez anos. Ademais, neste mesmo ano, foi aprovado o projeto PL 6583/2013 de autoria do deputado Anderson Ferreira (PR-PE), que define família como “núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher”, excluindo tantas outras formas conhecidas - e agora não-(re)conhecidas - entendidas como familiares.

A visão social heterossexista – que coloca a heterossexualidade como única orientação afetivo-sexual aceita ou possível – inclui preconceitos individuais e institucionais anti-LGBT+, o que inclui comportamentos de violência. Atualmente, o Brasil ocupa o primeiro lugar dos países com maior quantidade de registros de crimes homofóbicos do mundo, seguido pelo México e Estados Unidos. Estima-se que uma pessoa LGBT+ morre no país por conta da homofobia (homicídio ou suicídio) e cerca de 70% dos casos de homicídios ficam impunes.

Em relatório referente ao ano de 2022, o Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, coordenado pelo Acontece – Arte e Política LGBTI+ e pelo Grupo Gay da Bahia, produziu o relatório *Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil*. Cabe assinalar entretanto, que as próprias organizações responsáveis pela sistematização do relatório apontam para a provável subnotificação dos casos no Brasil, visto que não existem dados governamentais oficiais e são utilizadas informações disponíveis na mídia – o que torna a metodologia dependente do reconhecimento da identidade de gênero e da orientação sexual das vítimas por parte dos veículos de comunicação que reportam as mortes.

De acordo com esse dossiê, os dados acumulados nas últimas três décadas apontam para uma tendência de crescimento no número de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil. No ano de 2022, foram registradas 273 mortes de pessoas LGBT+, sendo 228 assassinatos, 30 suicídios e 15 por outras causas.

Dentre os segmentos analisados, a população de travestis e mulheres transexuais foi a que mais sofreu com mortes violentas (159 mortes – 58,24%), seguida pela população de homens gays (96 mortes – 35,16%), mulheres lésbicas (8 mortes – 2,93%), homens transexuais e pessoas transmasculinas (8 mortes – 2,93%), pessoa não-binária (1 morte – 0,37%) e pessoa de outro segmento (1 morte – 0,37%).

O Maranhão apresentou um número de 15 mortes violentas de LGBTQ+, tendo uma média de 2,21 morte por milhão e figurando como o sexto estado com maior número. Os estados mais violentos foram Ceará, São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais e Rio de Janeiro, respectivamente.

Em nosso país, cabe destacar que as lentas mudanças na equidade de direitos civis de pessoas LGBTQ+ são resultados de um processo intenso de lutas, protestos e discussões a partir dos movimentos sociais e políticos. Há um papel importante dos ativistas, dos coletivos, dos grupos de militância e das paradas LGBTQ+ organizadas em todo o país.

As primeiras paradas LGBTQ+ no Brasil aconteceram no final da década de 1990, inicialmente com algumas centenas de pessoas atrás de carros de som e segurando cartazes. Com o passar dos anos, as paradas foram ganhando força ao longo do Brasil. A Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo é considerada a maior parada LGBTQ+ do mundo, levando à Avenida Paulista anualmente cerca de 3 milhões de pessoas e, nas edições de 2011 e 2022, atingindo o recorde de 4 milhões de participantes.

Um avanço acerca do combate à violência e discriminação contra pessoas LGBTQ+ ocorreu em junho de 2019, a partir da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) nº 26 que decidiu em favor da criminalização da LGBTQfobia, reconhecendo-a enquanto crime de racismo (Lei nº 7.716/89) até o Congresso Nacional elaborar legislação específica sobre o tema.

A visão heterossexista também é responsável por excluir aqueles que não se encaixam no padrão e privilegiar aqueles que seguem sua norma; um desses privilégios é o casamento civil e a negação ao casamento entre pessoas do mesmo sexo/gênero.

No século XXI, o reconhecimento legal do casamento entre pessoas do sexo ou gênero (conhecido também por “casamento homoafetivo” ou “casamento igualitário”) passa a ganhar força em alguns países, sendo reconhecido inicialmente no dia 1º de abril de 2001 nos Países Baixos. No Brasil, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou a Resolução nº 175/2013 que vedava aos cartórios a recusa de habilitar e celebrar casamentos entre pessoas do mesmo sexo ou gênero, estabelecendo então o casamento homoafetivo no Brasil; tal decisão entrou em vigor no dia 16 de maio de 2013.

Entretanto, no dia 10 de outubro de 2023, a Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei que proíbe o casamento homoafetivo e a união estável entre pessoas do mesmo sexo. O texto votado proíbe qualquer união de pessoas do mesmo sexo e cria a possibilidade de que elas possam constituir “união homoafetiva por meio de contrato em que disponham sobre suas relações patrimoniais” (ARONZO, 2023, on-line).

Na prática, a união homoafetiva, de acordo com o texto, entraria num novo dispositivo legal, a fim de permitir que pessoas do mesmo sexo possam, exclusivamente para fins patrimoniais, constituir união homoafetiva por meio de contrato. Ademais, pelo texto, as partes de uma união homoafetiva são consideradas “contratantes”, a união em si denominada de “contrato” e os dispositivos “casamento” e “união estável” ficam restritos às relações heterossexuais. O texto seguirá para as comissões dos Direitos Humanos e Constituição e Justiça da Câmara (ARONZO, 2023).

Após realizar este resgate histórico da homossexualidade no Ocidente, perpassando pelos diversos preconceitos e lutas políticas e sociais enfrentados, realizarei um levantamento acerca do que a literatura científica aborda sobre o envelhecimento de pessoas LGBTQ+ (em especial, no que tange aos homens gays).

### 3 O ENVELHECIMENTO HOMOSSEXUAL

O ser humano cumpre ciclos temporais com seu corpo existindo entre disposições da natureza e da cultura. Nesse sentido, Josgrilberd (2017, p. 299) argumenta que estas são fases humanas que se desdobram no tempo e podem ser compreendidas em relação a elas mesmas como “ciclo em relação ao todo das fases. [...] Essas fases acontecem como um processo de interação entre pessoas e como um processo generacional de pessoas na natureza, essa já modificada pela cultura”.

O envelhecimento provoca alterações no indivíduo ao decorrer da vida, o que provocam mudanças corporais, psicológicas e sociais. Assim, a velhice é estabelecida através de diversos critérios remodelados de acordo com o momento e lugar, sendo absorvido de formas particulares, conforme a conjuntura vivenciada e as pessoas implicadas (ARAÚJO; CARLOS, 2018).

Conforme refletem Siqueira, Botelho e Coelho (2002, p. 904),

A velhice é compreendida como fenômeno natural e social que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível, que na sua totalidade existencial, defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento.

Alguns estudos sobre velhice utilizam termos como “melhor idade”, “terceira idade”, e são alvos de críticas, por tentarem transmitir uma imagem suavizada do envelhecimento; ademais, o termo “melhor idade” não diz respeito a todos os idosos, tendo uma parcela significativa desse grupo vivenciado aspectos negativos da velhice. Assim, o envelhecimento é um processo irreversível e a “aceitação deste seria mais adequada do que a negação da velhice através de nomenclaturas suavizadas, afinal o uso delas já reflete o preconceito” (SANTOS; ARAÚJO; NEGREIROS, 2018, p. 59).

Em nossa realidade sociocultural, somos condicionados desde cedo a valorizar e exaltar a juventude com características estereotipadas relacionadas à beleza, vigor, disposição e capacidade exacerbada de produção. Assim, conforme apontam Crenitte, Miguel e Jacob Filho (2019), o processo de envelhecimento tende a ser um desafio na sociedade, principalmente por seu caráter social e pela desvalorização dessa fase da vida. Tal situação pode ocorrer por meio da discriminação com o uso de jargões que reforçam os mitos e estereótipos negativos

que cercam a velhice e o envelhecer, levando o indivíduo a não reconhecer seu lugar de pertencimento na sociedade durante esse período da vida.

De acordo com Araújo e Carlos (2018), nas representações da sociedade, o envelhecimento está atrelado a várias perdas, tais como a autonomia, a debilidade física, o adoecimento, a incapacidade laboral, acreditar ser um fardo para os mais jovens, estar numa fase da vida que aspira cuidados. Logo, estar velho é sinônimo de feiura, ausência de possibilidades afetivo-sexuais e proximidade com a morte.

Na sociedade contemporânea, em que o corpo robusto, ativo e sexualizado ocupa um lugar de destaque, a velhice traz incômodo: o corpo não responde como o esperado, as alterações fisiológicas o vulnerabilizam e alterações psicológicas podem desembocar em medo, depressão e isolamento social (ARAÚJO; CARLOS, 2018).

De acordo com Souza (2022), os novos significados que surgem na atualidade como o envelhecimento ativo e a busca da jovialidade nos idosos ampliam o conceito de envelhecimento para além do ciclo vital, pois, considerando-se como referência a idade cronológica das pessoas, observa-se que o marco físico muitas vezes parece incompatível com o cronológico – ainda que isso não se sustente por tempo indeterminado e nem seja possível a todas as pessoas.

O autor ainda aponta que, num cenário marcado por mudanças velozes do conhecimento e dos valores culturais, caracterizado pela globalização e pelo consumismo – que trata objetos, pessoas e relações como obsoletos –, envelhecer é uma experiência geradora de insegurança e mal-estar para o sujeito contemporâneo, sendo possível identificar na prática psicológica clínica pessoas em estado de intensa vulnerabilidade e vivenciando com aflição seu processo de amadurecimento. Para além disso, Souza (2022) assinala um intenso movimento de evitação possível de implicar que, além da experiência existencial de confronto com a finitude de que se reveste, passe a ter um peso adicional de caráter cultural que pode reduzir possibilidades de vivências significativas e ricas na construção da subjetividade durante toda a vida.

Vivemos uma transição demográfica em que a população brasileira está se tornando mais velha. Segundo dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características Gerais dos Moradores* (IBGE, 2022), o número de pessoas abaixo dos 30 anos de idade caiu 5,4%, enquanto houve aumento em todos os grupos acima dessa faixa etária no período. Com isso, pessoas de 30 anos

ou mais passaram a representar 56,1% da população total em 2021. Tal fenômeno é resultado de diversos fatores, como a queda da taxa de natalidade, o aumento da expectativa de vida e avanços na área da saúde. No que tange ao estado do Maranhão, 8,3% da população é idosa (critério: acima de 65 anos), o que corresponde a cerca de 567.667 pessoas (FGV SOCIAL, 2020).

Segundo Gomes (2021), a necessidade de políticas sociais mais humanas e inclusivas são demandas abertamente discutidas pela sociedade que busca se tornar mais comprometida com o combate à violência e discriminação em razão da raça (racismo), gênero (sexismo) e orientação sexual (homofobia, para utilizar um termo amplo). Porém, “ainda se faz necessário realizar um exercício fundamental e valorizado pelas ciências sociais e humanas, que consiste em desnaturalizar nossas certezas” (pp. 47-48).

Os etarismos podem ser definidos como o preconceito e a discriminação em razão da faixa etária/idade. Segundo Gomes (2021), é tido como preconceito porque habita nossos valores mais profundos, interiorizados e transmitidos de geração para geração; é tido como forma de discriminação porque pode se traduzir em atitudes violentas, exteriorizadas no meio social em que vivemos. Os etarismos provocam ainda a reprodução de estereótipos relacionados à pessoa idosa e pode ter, como resultado, dinâmicas de segregação, violência e apagamento destes sujeitos.

Crenitte, Miguel e Jacob Filho (2019) salientam que, de modo geral, a velhice tende a ser considerada hétero-cis-normativa, ou seja, supostamente composta por pessoas que atendem a normas sociais estabelecidas por ideais heterossexuais e cisgêneros, “o que dificulta ainda mais a visibilidade da diversidade e a complexidade existente nas diferentes esferas da população idosa, com uma forte tendência à generalização e com discursos rasos acerca desse tema” (p. 52).

Para Souza (2021a), as barreiras e interdições que impedem pessoas idosas de viverem sua sexualidade são, antes de tudo, limitações estabelecidas pela sociedade. Para tanto, a autora salienta, a partir das narrativas de pessoas velhas LGBT+, que não é incomum que ocorra a capitulação aos discursos de transgressão, anormalidade e pecado que ouviram ao longo de toda a vida e, aos quais resistiram, em nome de ter uma existência confortável e digna.

O que existe no Brasil em termos de repúdio, marginalização e exclusão da população LGBTI+ não está mais atrelado nem à lei, nem à medicina, mas



aos costumes opressivos e retrógrados de uma sociedade tradicionalmente dominada por patriarcalismo e machismo exacerbados, que faz questão de não reconhecer a legitimidade de qualquer expressão da sexualidade e de identidade de gênero fora da heterossexualidade e da cisgeneridade, isto é, do estrito binarismo de gênero homem-mulher, baseado no órgão genital de nascimento (SOUZA, 2021a, pp. 145-146).

Assim, essas situações também podem ser reforçadas pela geração de pessoas idosas que tiveram sua orientação sexual ou identidade de gênero reprimidas por culpa, preconceitos e/ou medos. Tal processo pode desembocar na homofobia internalizada, uma forma de preconceito que pessoas LGBTQ+ tem por si própria, motivada por fatores variados (crenças religiosas, normatizações de corpo e gênero, saúde mental etc. Esse contexto acaba favorecendo a negação de sua orientação sexual ou identidade de gênero, na tentativa de se adequarem às normas e serem socialmente integradas (CRENITTE; MIGUEL; JACOB FILHO, 2019).

Ainda de acordo com os autores, a homofobia internalizada, assim como a violência estrutural de caráter LGBTQfóbico, são aspectos que favorecem a invisibilidade das velhices LGBTQ+ e o isolamento social dessas pessoas. Dessa forma, a superação e a ressignificação desses estigmas ao longo da vida são essenciais para garantirem o envelhecimento e velhice bem-sucedidos, com relações afetivas e sociais que garantam seu suporte nessa fase (CRENITTE; MIGUEL; JACOB FILHO, 2019).

De acordo com Gomes (2021), tornar-se idoso é fato que intersecciona outras diferenças também na população LGBTQ+ – entre elas, as diversas orientações sexuais e identidades de gênero. Assim, no contexto desse grupo específico, “a lógica da discriminação baseada na ideia de que constituem ‘minorias’ pode ser diluída pelos estereótipos negativos da generalização implícita na expressão de ‘uma velhice qualquer’” (GOMES, 2021, p. 49) – o que pode levar ao entendimento de que não existem diferenças ou peculiaridades entre uma população idosa não-LGBTQ+ e uma população idosa LGBTQ+, relegando ao esquecimento (ou mesmo invisibilização) de aspectos importantes relacionados à diversidade afetivo-sexual e de gênero.

Acontece então um duplo apagamento da população idosa LGBTQ+, que guarda relação com representações sociais negativas em virtude do preconceito contra a pessoa idosa já enraizado na sociedade: a convicção de “velhice assexual” pode solapar o reconhecimento da própria população LGBTQ+, uma vez que o senso

comum leva a crer que pessoas idosas, que partilham uma “velhice convencional”, não exercem ativamente sua sexualidade (GOMES, 2021).

Souza (2021a) afirma que a sociedade não alivia, pelo contrário, amplifica o estigma sobre as velhices LGBTQ+: a estigmatização, que começa muito cedo na vida dessas pessoas atinge seu apogeu na velhice quando estas se tornam ainda mais socialmente desprotegidas e fisicamente indefesas. Com suas condições físicas e mentais quase sempre abaladas pelo estresse de toda uma vida de assédio e violências variadas, as velhices LGBTQ+ enfrentam dupla ou tripla discriminação: em razão da idade, da orientação afetivo-sexual e/ou da sua identidade de gênero.

Santos, Araújo e Negreiros (2018) apontam que, ao falar sobre a experiência de envelhecer, é comum que idosos LGBTQ+ falem sobre uma tríade de dificuldades: 1) o aceite de si mesmo, 2) o aceite do outro e 3) o medo do futuro, os quais ocasionam o que se entende por negação da identidade sexual. Tal negação surge da internalização do preconceito sexual (homofobia internalizada), do medo de sofrer preconceito, do receio de ser agredido, dos pensamentos e dos desejos incompreendidos.

Assim, quando os padrões LGBTQ+ são ameaçados pelas mudanças advindas com o envelhecimento ocorre a negação da velhice: os idosos buscam para si artefatos que os deixem com aparência jovem. O corpo do idoso não se adequa à homonormatividade<sup>24</sup>, visto que o que atualmente tem sido valorizado é a juventude (simbolizada pela beleza, atratividade, força, adaptabilidade, criatividade, produtividade, consumo, esperteza, agilidade, versatilidade e rapidez) (SANTOS; ARAÚJO; NEGREIROS, 2018).

Crenitte, Miguel e Jacob Filho (2019) salientam que para pessoas LGBTQ+ o corpo tem uma dimensão social e simbólica forte e mutável: homens gays são cobrados socialmente para terem um corpo “musculoso” e “masculino”. Assim, são forçados a atender a essa necessidade social para serem aceitos, gerando visualmente uma forma de distinção e identificação, dentro e fora do grupo gay, atendendo a um padrão relacionado também ao poder. Enfrentam a necessidade de

---

<sup>24</sup> A homonormatividade normaliza determinadas práticas e modos de vida a partir de estilos de vida de certas “elites gays”, gerando exclusão e hierarquização entre outros homossexuais: é uma “nova máscara da norma que, disfarçada sob um apelo integrador e tolerante, restringe as possibilidades de invenção da sexualidade e dos prazeres” (SANTOS; LAGO, 2013, p. 121).

se adequarem ao padrão social de beleza e de jovialidade esperado miticamente pela sociedade, sendo esse um dos principais estereótipos enfrentados.

É nesse contexto que a presença do duplo preconceito se manifesta na sociedade: na visão do idoso LGBTQ+, ocorre um duplo estigma, visto que muitos passaram a vida negando sua orientação sexual e agora, passam a negar a velhice como forma de evitar os estereótipos advindos dos protótipos de ser idoso e LGBTQ+. É diante deste panorama que se sabe acerca da invisibilidade deste grupo: a invisibilidade surge das dificuldades sentidas pelos idosos LGBTQ+ em frequentar espaços públicos, socializar, incidência de homicídios e suicídios (SANTOS; ARAÚJO; NEGREIROS, 2018).

Chaves e Britto (2021) alertam que tal perpetuação da invisibilidade do envelhecimento LGBTQ+, em diferentes esferas, dificulta a elaboração de políticas públicas que viabilizem, não apenas a melhora da qualidade de vida dessa população, mas o acesso aos serviços mais básicos para se viver de forma digna, consequentemente podendo provocar pouco acesso aos serviços de saúde, redução da longevidade e da qualidade de vida, sentimento de constrangimento ou discriminação.

Souza (2021b) enumera oito fatores que influenciam radicalmente o bem-estar (ou mal-estar) das velhices LGBTQ+: 1) orientação sexual, identidade de gênero e envelhecimento, 2) desejo, 3) solidão, 4) indigência financeira, 5) saúde, 6) habitação, 7) redes sociais de proteção e 8) segurança jurídica.

O primeiro fator se refere às peculiaridades do envelhecimento de pessoas com orientações afetivo-sexuais e identidades de gênero não-hétero-cis-normativas. De acordo com Souza (2021b), o preconceito e o repúdio existente contra pessoas LGBTQ+ jovens atinge graus ainda mais elevados quando se trata de velhices LGBTQ+, sobre as quais “recai adicionalmente um pesadíssimo julgamento moral em razão da idade” (p. 9).

Como exemplos disso, nos ouvidos da sociedade, a expressão “velho viado” traz uma carga pejorativa e degradante muito maior que a expressão “jovem viado”. Em casos em que um homem gay mais velho tem um relacionamento com um homem mais jovem é imediatamente classificado como “papa anjo” ou, no pior dos casos, como “pedófilo”. Para além disso, há mesmo uma “vigilância ostensiva e intimidadora, fora e dentro do gueto LGBTQ+, sobre a idade limite em que alguém pode se assumir como homossexual” (SOUZA, 2021b, p. 9).

Souza (2021a) aponta, inclusive, que pessoas LGBTQ+ podem desenvolver uma verdadeira “fobia de envelhecer”, expressa no temor ao envelhecimento e nas tentativas de buscar o que estiver ao alcance para parecer “menos velho”; homens homossexuais temem não apenas a perda da liberdade e regalias da juventude, mas ficar com o corpo flácido, enrugado e sem atrativos, o que significa “não poder mais oferecer nenhuma atração pessoal na concorridíssima corrida pelo sexo” (SOUZA, 2021a, p. 147).

Souza (2021a) aponta que, conforme pessoas LGBTQ+ envelhecem, começam a ficar limitadas as suas chances de participar ativamente da “comunidade”: seja por culpa do próprio universo que privilegia abertamente o fulgor da juventude, seja pelo afastamento ativo desse ambiente, recolhendo-se algumas vezes a uma vida mais pacata. Tal afastamento pode acontecer de forma espontânea ou forçada, “que tem mais sabor de expulsão, de exclusão e marginalização por parte das pessoas LGBTQ+ mais jovens. Nesse caso, a amargura toma conta e a vida se torna cheia de tristeza e raiva por se sentir cruelmente alijada do meio” (p. 147).

Como segundo fator, Souza (2021b) aponta o desejo de expressão da sexualidade e da identidade de gênero. Para a autora, questões relacionadas ao desejo sexual e à expressão da identidade de gênero de pessoas idosas continuam sendo tratadas com muito conservadorismo, preconceito, discriminação e desrespeito, especialmente quando são velhices LGBTQ+: são tantos os bloqueios e interdições que a sociedade estabelece para a vivência plena do sexo e da identidade de gênero a partir de uma certa idade, que é como se esses itens, bem como seus questionamentos, devessem desaparecer por completo da vida dessas pessoas (SOUZA, 2021b).

Exemplo disso é a concepção de “velhice assexual”: convicções rotineiras sobre a sexualidade “inexistente” ou “invisível” de pessoas idosas no geral. De acordo com Vieira, Coutinho e Saraiva (2016, p. 198),

no envelhecimento, a sexualidade varia tanto quanto os demais comportamentos, mas isso não implica necessariamente uma redução drástica da resposta sexual, já que ela depende fundamentalmente da atitude que cada pessoa adota diante da vida. Ocorre de maneira extremamente individual e não se processa do mesmo modo em todas as épocas, nem sequer da mesma forma em todos os indivíduos.

Assim, velhices LGBT+ que, desinibidamente, confessam ainda se interessar por sexo são vistas como um misto de suspeição e descrédito, como se estivessem “furando” um bloqueio de idade, pré-estabelecido pela natureza, a partir da qual os indivíduos devem necessariamente deixar de se interessar por sexo – em especial, se forem pessoas não-heterossexuais (SOUZA, 2021b).

A crença de que o envelhecimento e a ausência das vivências sexuais estejam inexoravelmente ligados é errônea e, de certa forma, contribui para o desconhecimento e preconceito acerca da sexualidade da pessoa idosa, o que, conseqüentemente, ocasiona prejuízos na qualidade de vida dessa população.

Como terceiro fator, Souza (2021b) aponta a solidão e o abandono: pelo estilo de vida independente e solitário adotado, muitas pessoas LGBT+ não desejam, conseguem ou se forçam para manter relações afetivo-sexuais estáveis com uma mesma pessoa ao longo da vida.

Muitos reconhecem, quase como fato trágico e definitivo, que estarão sozinhas ao final da vida. Alguns podem contar com a presença ou assistência de parentes próximos ou acionar antigas amigas, nem sempre disponíveis. Tais constatações também podem interferir negativamente nas possibilidades de experimentação e de expressão da sexualidade de uma pessoa idosa LGBT+ (SOUZA, 2021a).

Souza (2021b) chama a atenção para o comportamento de certas pessoas LGBT+ que, quando velhas, declaram repúdio à orientação sexual e/ou identidade de gênero assumidos durante a vida inteira. Pode acontecer, nesses casos, a tendência de “se renderem”, ao final de suas vidas, aos *discursos* de transgressão, anormalidade e pecado que ouviram ao longo de toda a sua jornada, e ao qual, de um jeito ou de outro, tiveram que resistir, em nome da sua própria sobrevivência” (SOUZA, 2021b, p. 14, grifo da autora), no intuito de não ficarem (ou se sentirem) sozinhas ou desamparadas.

O quarto fator posto por Souza (2021b) é a indigência financeira. Pessoas idosas, de modo geral, lutam para sobreviver com um orçamento apertado, fazendo manobras para que caibam os aumentos sucessivos nas contas de moradia, alimentação, saúde e transporte (sem contar com aumentos correspondentes às suas pensões e aposentadorias). No que concerne às velhices LGBT+, a insolvência financeira por falta absoluta de oportunidades de trabalho é uma forma poderosamente sutil de punir, excluir e violentá-las.

Como quinto fator está a saúde, visto que pessoas LGBTQ+ alegam resistência ou dificuldades em obter tratamento adequado às suas condições no Sistema Único de Saúde (SUS) e em ambientes de saúde privada. Em especial, no que concerne às velhices LGBTQ+, essas pessoas podem se sentir constrangidas de reportar suas condições de vida e saúde e recear receber uma assistência inadequada, moralista, discriminatória e preconceituosa (SOUZA, 2021a; SOUSA, 2021b).

Santos, Araújo e Negreiros (2018) alertam que, quanto à questão de políticas públicas de saúde, enfatiza-se a imagem de dificuldade, o preconceito da sociedade e a importância de possuir recursos financeiros próprios para se ter qualidade de vida. Os estigmas e a discriminação são considerados alguns dos principais motivos de não-procura dos idosos LGBTQ+ aos serviços de saúde. É importante assinalar que, “mesmo que haja a política nacional de saúde LGBTQ+, as atitudes profissionais devem ser adequadas na prática, os serviços de saúde na atualidade reforçam o sentimento de desamparo sentido por idosos LGBTQ+” (SANTOS; ARAÚJO; NEGREIROS, 2018, pp. 64-65).

O sexto fator referido por Sousa (2021b) é a habitação: de modo geral, em nosso país, as casas não são preparadas para as limitações de movimento das pessoas idosas e as famílias cuidam das suas velhices com pouco ou nenhum preparo, de modo improvisado e precário. A autora ainda alerta que, constantemente, velhices LGBTQ+ reportam o descaso, abandono e mesmo repúdio com que são recebidas e tratadas em asilos públicos; é comum reportarem dificuldades e interdições para alugarem quartos e imóveis – mesmo tendo recursos financeiros, é forte o preconceito e discriminação de senhorios e vizinhança em relação a pessoas LGBTQ+.

Consequentemente, temendo ser vítimas de preconceito, maus-tratos e abusos, e precisando viver (e conviver) nesses tipos de moradia, muitas velhices LGBTQ+ “voltam para o armário no final das suas vidas ou, pior ainda, renunciam inteiramente à ideia de um dia vir a sair dele” (SOUSA, 2021b, p. 18).

As redes sociais de proteção são o sétimo fator trazido por Sousa (2021b): referem-se ao conjunto de pessoas, profissionais e instituições públicas e privadas interagindo e atuando para a garantia de direitos, acolhimento e amparo a grupos identitários e segmentos sociais específicos. Nos últimos anos, “redes virtuais de proteção” foram criadas e se mantêm como aliadas fortes no resgate,

defesa de direito e formação de grupos de apoio, proteção e convivência. Exemplo que já mencionei anteriormente é o Movimento *EternamenteSOU*, nascido em 2017 na cidade de São Paulo que desenvolve um trabalho integrado e multidisciplinar com um grupo de voluntários de modo a favorecer a inclusão social e protagonismo de idosos LGBT+, proporcionando uma velhice digna e ativa, além da garantia de direitos humanos e promoção da cidadania LGBT+.

Por fim, o último fator elencado por Sousa (2021b) é a segurança jurídica: ainda que não haja nenhuma lei ou resolução especificamente voltada para a segurança jurídica de velhices LGBT+, as vitórias jurídicas obtidas nos últimos 20 anos no Brasil (conforme abordado no tópico anterior) aponta que a população LGBT+ foi contemplada (obviamente a partir de muitas lutas e movimentos sociais) com direitos que eram vistos como próximos ao impossível pelas gerações anteriores. Entretanto, várias outras demandas permanecem em aberto: “o futuro das velhices LGBT+ no Brasil é inseparável do futuro de todos os demais segmentos da população LGBT+” (SOUSA, 2021b, p. 21).

Logo, da mesma forma como a população do país tem envelhecido a olhos vistos, a parcela de pessoas LGBT+ idosas continuará aumentando substancialmente, fazendo com que a luta por tratamento digno e respeitoso constitua uma das frentes mais relevantes de atuação dos movimentos LGBT+ doravante (SOUSA, 2021b).

Henning (2014), a partir de extensa revisão de literatura acerca dos estudos sobre diversidade sexual e etarismo, propõe o estabelecimento de ao menos quatro momentos singulares no percurso da gerontologia<sup>25</sup> LGBT+: o primeiro momento corresponde à constatação e reafirmação dos estereótipos negativos acerca do “envelhecimento gay”, historicamente localizado no final dos anos 1960 até a segunda metade da década de 1970. Nesse momento, o olhar da literatura científica permaneceu bastante colado às representações sociais negativas disponíveis para o envelhecimento e velhice de homens homossexuais nos Estados Unidos e Reino Unido. As representações sociais eram marcadas por imagens de depressão, solidão, invisibilidade por perdas sociais, físicas e estéticas, desvalorização do mercado erótico, preconceito pelo avanço da idade dentro e fora do público LGBT+, redução ou ausência de redes de suporte social etc.

---

<sup>25</sup> Gerontologia é o estudo do envelhecimento nos aspectos biológicos, psicológicos, sociais, etc.

Cabe destacar ainda que uma das hipóteses iniciais surgidas no primeiro momento da gerontologia LGBTQ+ foi a ideia de envelhecimento acelerado (*accelerated aging*): homens homossexuais se perceberiam como velhos mais cedo e se sentiriam adentrando à meia idade em idades anteriores àquelas experimentadas pela contrapartida heterossexual. Tal hipótese, apesar de ainda contar com muitos apoiadores, tem recebido críticas a partir de uma ideia contrária: a de que homens e mulheres homossexuais, por não receberem uma expectativa/pressão social como a imposta a pessoas heterossexuais, podem se sentir e/ou se perceber como “jovens por mais tempo” (*younger for longer*).

O segundo momento dos estudos em gerontologia LGBTQ+, de acordo com Henning (2014), é marcado por uma crítica e desconstrução de estereótipos negativos e pela assunção de um tom *gay positive* na literatura científica. Tal momento está historicamente localizado entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980.

Não apenas circunscrita ao envelhecimento homossexual, mas perpassando uma imagem positiva da homossexualidade, os psicólogos passam a discutir a necessidade de uma Terapia Afirmativa (ou ainda, Psicologia Afirmativa) – tal necessidade é uma reação à heteronormatividade dominante na Psicologia até então. Esta vertente passa a ser desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e Reino Unido, acumulando um corpo considerável de formulações teóricas e dados clínicos (HENNING, 2014).

Seus fundamentos consistem num conjunto de pressupostos teóricos sobre a homossexualidade, bem como numa “atitude clínica” especificamente voltada para o desenvolvimento de uma identidade homossexual positiva. É importante salientar que tal vertente não se trata de uma abordagem ou modelo psicoterápico único, mas “se distingue por questionar as visões tradicionais que encaram a homossexualidade como patologia ou manifestação imatura da sexualidade” (BORGES, 2009, p. 14).

Cabe destacar que neste momento histórico, houve expansão dos debates, conquistas e visibilidade dos movimentos de liberação homossexual, resultando no fato de que gerontólogos norte-americanos tentaram desafiar e desconstruir a imagem do *old queer* solitário e amargo. Os debates também percorreram a Gerontologia Social, área de estudo focada no processo das representações do envelhecer ao longo da História, bem como na atuação política



dentro da Gerontologia, visando o andamento de uma velhice com qualidade de vida e da modificação do enfoque negativista deste momento.

Alguns estudiosos, na grande maioria da Sociologia, foram conhecidos como *gay positive gerontologists* (gerontólogos do envelhecimento gay positivo): entre eles, podemos destacar Douglas Kimmel, Raymond Berger e Richard Friend. Friend (1991), por exemplo, é responsável por criar uma Teoria do Envelhecimento Bem-Sucedido (*Theory of Successful Aging*) na tentativa de “explicar ou prever [...] se uma determinada pessoa lésbica ou gay envelheceu com sucesso ou não” (HENNING, 2014, p. 109, tradução nossa).

Segundo Henning (2014), os estudiosos deste momento na gerontologia tenderam a contrariar pesquisas anteriores do primeiro momento, refutando estereótipos anti-gay, em especial no que concerne às imagens negativas acerca do envelhecimento e da velhice. Entretanto, justamente por prover exemplos contrários e defender análises e representações sociais mais alentadoras, em alguns casos,

incorriam na ignorância de experiências sociais que se aproximavam de tais estereótipos negativos ou na obliteração dos efeitos perversos e por vezes devastadores da experiência cotidiana do estigma e da discriminação acumulada através dos anos nas vidas de gays e lésbicas. Portanto, tais pesquisadores acabavam correndo o risco – e muitas vezes sendo acusados – de apresentar interpretações forçosamente ‘felizes’ das realidades analisadas (HENNING, 2014, p. 134).

O terceiro momento da literatura gerontológica LGBT+ é marcado por uma diversificação de questões e análises empíricas diferentes, com aumento da atenção a envelhecimentos de lésbicas e a tímida aparição de abordagens que se ocupam do envelhecimento de bissexuais e transgêneros. Tal momento se inicia a partir dos anos 1980 e se mantém até o final dos anos 1990. Nele ocorre proliferação de publicações e pesquisas voltados ao envelhecimento de mulheres lésbicas e aumento nas perspectivas comparativas entre os envelhecimentos dos dois gêneros, bem como na pluralidade dessa documentação (HENNING, 2014).

Por fim, o último momento da literatura gerontológica LGBT+ se desenvolve entre os fins dos anos 1990 até os dias atuais, onde ocorre um “giro pragmático”. O foco deixa de ser discussões teóricas balizadoras para enfatizar atenções e preocupações a propostas de ação gerontológica prática. Tais propostas se direcionam no sentido de criação de políticas públicas, de programas de educação temática, esclarecimento e defesa de direitos civis, o fomento ao estabelecimento de instituições e organizações específicas voltadas à administração

direta de problemas enfrentados por LGBT+ idosos. Dentre os problemas a serem enfrentados por essa população estão

moradia a preços acessíveis, formação de cuidadores de idosos com ‘competência cultural’ para lidar com diversidade sexual e de identidade de gênero, a criação de uma agenda de lutas contra o preconceito em relação aos mais velhos ‘intra e extra-comunidades LGBT’, a defesa de demandas gerontológica anti-homofóbicas no contexto de instituições de saúde e estatais, entre outras (HENNING, 2014, p. 138).

No meio acadêmico, discute-se pouco sobre a população idosa LGBT+: segundo Rocha (2021), a carência de estudos e produções acadêmicas na área, de dados demográficos específicos, além de outros fatores sociais e culturais, colaboram com atitudes homofóbicas e desencoraja muitas pessoas LGBT+ a “sair do armário” – por consequência, reforçam a não-inclusão de orientação sexual e identidade de gênero em estudos epidemiológicos.

Ainda de acordo com Rocha (2021), quanto à saúde mental de idosos LGBT+, os contextos de exclusão, discriminação e violência devem ser considerados como indicativos de maior vulnerabilidade social e níveis de estresse. Também são relevantes as transformações físicas e o enfrentamento de tabus sociais – a exemplo de sexualidade e expressão da orientação sexual, geralmente marcadas “pelo silenciamento, seja por medo, por constrangimento ou por falta de acolhimento e empatia por parte dos profissionais e rede de saúde” (p. 91).

No que tange à assistência em saúde de pessoas idosas LGBT+, dois enormes desafios são a participação social e representatividade em instâncias que possam garantir a efetivação de políticas públicas que alinhem os estudos acadêmicos com o reconhecimento da existência desta população duplamente discriminada e estigmatizada. Assim, existe um longo percurso até a construção de saúde integral para a população idosa LGBT+, que carece ainda de serviços especializados nos quais os usuários “sejam reconhecidos como pessoas constituídas de saberes, memórias, vivências e experiências que vão além da procura por cuidados em relação à saúde sexual” (ROCHA, 2021, p. 91).

Após um breve levantamento acerca da literatura recente produzida acerca do envelhecimento homossexual, abordarei no próximo tópico acerca dos conceitos de corporeidade, intersubjetividade, temporalidade e mundo-da-vida a partir da perspectiva da Fenomenologia Transcendental.

#### 4 CORPOREIDADE, INTERSUBJETIVIDADE E TEMPORALIDADE NA COMPREENSÃO DO FENÔMENO

De acordo com Missagia (2016), a exposição da constituição da intersubjetividade na Fenomenologia está intimamente relacionada com o “problema do corpo”. Nossa vivência concreta no mundo-da-vida e o modo como nos dirigimos aos objetos se dá necessariamente através da mediação do nosso corpo e suas faculdades sensíveis. Entretanto, nem sempre isso é explicitamente tematizado no mundo-da-vida e, no mais das vezes, tal aspecto fica subentendido na nossa experiência.

Husserl (1913/2006) faz uma distinção entre o corpo enquanto coisa física (*Körper*) e corpo “vivo” ou “animado” (*Leib*). O *Körper* diz respeito aos aspectos estritamente materiais e físicos do corpo, do que este tem em comum com todos os objetos do mundo, abstraindo da sua conexão com uma consciência. Por outro lado, *Leib* refere-se ao corpo enquanto algo vivo, animado por uma “alma” e que envolve todos os aspectos psicológicos da consciência.

É especialmente a partir da noção de corpo vivo (*Leib*), enquanto experiência vivida desta corporeidade, que a investigação fenomenológica demonstra seu caráter crítico e reflexivo na busca por ampliar os debates propostos nesta pesquisa, intimamente relacionada com a temática das subjetividades de homens gays envelhecendo.

Husserl desenvolve especialmente na Quinta Meditação cartesiana (1931/2013), o tema da corporeidade.

Assim entrelaçados de modo peculiar com as somas, enquanto objetos *psicofísicos*, estão eles *no* mundo. Por outro lado, experencio-os, ao mesmo tempo, como sujeitos para este mundo, como tendo experiência deste mundo, deste mesmo que eu experencio, e, portanto, como tendo experiência de mim próprio, de mim, tal como experencio o mundo e, portanto, aos outros (HUSSERL, 1931/2013, p. 129, grifos do autor).

A partir dessa ideia, é possível refutar a ideia de que o mundo seria constituído de uma maneira solipsista, como fizeram e fazem muito dos críticos de Husserl. O mundo, na concepção fenomenológica husserliana, não tem uma constituição que se dá apenas na esfera do eu: não tem o “eu” enquanto único partícipe da consciência intencional, uma vez que esta reconhece a existência de outros polos subjetivos através da intersubjetividade (HUSSERL, 1931/2013).

Assim, a partir de um ponto de vista husserliano, o ser humano é indissociável de sua carne, sem o qual o ser-no-mundo não existiria: pode experimentar momentos de dualidade quando em situações desagradáveis (doença, cansaço, velhice, precariedade etc.) ou agradáveis (sensualidade, ternura, prazer etc.) e sentir que seu corpo lhe escapa, que excede o que ele é: entretanto, conforme pondera Souza (2022, p. 36), dualismo é diferente de dualidade, porque fragmenta a unidade da pessoa, faz parte de um discurso social que torna episódios de dualidade um destino naturalizado, muitas vezes de forma implícita: assim, “este dualismo presente no discurso não divide corpo e alma, é mais disfarçado e sob múltiplos modos, distingue o ser humano de seu corpo”.

Souza (2022) também chama a atenção para a época em que nos encontramos: vivemos num momento em que há o privilégio da técnica, do mercado, do consumo e da aparência – que faz com que o peso, a idade e a forma de se vestir obtenham caráter mais importante do que o caráter, os valores éticos e as experiências obtidas ao longo da vida. Não é incomum, diga-se de passagem, que desde a juventude, homens gays priorizem o cuidado excessivo com a busca por estar num padrão de jovialidade, corpo sarado e realização de procedimentos estéticos. Desse modo, uma cultura cada vez mais individualizada estimula os indivíduos a voltarem-se cada vez mais para si mesmos, cada vez mais desamparados de suporte social.

Por essa perspectiva, Souza (2022) reflete que talvez todas as exigências sobre os sujeitos na atualidade, todas as possibilidades e recursos que dizem que a responsabilidade por sua saúde e corpo são exclusivamente próprias, estejam implicadas no desejo de perfeição por padrões de ser. Logo, o envelhecimento posto como responsabilidade individual diante dos produtos e procedimentos anti-idade disponíveis no mercado, bem como das variadas formas de manipular o corpo vão de encontro ao processo da vida e às diferentes possibilidades econômicas, genéticas e psíquicas de cada sujeito. Seria possível talvez falar também de “um desaparecer de si no excesso das modificações no corpo, que apesar de figurar também como forma de aparecer aos outros na busca da aprovação social ou beleza, pode resultar também em uma imagem grotesca de si” (SOUZA, 2022, p. 39).

Conforme Josgrilberg (2017), Husserl mantém a ideia de um devir humano por etapas, desdobramentos de elos entrelaçados, que vai dos primeiros

movimentos e habitualidades do ser vivo até às sínteses da razão. Sua vida é, portanto, um permanente devir pessoal resultado de uma permanente intencionalidade de desenvolvimento. A vida humana é um curso pessoal com etapas de autorreflexão e autorresponsabilidade, desde o ser reflexivo de particularidades (e atos ocasionais) até o nível de autorreflexão e autorresponsabilidade universal pela aquisição da consciência de autonomia, da ideia de uma vontade livre e bem determinada, formando com sua vida pessoal uma unidade sintética de uma vida universalmente responsável.

Ainda de acordo com Josgrilberg (2017), a subjetividade capaz da leitura do ponto de vista transcendental é uma subjetividade encarnada e o corpo é visto numa dimensão em que o nexos geracional oferece duas visões paralelas: uma que trabalha como natureza e outra das apropriações intencionais que o ser humano faz – essas visões paralelas da ciência empírica e da fenomenologia (que explora a relação especial com o sentido das coisas, de si e do mundo) são essenciais uma à outra.

A fenomenologia husserliana valoriza a exploração da subjetividade e da experiência individual. Isso é particularmente relevante no contexto do envelhecimento de homens homossexuais, uma vez que cada pessoa terá uma experiência única desse momento. A abordagem fenomenológica incentiva a consideração das experiências pessoais, das mudanças na percepção de si mesmo e das relações com os outros à medida que se envelhece.

Um aspecto importante da experiência do outro é que o vivenciamos não apenas como o sujeito de um corpo vivo tal como o nosso, mas com um sujeito que também é capaz de se reconhecer tal como somos e tal como nós mesmos nos reconhecemos: enquanto ser psíquico e físico que experencia e se relaciona com o mundo, os outros e a si mesmo de modo particular. Assim, ainda que o outro seja visto como uma alteridade a qual não tenho acesso direto, ele também é vivenciado como análogo ao meu próprio eu, “de modo que posso, indiretamente e por analogia, compreender suas experiências e compartilhar delas. Do mesmo modo, concebo o outro como igualmente capaz de partilhar das minhas próprias experiências” (MISSAGIA, 2016, p. 43).

A partir dessa perspectiva, o corpo passa a ser um elemento-chave na apreensão da alteridade, o meio primordial através do qual temos contato com o outro: não temos acesso em “primeira pessoa” às vivências dos outros, mas é

justamente pelo contato com outros corpos vivos que somos capazes de conhecer a alteridade peculiar representada pelos demais sujeitos.

De acordo com Borba (2022), o outro é meu análogo e não é; sem ele, nos privamos da possibilidade de entrar em contato com os fenômenos originariamente humanos e presentes no mundo-da-vida; já na sua presença, tomo consciência de quem sou e como estou-no-mundo-com-o-outro: “é nessa relação de entropatia que tomo consciência de minha existência, do meu corpo, das limitações, das possibilidades, do meu lugar no mundo e, também, da finitude” (p. 16).

Missagia (2016; 2017) afirma que a intersubjetividade está intrinsecamente relacionada à questão do ato empático, tido enquanto reconhecimento e validação do outro a partir da corporeidade. Husserl aponta que as experiências de intersubjetividade não se dão fora de uma auto experiência, uma vez que um ego (eu) estabelece um vínculo intencional com outro ego, a partir de uma analogia, na qual reconheço o outro enquanto um vivente do mundo que experencio e que tem um corpo e vivência semelhante àquela em que existo.

Assim, a percepção da experiência do outro seria impossível em sua via original, uma vez que o experencio a partir de mim mesmo, levantando a noção de emparelhamento (*Paarung*) para a compreensão deste vínculo que confere unidade à experiência vivida dos entes.

Conforme Missagia (2017), a experiência da subjetividade se dá sempre a partir de um corpo que é doador de sentido ao eu, e exerce um papel fundamental no ato perceptivo – não somente por ser portador de sentidos que permitem a apreensão do mundo, mas por ser a referência do aqui e agora na percepção do sujeito.

Conforme visto anteriormente, se para Husserl tudo o que podemos entender como verdadeiro ser não é outra coisa que não um acontecimento intencional de minha própria vida cognoscente, isso não quer dizer que a percepção seja o único modo de conhecer a realidade. A experiência mediata, através do corpo animado que tenho do outro também é um modo válido de experiência. “O que se me apresenta através do corpo animado (*Leib*) é outra subjetividade irreduzível a mero polo intencional de minha subjetividade: o idealismo transcendental situa-se então no polo da intersubjetividade transcendental” (ZILLES, 2008, p. 34). A redução fenomenológica conduz a duas estruturas universais da vida reciprocamente fundadas: minha vida e a do outro.

Husserl aponta que eu sou para mim, e todo outro eu o é para mim, sujeito de sua primordialidade e das intracepções (*Einfühlungen*) por ele motivadas. Embora o filósofo distinga a vida imanente do próprio eu, nela encontra-se implícita a imanente vida dos “outros”, sem confundir-se com a própria esfera primordial. Há, assim, uma recíproca apercepção intersubjetiva do “eu e de seu eu oposto” (*sein Gegenüber*): “O oposto do eu tem que ser outro eu. Ao ego só pode opor-se, propriamente, um *alter ego*” (ZILLES, 2008, p. 35). Assim sendo, na experiência do meu próprio corpo radica a experiência da subjetividade alheia, de uma segunda via transcendental diferente da minha.

A intersubjetividade transcendental, conforme Zilles (2008), apresenta as seguintes características:

- a) constitui-se puramente em mim, no ego que medita;
- b) constitui-se para mim a partir de minha pura intencionalidade;
- c) mas é tal que, ao constituir-se em cada modificação de outros, é a mesma, apenas num modo subjetivo de diferente apresentação;
- d) constitui-se, por sua vez, como portadora necessariamente do mesmo mundo objetivo;
- e) é propriamente essencial deste mundo transcendental constituído em mim, por necessidade eidética, a de ser também um mundo humano;
- f) está constituído com maior ou menor perfeição na interioridade psíquica de cada um dos homens em vivências intencionais, em sistemas potenciais da intencionalidade;
- g) este sistema potencial da intencionalidade implica um horizonte indefinidamente aberto.

Sokolowski (2012) apresenta três níveis distintos de estrutura temporal de acordo com a visão fenomenológica:

1. O tempo do mundo (também chamado de “tempo cósmico” ou “tempo objetivo”) refere-se ao tempo que pertence aos processos e eventos mundanos. É público e verificável: o tempo sendo medido é localizado no mundo, no espaço comum em que habitamos.

No contexto do envelhecimento, tal conceito se relaciona com as mudanças físicas e sociais que ocorrem à medida que as pessoas envelhecem. Para homens homossexuais, essa noção de tempo do mundo pode incluir considerações sobre como a sociedade percebe o envelhecimento, quais são as

expectativas sociais em relação à juventude e como o estigma relacionado à idade afeta essa população.

2. O tempo interno (também chamado de “tempo imanente” ou “tempo fenomenológico”) pertence à duração e às sequências de atos e experiências mentais, aos eventos da vida da consciência. Não é público, mas privado. Os atos e experiências intencionais seguem uns aos outros, e podemos também chamar de volta certas experiências através da memória.

No contexto do envelhecimento, esse tempo se refere às experiências pessoais de homens homossexuais à medida que envelhecem. Eles podem refletir sobre suas próprias memórias, experiências passadas e como o tempo afetou sua identidade e autoimagem. Além disso, o tempo interno permite a reflexão sobre a própria jornada de envelhecimento, com todas as suas complexidades e mudanças.

3. A consciência do tempo interno é o estar consciente de ou a consciência de tal temporalidade interna. Segundo Sokolowski (2012), esse terceiro nível desfruta de um tipo de “fluidez” diferente do tempo transcendente e do tempo interno, não requerendo a introdução de outro nível além de si mesmo.

No contexto do envelhecimento de homens gays, essa consciência pode ser fundamental para a construção da identidade ao longo do tempo. Eles podem considerar como o tempo afetou sua autoimagem, identidade sexual e relacionamentos, e como eles se relacionam com sua própria história e experiência pessoal.

Conforme Husserl (1913/2006), o tempo é uma designação para uma esfera totalmente fechada de problemas de excepcional dificuldade. Para o filósofo, “a propriedade eidética que a designação ‘temporalidade’ exprime para vividos não assinala somente algo inerente em geral a todo vivido individual, mas uma *forma necessária de vinculação entre vividos*” (HUSSERL, 1913/2006, grifo do autor). O vivido tem um horizonte temporal preenchido infinitamente dos seus lados, portanto acontece num fluxo de vividos único e infinito, interagindo intersubjetivamente com outras consciências e com o mundo.

Na obra *Lições para uma Fenomenologia da consciência interna do tempo* (1928/1994), Husserl reflete sobre o aspecto objetivo da individualidade, em contraponto com a objetividade que é o dar-se manifesto no espaço, pois a objetividade individual é a constituição da consciência subjetiva do tempo: quando analisamos a consciência pura do tempo em seu caráter íntimo, é na consciência



subjetiva que se encontrarão os atos que servirão de conteúdo fenomenológico das vivências de tempo.

Assim, o tempo constituinte é o imanente à consciência e não o tempo do mundo da experiência (cósmico) que se faz medível a partir da compreensão de um tempo que existe na imanência do acontecido. Já a consciência do espaço, pertence à esfera do fenomenologicamente dado, pois é a vivência que possibilita intuir o espaço como percepção e fantasia (LINHARES, 2021).

A compreensão fenomenológica do tempo pode ajudar a desafiar estereótipos relacionados ao envelhecimento de homens homossexuais. Muitas vezes, a sociedade impõe dualidades negativas, como juventude versus velhice, beleza versus decadência. A abordagem fenomenológica pode ajudar a enfatizar a continuidade da identidade ao longo do tempo e a rejeitar tais dualidades.

No tópico seguinte, passo a descrever a análise e discussão dos resultados obtidos por meio da coleta de dados da investigação e da aplicação do método fenomenológico para a análise dos mesmos.

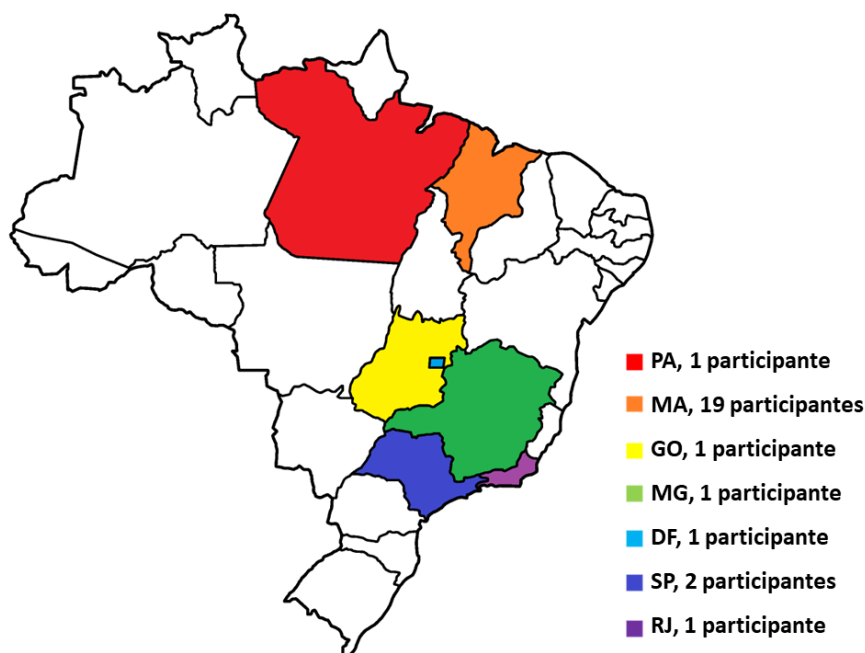
## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme expus anteriormente, o formulário enviado aos participantes (APÊNDICE A) solicitava seu e-mail e dados sociodemográficos (idade, estado de residência e local de moradia, em caso de residir fora do Brasil). As demais cinco perguntas, foram intituladas de Perguntas Disparadoras (PD): a primeira delas, “O que significa para você envelhecer?”; a segunda, “Você se percebe envelhecendo? Justifique.”; a terceira, “Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?”; a quarta, “Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?”; e por fim, a quinta pergunta: “Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?”.

A amostra desta pesquisa constou de 26 participantes, de diversas idades e oriundos de 7 estados do Brasil. A média da idade dos participantes foi de 44,23 anos, sendo que o participante com menor idade declarou 26 anos e o com maior idade declarou 63 anos.

19 destes participantes residiam no Maranhão, 2 em São Paulo e cada um dos demais em Goiás, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro e Distrito Federal (ilustrado na Figura 5, a seguir).

**Figura 5 - Estado (UF) de moradia dos participantes**



Fonte: Autoria própria (2023)

Para a realização da redução eidética e redução transcendental oriundas das Perguntas Disparadoras, realizei a sistematização em quadros e, posteriormente, em diagramas.

### 5.1 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 1

Para a redução eidética da primeira Pergunta Disparadora (PD1 - “*O que significa para você envelhecer?*”), organizei visualmente (Quadro 1) do seguinte modo: apresento o resultado obtido a partir da pergunta (transcrição do relato) e, em seguida, extraio as essências de cada vivência – na busca por reduzir os relatos naquilo que têm de principal.

**Quadro 1 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD1**

RELATOS ESCRITOS		ESSÊNCIAS	
<b>P1=V1.1</b>	Caminhar para o fim.	E1.1	Caminhar. Fim.
<b>P2=V2.1</b>	Ganhar maturidade.	E2.1	Maturidade.
<b>P3=V3.1</b>	Envelhecer é um processo. Acredito que envelhecemos desde o nascimento, por exemplo, a criança que fomos, não se assemelha com jovem de 25 anos que fomos, e a criança e o jovem, se distingue do adulto que passou dos 40 de agora. A pele muda, os cabelos caem ou embranquecem, as perdas se somam as conquistas, a capacidade física se modifica. O patrimônio muda, as experiências se acumulam apesar de não resultarem em vivências. O processo de envelhecimento implica em mudanças de hábitos, perspectivas e de vida, para alguns um pesadelo, para outros uma nova fase somada a aposentadoria e colheita dos anos de trabalho. Agora, envelhecer para o homem homossexual ganha contornos de preocupações e incertezas, o medo da solidão, que vão para além daquela vida do homossexual rico e/ou com condições financeiras de manter-se no seio social, sem que sofra preconceitos e exclusão.	E3.1	Processo. Desde o nascimento. Capacidade física se modifica. Patrimônio. Experiências. Vivências. Processo de envelhecimento. Mudanças de hábitos, perspectivas e de vida. Preocupações e incertezas. Medo da solidão. Homossexual rico e/ou com condições financeiras de manter-se no meio social.
<b>P4=V4.1</b>	Envelhecer significa para mim ganhar experiência entretanto com as transformações do corpo me sinto convivendo com a representação, não minha pois a rejeito, de que envelhecer seja algo que remeta a se aproximar da morte, tornar-se decrépito, inútil, uma espécie de estorvo, alguém sem serventia etc.	E4.1	Experiência. Transformações do corpo. Representação, não minha pois a rejeito. Aproximar da morte. Decrépito. Inútil. Estorvo. Alguém sem serventia.
<b>P5=V5.1</b>	Se estamos envelhecendo, estamos obedecendo ao ciclo natural da vida, mas também que estamos sujeitos a grandes mudanças, ganhos e perdas. É	E5.1	Ciclo natural. Mudanças, ganhos e perdas. Momento

	um momento transitório desafiador.		transitório desafiador.
<b>P6=V6.1</b>	Duas coisas: do ponto de vista física, significa algumas perdas da mobilidade física/corporal e, a necessidade de "desacelerar" o ritmo corporal, pois a velhice nos impõe, absolutamente normal, algumas barreiras da questão biológica e física, trazendo consequências ao declínio do nosso corpo. Já, do ponto de vista da experiência e vivência, posso dizer que o envelhecimento nos traz acúmulo de sabedoria, liberdade e despreendimento das questões mais fugaz da vida, por exemplo, bens materiais, relações tóxicas, e nos ensina a valorizar mais o do tempo cronológico e as relações perene.	E6.1	Perdas da mobilidade física/corporal. "Desacelerar" o ritmo corporal. Barreiras. Declínio. Acúmulo de sabedoria, liberdade e despreendimento. Valorizar mais o tempo cronológico e as relações perene.
<b>P7=V7.1</b>	Um privilégio.	E7.1	Privilégio.
<b>P8=V8.1</b>	Envelhecer significa seguir o curso esperado da vida, com a possibilidade de completar as etapas que a gente prevê.	E8.1	Curso esperado. Completar etapas.
<b>P9=V9.1</b>	Ser rejeitado por estar fora dos padrões.	E9.1	Rejeitado. Fora dos padrões.
<b>P10=V10.1</b>	Aceitar a passagem do tempo. Por mais que seja rápida e em minha cabeça ainda penso ter 20 anos mas o corpo e o coração não. Ver as mudanças no corpo. A rejeição pelos mais novos e não se sentir mais desejado.	E10.1	Aceitar. Rápida. Ainda penso ter 20 anos. Corpo e o coração não. Mudanças no corpo. Rejeição pelos mais novos. Não se sentir mais desejado.
<b>P11=V11.1</b>	Um processo fisiológico normal do desenvolvimento humano	E11.1	Processo fisiológico normal.
<b>P12=V12.1</b>	É estar cada dia mais consciente do seu papel como ser humano, a busca da evolução moral e espiritual através das experiências de vida e convivência adquiridas até aqui.	E12.1	Consciente. Papel como ser humano. Evolução moral e espiritual. Experiências. Convivência.
<b>P13=V13.1</b>	Amadurecer, melhorar e ter condições de aprender com os erros e acertos durante o processo.	E13.1	Amadurecer. Melhorar. Aprender com os erros e acertos. Processo.
<b>P14=V14.1</b>	Para mim, envelhecer tem o mesmo significado que para a Biologia. Significa que meu tempo aqui está diminuindo.	E14.1	Biologia. Tempo. Diminuindo.
<b>P15=V15.1</b>	Maturidade para lidar com a vida.	E15.1	Maturidade.
<b>P16=V16.1</b>	É uma forma de saber lidar com a velhice.	E16.1	Saber lidar. Velhice.
<b>P17=V17.1</b>	O envelhecimento significa para mim um processo progressivo, no qual ocorrem alterações biológicas, funcionais, psicológicas que com o passar do tempo tendem a determinar uma acentuada perda da capacidade que o indivíduo possui de se adaptar ao meio ambiente.	E17.1	Processo. Alterações biológicas, funcionais, psicológicas. Perda da capacidade. Adaptar.
<b>P18=V18.1</b>	Decadência.	E18.1	Decadência.
<b>P19=V19.1</b>	Significa ter a sabedoria em manter uma vida equilibrada, ter uma vida de espiritualidade sem	E19.1	Sabedoria. Vida equilibrada.

	alienação, ser menos inquisidor consigo mesmo, valorizar o próprio tempo com pessoas e situações que realmente valham a pena.		Espiritualidade sem alienação. Menos inquisidor. Valorizar. Tempo. Pessoas e situações. Valham a pena.
<b>P20=V20.1</b>	Viver a partir de outras referências biológicas e existenciais.	E20.1	Referências biológicas e existenciais.
<b>P21=V21.1</b>	Dar continuidade ao processo de desenvolvimento...	E21.1	Processo. Desenvolvimento.
<b>P22=V22.1</b>	Para mim, o envelhecimento é uma experiência que se dá tanto no corpo, quanto nos aspectos psicológicos. O corpo começa a se sentir mais cansado do que antes. E psicologicamente, sinto que surge uma maior maturidade frente a muitas coisas, porém, nem sempre representa algo totalmente positivo. Porque ficam nas lembranças alguns acontecimentos que não voltam mais.	E22.1	Experiência. No corpo. Aspectos psicológicos. Cansado. Maturidade. Lembranças.
<b>P23=V23.1</b>	Uma fase da vida.	E23.1	Fase.
<b>P24=V24.1</b>	Acumular anos de vida e experiências, perceber que o corpo responde de formas diferentes, ter menos “neuroses” sobre o corpo, sobre as relações, reduzir o ritmo de trabalho, buscar novas atividades.	E24.1	Acumular. Menos “neuroses” sobre o corpo. Relações. Reduzir ritmo de trabalho. Novas atividades.
<b>P25=V25.1</b>	Ao mesmo tempo em que há perdas físicas, há a grandeza do acúmulo de experiências e de maior visão da vida, do mundo e de si mesmo.	E25.1	Perdas físicas. Acúmulo de experiências. Maior visão da vida, do mundo e de si mesmo.
<b>P26=V26.1</b>	Experiência e transformação corporal e mental para fora da normatividade comportamental.	E26.1	Experiência. Transformação corporal e mental. Normatividade comportamental.

Fonte: Autoria própria.

Legenda: Índices P = Participante; V = Relatos escritos; E = Essências. Os números 1, 2, 3 etc., após o P, se referem a cada participante. O número após o . refere-se ao número da pergunta. Então, onde se vê na primeira linha do quadro P1=V1.1 se lê: “O Participante 1 (P1) deu origem à vivência (relato escrito) V.1.1, que por sua vez deu origem à essência E.1.1”. Na segunda linha do quadro, P2=V2.1 se lê “O Participante 2 (P2) deu origem à vivência (relato escrito) V2.1 que, por sua vez, deu origem à essência E2.1”, e assim sucessivamente.

Com isso, passo a descrever sistematicamente como foi a passagem da redução eidética para a redução transcendental baseadas nos relatos e, posteriormente, nas essências desveladas.

Cada relato foi transcrito, lido e relido individualmente, posteriormente analisado por meio da *epoché* que resultou no contato direto e imediato com as respostas dos participantes, para chegar nos nexos eidéticos da Pergunta

Disparadora 1. Para auxiliar no processo, criou-se um diagrama, ilustrado na Figura 6. A partir da redução transcendental, cheguei a cinco nexos eidéticos: 1º Processo, 2º Finitude, 3º Corpo, 4º Experiência e 5º Relações.

**Figura 6 – Diagrama para a Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 1**



Fonte: Autoria própria (2023)

Acerca do nexos eidético Processo, alguns temas se evidenciaram: envelhecimento como ciclo, como curso e como fase. Para ilustrar, o Participante 3 (P3) expõe que o envelhecimento significa para ele

um processo. Acredito que envelhecemos desde o nascimento, por exemplo, a criança que fomos, não se assemelha com jovem de 25 anos que fomos, e a criança e o jovem, se distingue do adulto que passou dos 40 de agora. [...] O processo de envelhecimento implica em mudanças de hábitos, perspectivas e de vida, para alguns um pesadelo, para outros uma nova fase somada à aposentadoria e colheita dos anos de trabalho.

Para P5, “se estamos envelhecendo, estamos obedecendo ao ciclo natural da vida, mas também que estamos sujeitos a grandes mudanças, ganhos e perdas. É um momento transitório desafiador”. P8 referiu que envelhecer significa “seguir o curso esperado da vida, com a possibilidade de completar as etapas que a

gente prevê”. Para P21, envelhecer é “dar continuidade ao processo de desenvolvimento”.

Em suas respostas, os participantes utilizaram palavras e expressões tais como “processo de envelhecimento/desenvolvimento” e “ciclo/curso natural da vida”, o que denota uma visão naturalista do envelhecer não enquanto um fenômeno vivenciado individualmente, mas como um processo fisiológico que advém com a passagem do tempo. Cabe assinalar que, conforme Borba (2022), não é possível garantir que todos os humanos, ao ter consciência do próprio amadurecer e envelhecer querem entrar em contato com o próprio envelhecimento, ou seja, tomar consciência de que envelhecer é lidar com seus desafios existenciais e não apenas biológicos ou sociais.

Acerca do nexos eidético Finitude, os temas que se evidenciaram foram: a morte e a decadência. De acordo com o Participante 1 (P1), envelhecer é “caminhar para o fim”. Para P4, envelhecer conta com uma representação de “se aproximar da morte, tornar-se decrepito, inútil, uma espécie de estorvo, alguém sem serventia etc.” Para P14, “envelhecer tem o mesmo significado que para a Biologia. Significa que meu tempo aqui está diminuindo”. O Participante 18 (P18) ao responder disse que o envelhecimento significa “decadência”.

Borba (2022) aponta que, se suspendo temporariamente qualquer explicação teórica, de cunho biológico ou social, para vivenciar o fenômeno do envelhecimento diante de mim sou tomado pela temporalidade enquanto fenômeno humano. Logo, tomar consciência do envelhecimento pode implicar em tomar, na mesma medida, consciência das possibilidades, limitações e finitude. Crenças acerca da decrepitude, inutilidade, iminência da morte e sensação de ser incômodo para outrem se evidenciam como comuns aos participantes da pesquisa.

Acerca do nexos eidético Corpo, alguns temas se evidenciaram: as mudanças corporais, as perdas, o declínio do corpo e as modificações da capacidade. Para o Participante 3 (P3), “a pele muda os cabelos caem ou embranquecem, as perdas se somam às conquistas, a capacidade física se modifica”. Para P4, envelhecer do ponto de vista físico, significa “algumas perdas da mobilidade física/corporal e, a necessidade de ‘desacelerar’ o ritmo corporal, pois a velhice nos impõe, absolutamente normal, algumas barreiras da questão biológica e física, trazendo consequências ao declínio do nosso corpo”. P10 afirmou que envelhecer é “ver as mudanças no corpo”.

P17 referiu o envelhecimento como “um processo progressivo, no qual ocorrem alterações biológicas, funcionais, psicológicas que com o passar do tempo tendem a determinar uma acentuada perda da capacidade que o indivíduo possui de se adaptar ao meio ambiente”. O Participante 22 (P22) relatou que “o envelhecimento é uma experiência que se dá tanto no corpo, quanto nos aspectos psicológicos. O corpo começa a se sentir mais cansado do que antes”. P24 referiu que envelhecer significa “perceber que o corpo responde de formas diferentes, ter menos ‘neuroses’ sobre o corpo”.

As alterações biológicas e funcionais no corpo envelhecendo se evidenciam como “perdas” visíveis e sentidas pelos sujeitos. No geral, os sujeitos destacam a percepção de que o envelhecimento envolve mudanças físicas no corpo, perda de capacidades físicas e funcionais, bem como mudanças na maneira como as pessoas se relacionam com seus corpos e se adaptam ao envelhecimento.

Acerca do nexó eidético Experiência, os temas evidenciados foram a maturidade, a sabedoria e a aceitação. Para o Participante (P2), envelhecer significa “ganhar maturidade”. Para P3, “as experiências se acumulam apesar de não resultarem em vivências”. P4 relatou que envelhecer significa “ganhar experiência”. P6 referiu que

do ponto de vista da experiência e vivência, posso dizer que o envelhecimento nos traz acúmulo de sabedoria, liberdade e desprendimento das questões mais fugaz da vida, por exemplo, bens materiais, relações tóxicas, e nos ensina a valorizar mais o do tempo cronológico e as relações perene (sic).

O Participante 12 (P12) disse que envelhecer “é estar cada dia mais consciente do seu papel como ser humano, a busca da evolução moral e espiritual através das experiências de vida e convivência adquiridas até aqui”. Para P13, envelhecer significa “amadurecer, melhorar e ter condições de aprender com os erros e acertos durante o processo”. P15 disse que envelhecer significa “maturidade para lidar com a vida”. P16 respondeu que envelhecer “é uma forma de saber lidar com a velhice”.

O Participante 19 (P19) referiu que envelhecer significa “ter a sabedoria em manter uma vida equilibrada, ter uma vida de espiritualidade sem alienação, ser menos inquisidor consigo mesmo, valorizar o próprio tempo com pessoas e situações que realmente valham a pena”. P22 relatou que “psicologicamente, sinto que surge uma maior maturidade frente a muitas coisas, porém, nem sempre



representa algo totalmente positivo. Porque ficam nas lembranças alguns acontecimentos que não voltam mais”. O Participante 25 (P25) referiu que “ao mesmo tempo em que há perdas físicas, há a grandeza do acúmulo de experiências e de maior visão da vida, do mundo e de si mesmo”. Para P26, envelhecer significa “experiência e transformação corporal e mental para fora da normatividade comportamental”.

Foi possível perceber que os participantes destacam a vivência de envelhecimento como fenômeno que envolve o ganho de maturidade, sabedoria e experiência obtidos ao longo da vida, bem como uma mudança de perspectiva em relação a valores e prioridades. O que os indivíduos demonstraram por “maturidade” e “sabedoria” esteve relacionado a uma visão ampliada de entendimento acerca do tempo, das relações, do mundo e de si próprios.

Por fim, acerca do nexos eidético Relações, os temas que se evidenciaram foram: os medos, a rejeição e o desprendimento. O Participante 3 (P3) afirmou que

envelhecer para o homem homossexual ganha contornos de preocupações e incertezas, o medo da solidão, que vão para além daquela vida do homossexual rico e/ou com condições financeiras de manter-se no seio social, sem que sofra preconceitos e exclusão

O Participante 6 (P6) relatou que envelhecer traz “desprendimento das questões mais fugaz da vida, por exemplo, bens materiais, relações tóxicas, e nos ensina a valorizar mais o do tempo cronológico e as relações perene (sic)”. Para P9, envelhecer significa “ser rejeitado por estar fora dos padrões”. P10 relata que envelhecer significa “a rejeição pelos mais novos e não se sentir mais desejado”. Para o Participante 19 (P19), envelhecer significa “valorizar o próprio tempo com pessoas e situações que realmente valham a pena”. Para P24, ao responder a pergunta, significa “ter menos ‘neuroses’ sobre [...] as relações, reduzir o ritmo de trabalho, buscar novas atividades”.

Os participantes destacaram as preocupações, medos e desafios emocionais relacionados ao envelhecimento, especialmente no que diz respeito às relações sociais e à percepção de aceitação e valorização por parte dos outros. Não à toa, conforme Souza (2021a), grande parte das pessoas LGBTQ+ reconhece, quase como fato trágico e definitivo, que estarão sozinhas ao final da vida. Ademais, fica evidenciada uma mudança de perspectiva em relação às relações, com uma

valorização crescente de aspectos mais profundos e duradouros da vida, em detrimento de relações mais fugazes ou exclusivamente sexuais.

## 5.2 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 2

Para a redução eidética da segunda Pergunta Disparadora (PD2 - “*Você se percebe envelhecendo? Justifique*”), organizei do seguinte modo: tal como na pergunta anterior, apresento o resultado obtido a partir da pergunta (transcrição do relato) e, em seguida, extraio as essências de cada vivência.

**Quadro 2 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD2**

RELATOS ESCRITOS		ESSÊNCIAS	
<b>P1=V1.2</b>	Sim, o corpo vem dando sinais.	E1.2	Sim. Corpo. Sinais.
<b>P2=V2.2</b>	Sim. Percebo algumas limitações que antes não tinha.	E2.2	Sim. Limitações.
<b>P3=V3.2</b>	Sim, Quando percebi que o 40 anos chegaram, comecei a me perguntar como será o amanhã? O que vou fazer? Vou conseguir me aposentar? Conseguirei me manter no mercado de trabalho? Terei família constituída para apoiar-me na velhice?	E3.2	Sim. Como será. O que vou fazer? Aposentar. Mercado de trabalho. Família constituída. Apoiar-me na velhice.
<b>P4=V4.2</b>	Sim. Muitas situações perdem o ar de "novidade" e se apresentam como momentos análogos a outros já vividos, não sendo experienciados com o mesmo entusiasmo. Ao mesmo tempo é possível se sentir menos imediatista e ponderando mais antes de agir. Há mudanças em aspectos físicos que, em geral, tornam-se (ao menos por hora) desimportantes ou secundários tendo em vista não serem ainda de muito impacto e também não me sentir representado no culto que existe ao que vem sendo chamado de juvenilização social.	E4.2	Sim. Momentos análogos. Não mesmo entusiasmo. Menos imediatista. Ponderando mais.. Aspectos físicos. Desimportantes ou secundários. Impacto. Culto. Juvenilização social.
<b>P5=V5.2</b>	Sim. Uma primeira percepção. Não é com base na aparência física, como por exemplo, a coloração dos cabelos.	E5.2	Sim. Primeira percepção. Não aparência física. Coloração dos cabelos.
<b>P6=V6.2</b>	Sim! Observando as consequências do declínio do corpo, com o surgimento de algumas questões de saúde, e a necessidade maior de cuidado com a alimentação, hábitos e ações. Sobretudo, tratando-se de uma pessoa com deficiência como sou... O Processo de envelhecimento torna-se mais acentuado, em algumas questões.	E6.2	Sim. Declínio do corpo. Questões de saúde. Maior cuidado. Alimentação, hábitos e ações. Pessoa com deficiência. Processo. Mais acentuado.
<b>P7=V7.2</b>	Não, sinto-me bem com minha idade.	E7.2	Não. Sinto-me bem.
<b>P8=V8.2</b>	Me percebo, tanto fisicamente quanto em questões sociais, comportamentais. Me	E8.2	Fisicamente. Questões sociais. Comportamentais.

	reconheço mais preparado para lidar com várias questões de convivência, me sinto menos eufórico e mais centrado, e observo o processo de envelhecimento do meu corpo também.		Preparado. Convivência. Menos eufórico e mais centrado. Processo. Corpo.
<b>P9=V9.2</b>	Sim. Fisicamente com menos energia.	E9.2	Sim. Menos energia.
<b>P10=V10.2</b>	Sim, em vários aspectos. No cansaço, julgamentos, dores e decisões. Todos os dias... quando as pessoas chegam querendo cobrar por sexo.	E10.2	Sim. Cansaço. Julgamentos. Dores. Decisões. Todos os dias. Cobrar por sexo.
<b>P11=V11.2</b>	Às vezes. Quando encontro com pessoas bem mais jovens na casa dos 18 a 24 anos, a percepção de mundo são bem diferentes. Considero isso como amadurecimento pessoal.	E11.2	Às vezes. Percepção de mundo. Diferentes. Amadurecimento pessoal.
<b>P12=V12.2</b>	Sim. O corpo já não reage com a mesma rapidez de antes, os reflexos se tornam mais lentos.	E12.2	Sim. Corpo. Rapidez de antes. Reflexos. Mais lentos.
<b>P13=V13.2</b>	Sim. Cronologicamente e fisicamente o corpo envelhece, é inevitável.	E13.2	Sim. Corpo. Inevitável.
<b>P14=V14.2</b>	Sim. Apesar de não ser algo que permeia diariamente meus pensamentos, vez por outra as relações pessoais, profissionais e as mudanças tecnológicas tais como o surgimento e aprimoramento das A.I. me fazem perceber que estou envelhecendo.	E14.2	Sim. Relações pessoais, profissionais e mudanças tecnológicas.
<b>P15=V15.2</b>	Sim, já mudei ao longo dos anos, já me descontraí várias vezes.	E15.2	Sim. Descontraí.
<b>P16=V16.2</b>	Que a vida é maravilhosa.	E16.2	Vida. Maravilhosa.
<b>P17=V17.2</b>	Sim, pois consigo perceber as alterações biológicas, funcionais e psicológicas.	E17.2	Sim. Alterações biológicas, funcionais e psicológicas.
<b>P18=V18.2</b>	Mais dores pelo corpo, mais amor pela paz e quietude.	E18.2	Dores. Corpo. Amor. Paz e quietude.
<b>P19=V19.2</b>	Percebo porque o ritmo da vida muda e vai tomando uma nova roupagem ao longo dos anos. As opções e possibilidades de lazer e entretenimento de 20 e 30 anos atrás, deixam de ser prioridades... Tenho me tornado cada vez mais seletivo em minhas relações humanas sejam elas de amor ou de amizade; a necessidade de programas de lazer mais sossegados é maior. Me tornei mais atento a minha saúde física e mental.	E19.2	Ritmo da vida muda. Opções e possibilidades de lazer e entretenimento. Seletivo. Programas de lazer mais sossegados. Saúde física e mental.
<b>P20=V20.2</b>	Sim, a vida sinaliza alterações.	E20.2	Sim. Alterações.
<b>P21=V21.2</b>	Sim, a cada novo dia me percebo envelhecendo, é evidente tanto através dos sinais corporais, como as mudanças de comportamento.	E21.2	Sim. Cada novo dia. Sinais corporais. Mudanças de comportamento.
<b>P22=V22.2</b>	Sim. Me percebo envelhecendo porque me vejo cada vez mais cheio de responsabilidades, algo que não havia tanto assim na época que eu era mais jovem. Percebo também meu rosto diferente, já não tão mais novo como antes.	E22.2	Sim. Responsabilidades. Rosto diferente.

<b>P23=V23.2</b>	Sim, experiências vividas mais também marcas físicas e psicológicas.	E23.2	Sim. Experiências. Marcas físicas e psicológicas.
<b>P24=V24.2</b>	Não. Eu sou adulto mas me sinto com vigor físico e mental pra vários desafios de uma vida que ainda não se estabilizou no que diz respeito a trabalho, território, amores. Eu me vejo na construção de algo ainda, no meu imaginário o envelhecer já seria o desacelerar disso tudo.	E24.2	Não. Vigor físico e mental. Estabilizou. Trabalho, território, amores. Construção. Desacelerar.
<b>P25=V25.2</b>	Sim. Pela idade, pelas limitações físicas que já estão surgindo e que me impedem de fazer coisas que eram comuns em fases anteriores da vida, além de perder o interesse por algumas outras atividades que outrora eram agradáveis. Sinto também que já consigo ver as situações com um olhar mais crítico, sem pressa, sem desespero.	E25.2	Idade. Limitações físicas. Me impedem. Fases anteriores da vida. Perder interesse atividades outrora agradáveis. Olhar mais crítico, sem pressa, sem desespero.
<b>P26=V26.2</b>	Sim.	E26.2	Sim.

Fonte: Autoria própria.

Legenda: Índices P = Participante; V = Relatos escritos; E = Essências. Os números 1, 2, 3, etc., após o P, se referem a cada participante. O número após o . refere-se ao número da pergunta. Então, onde se vê na primeira linha do quadro P1=V1.2 se lê: "O Participante 1 (P1) deu origem à vivência (relato escrito) V.1.1, que por sua vez deu origem à essência E.1.2". Na segunda linha do quadro, P2=V2.2 se lê "O Participante 2 (P2) deu origem à vivência (relato escrito) V2.2 que, por sua vez, deu origem à essência E2.2", e assim sucessivamente.

Com isso, passo a descrever sistematicamente como foi a passagem da redução eidética para a redução transcendental baseadas nos relatos e, posteriormente, nas essências desveladas.

Acerca das respostas para o questionamento fechado inicial "Você se percebe envelhecendo?", enumerei que, dos 26 participantes, 21 afirmaram "sim", 2 afirmaram que "não", 1 relatou "às vezes" e 2 não especificaram sua resposta.

Cada relato foi transcrito, lido e relido individualmente, posteriormente analisado por meio da *epoché* que resultou no contato direto e imediato com as respostas dos participantes, para chegar nos nexos eidéticos da Pergunta Disparadora 2. Para auxiliar no processo, criou-se um diagrama, ilustrado na Figura 7, na página seguinte. A partir da redução transcendental, cheguei a quatro nexos eidéticos: 1º Corpo, 2º Vida, 3º Trabalho e 4º Sexo.

Acerca donexo eidético Corpo, alguns temas se evidenciaram: as limitações e dores, o declínio do corpo, sensação de menos energia, menos reflexos e mais cansaço e reflexões sobre a aparência (em especial, com o rosto).

Figura 7 – Diagrama para a Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 2



Fonte: Autoria própria (2023)

Para ilustrar, o Participante 6 (P6) relatou que se percebe “observando as consequências do declínio do corpo, com o surgimento de algumas questões de saúde, e a necessidade maior de cuidado com a alimentação, hábitos e ações”. P9 relatou se perceber envelhecendo “fisicamente, com menos energia”. P12 afirmou que “o corpo já não reage com a mesma rapidez de antes, os reflexos se tornam mais lentos”. P13 afirmou que “cronologicamente e fisicamente o corpo envelhece, é inevitável”. O Participante 18 (P8) referiu “mais dores pelo corpo”. P22 disse que percebe o “rosto diferente, já não tão mais novo quanto antes”. P25 relatou que se percebe envelhecendo “pelas limitações físicas que já estão surgindo e que me impedem de fazer coisas que eram comuns em fases anteriores da vida”.

Também é válido evidenciar que dois participantes relataram não se perceber envelhecendo: P7 disse “sinto-me bem com minha idade”; P24 disse que “sou adulto mas me sinto com vigor físico e mental para vários desafios de uma vida

que ainda não se estabilizou no que diz respeito a trabalho, território, amores”. Ficou evidenciado, com base nessas justificativas, uma visão de velhice relacionada à sentir-se mal ou com estabilidade: ora, se não se percebe envelhecendo porque se sente “bem com a idade” ou “sente com vigor físico e mental para vários desafios de uma vida que não se estabilizou” subentende-se que a velhice seria um momento em que essas questões aparecerão.

Acerca do nexó eidético Vida, os temas que se evidenciaram foram: mudanças de estilo, o lazer (mais sossegado), convivências em determinados âmbitos (e percepção de preparo) e menos imediatismo/pressa.

O Participante 4 (P4) referiu que muitas situações “perdem o ar de ‘novidade’ e se apresentam como momentos análogos a outros já vividos, não sendo experienciados com o mesmo entusiasmo. Ao mesmo tempo, é possível se sentir menos imediatista e ponderando mais antes de agir”. P8 relatou: “Me reconheço mais preparado para lidar com várias questões de convivência, me sinto menos eufórico e mais centrado”. P11 relatou que “vez por outra as relações pessoais, profissionais e as mudanças tecnológicas tais como o surgimento e aprimoramento das A.I. me fazem perceber que estou envelhecendo”. O Participante 19 (P19) referiu que se percebe envelhecendo

porque o ritmo da vida muda e vai tomando uma nova roupagem ao longo dos anos. As opções e possibilidades de lazer e entretenimento de 20 e 30 anos atrás, deixam de ser prioridades... Tenho me tornado cada vez mais seletivo em minhas relações humanas sejam elas de amor ou de amizade; a necessidade de programas de lazer mais sossegados é maior.

P25 referiu que se percebe envelhecendo ao “perder interesse por algumas outras atividades que outrora eram agradáveis. Sinto também que já consigo ver as situações com um olhar mais crítico, sem pressa, sem desespero”.

As essências destacam a percepção de que o envelhecimento está associado a mudanças no modo como as pessoas experimentam, reagem e interagem com o mundo ao seu redor, incluindo uma menor busca por novidades, mais ponderação nas ações e uma mudança de prioridades em relação ao lazer e às relações humanas.

Acerca do nexó eidético Trabalho se evidenciou a percepção de mais responsabilidades. Ademais, P3 disse que se percebeu envelhecendo quando os 40 anos chegaram e começou a se perguntar “Vou conseguir me aposentar? Vou conseguir me manter no mercado de trabalho?”. P22 relata que se percebe

envelhecendo “porque me vejo cada vez mais cheio de responsabilidades, algo que não havia tanto assim na época que eu era mais jovem”.

Tais temas refletem preocupações comuns relacionadas à vida profissional e à transição para a idade avançada. O envelhecimento muitas vezes traz questões relacionadas à carreira, à aposentadoria e à capacidade de enfrentar novos desafios e responsabilidades à medida que se avança na vida.

É importante assinalar que a população LGBT+ é historicamente compreendida como um grupo vulnerável, apartada das políticas da cidade, sobretudo pela impossibilidade do acesso e participação na relação trabalho-moradia (CORREIA, 2021). Ademais, como visto no capítulo anterior, o dinheiro e a renda são questões relevantes na velhice, em especial quando se trata de uma pessoa idosa LGBT+ e sem recursos: parte dessa população enfrenta a indigência financeira na velhice.

Por fim, acerca do último nexos eidético Sexo, os temas que se evidenciaram foram: alterações corporais (menos energia), menos imediatismo e sexo pago. O Participante 4 (P4) relatou “se sentir menos imediatista e ponderando mais antes de agir”. P9 relatou que se percebe “fisicamente com menos energia”. P17 relatou que consegue “perceber as alterações biológicas, funcionais e psicológicas”. O Participante 10 (P10) referiu que se percebe envelhecendo “todos os dias... quando as pessoas chegam querendo cobrar por sexo”.

### 5.3 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 3

Para a redução eidética da terceira Pergunta Disparadora (PD3 - “*Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?*”), tablei do seguinte modo: tal como na pergunta anterior, apresento o resultado obtido a partir da pergunta (transcrição do relato) e, em seguida, extraio as essências de cada vivência.

**Quadro 3 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD3**

RELATOS ESCRITOS		ESSÊNCIAS	
<b>P1=V1.3</b>	Dizem que estou cada dia melhor.	E1.3	Cada dia melhor.
<b>P2=V2.3</b>	Não faço ideia.	E2.3	Não faço ideia.
<b>P3=V3.3</b>	Nunca parei para pensar a respeito. Mas, de modo geral, acredito que como grande parte d	E3.3	Nunca parei pensar. Como vai ser. Quem vai cuidar?

	população é como vai ser quando "ele estiver velho"? Quem vai cuidar? Que vai prestar assistência. Penso, enquanto homem solteiro.		Prestar assistência. Homem solteiro.
<b>P4=V4.3</b>	Há uma "crença" amplamente difundida de que a felicidade se liga a ideia de ter um relacionamento monogâmico heteronormativo e, sendo assim, não se enquadrar nessa representação pode gerar uma visão de que um homem gay, mais maduro, que não se apresenta em um relacionamento nestes moldes, ou mesmo homoafetivo, seja alguém infeliz. Nesse sentido acho que podem ser construídas representações mas que não contemplam em essência como me sinto ou apresento no mundo.	E4.3	Relacionamento monogâmico heteronormativo. Representação. Relacionamento. Infeliz. Não contemplam em essência como me sinto ou apresento.
<b>P5=V5.3</b>	Não me vejo pensando nesta questão.	E5.3	Não me vejo pensando.
<b>P6=V6.3</b>	Existem vários pontos de vistas: o mais corriqueiro é a tratativa ou visão de que somos "bicha velha", sem interesse sexual, sem sonhos, desinteressantes, fora dos padrões de estética imposto pela sociedade, etc. Mas, também a visão de que somos homens gays com segurança financeira, emocional, inteligentes, e até sobreviventes pelo fato de termos vivido muitas coisas, crises, epidemias, etc.	E6.3	Vários pontos de vistas. "Bicha velha", sem interesse sexual, sem sonhos, desinteressantes, fora dos padrões de estética imposto. Segurança financeira, emocional, inteligentes, sobreviventes.
<b>P7=V7.3</b>	Como um homem experiente.	E7.3	Experiente.
<b>P8=V8.3</b>	Varia de quem percebe. Os mais jovens geralmente são mais curiosos em saber como é a vida de quem tem minha idade, os mais velhos me percebem muito jovem ainda. Mas são percepções positivas, de modo geral, até o momento.	E8.3	Varia. Mais jovens curiosos. Mais velhos percebem jovem. Percepções positivas.
<b>P9=V9.3</b>	Rejeitado e discriminado.	E9.3	Rejeitado. Discriminado.
<b>P10=V10.3</b>	Particularmente, é difícil. Pois os jovens se interessam por mim. Mas meu gosto seria por alguém com idade próxima, mas não há reciprocidade. Os cinquentões, querem os novos e não querem nada sério. Sem falar que para discriminação se referem tudo à tia velha. Que tem que pagar tudo para todos.	E10.3	Difícil. Jovens se interessam. Não há reciprocidade. Discriminação. Tia velha. Pagar tudo para todos.
<b>P11=V11.3</b>	Como uma pessoa bem equilibrada financeiramente e emocionalmente.	E11.3	Equilibrada financeiramente e emocionalmente.
<b>P12=V12.3</b>	Existem várias percepções. Desde a que me acha jovial para idade cronológica q tenho, mas também há aqueles que vão dizer que determinadas coisas não lhe pertence mais. Digamos que o homem gay na visão de alguns, tem prazo de validade e utilidade.	E12.3	Várias percepções. Jovial. Determinadas coisas não pertence. Prazo de validade e utilidade.
<b>P13=V13.3</b>	Dentro e fora da comunidade é como se para o homem gay, envelhecer fosse algo "errado" e "sujo", portanto a "maricona" (como denominam) deve ser evitada e isolada dos demais.	E13.3	"Errado" e "sujo". "Maricona" evitada e isolada.



<b>P14=V14.3</b>	Parte da sociedade acredita que por eu ser gay e não ter filhos, não terei suporte na minha velhice.	E14.3	Suporte velhice.
<b>P15=V15.3</b>	Alguém que vem conseguindo alcançar os objetivos na vida.	E15.3	Conseguindo alcançar objetivos.
<b>P16=V16.3</b>	Triste.	E16.3	Triste.
<b>P17=V17.3</b>	Percebem por conta da maturidade.	E17.3	Maturidade.
<b>P18=V18.3</b>	Pelo rosto com menos tónus, mais rugas e cabelos grisalhos.	E18.3	Rosto menos tónus. Mais rugas. Cabelos grisalhos.
<b>P19=V19.3</b>	É uma pergunta quase difícil de responder, até porque quem me conhece sabe que eu tenho preguiça de socializar e me deslocar para lugares distantes... Eu nunca tenho uma certeza exata da primeira impressão e primeiro pré-julgamento que posso causar no olhar de quem me observa. Sempre frequentei lugares e ambientes diferentes: Igrejas, Bares, Museus, Praças, Festivais, Bibliotecas, etc. Quando mais novo, eu até dava alguma importância ao que outros pensavam a meu respeito. Hoje em dia ando cansado dos seres que se dizem humanos e da porcaria da sociedade. Atualmente acredito que as pessoas me definem como alguém simpático e pouco acessível, e as vezes imprevisível. Digo isso porque quando surge alguém interessado em se aproximar de mim se expressa de maneira mais formal do que coloquial.	E19.3	Quase difícil de responder. Preguiça de socializar e deslocar lugares distantes. Primeira impressão e pré-julgamento. Lugares e ambientes diferentes. Cansado humanos porcaria sociedade. Simpático. Pouco acessível. Imprevisível. Interessado expressa mais formal.
<b>P20=V20.3</b>	Uma pessoa conservada e com predisposição de juventude.	E20.3	Conservada. Predisposição de juventude.
<b>P21=V21.3</b>	Não tenho a mínima ideia, pois a forma como o outro me percebe, não tenho como ter certeza logo, não para para pensar sobre.	E21.3	Não tenho mínima ideia. Não tenho como ter certeza. Não para para pensar.
<b>P22=V22.3</b>	Dentro da comunidade gay, existe muito apreço pelo corpo jovem. A maioria pensa que nunca vai envelhecer, que serão jovens pra sempre e não pensam no futuro, quando serão mais velhos. No meu caso, acredito que as pessoas até têm uma visão positiva, por enquanto. Afinal, eu ainda sou considerado jovem. Acredito que a chegada dos 30 anos é um marco pra quem é gay. Sempre surgem comentários de que nessa idade, virou "maricona" (termo que se usa pra gays mais velhos) e creio que as pessoas me verão assim também, quando chegar nessa fase. Ainda mais se eu estiver sem um companheiro, dizem que gays mais velhos só conseguem alguém se for pagando. Então, existe todo um estigma que eu enxergo enquanto possibilidade de que recaia sobre mim em um futuro não tão distante.	E22.3	Apreço pelo corpo jovem. Visão positiva. Chegada dos 30 anos marco. "Maricona". Só consegue alguém pagando. Estigma.
<b>P23=V23.3</b>	Um homem gay, com características típicas de	E23.3	Características típicas.

	uma pessoa madura/ idosa.		Madura/idosa.
<b>P24=V24.3</b>	Não sei se me veem assim ou se não consigo perceber isso porque ainda não me vejo assim. Mas com o passar dos anos, à medida que vou ficando mais velho de idade (e não me tornando velho), eu acho que as pessoas esperam e torcem pra que as conquistas da vida aconteçam como terminar o doutorado, ter um bom emprego, um bom relacionamento amoroso, ter estabilidade na vida.	E24.3	Não me vejo assim. Pessoas esperam e torcem conquistas de vida. Terminar doutorado. Bom emprego. Bom relacionamento amoroso. Estabilidade.
<b>P25=V25.3</b>	Percebo que as amizades ficaram mais restritas. Sobraram aqueles que realmente acompanham a minha trajetória de amadurecimento e que estão amadurecendo junto comigo. Logo, percebo que as pessoas vão pouco a pouco ficando mais distantes, já não tem mais tanta atração porque não consigo acompanhar todas as "novidades" atrativas aos gays.	E25.3	Amizades restritas. Amadurecimento. Amadurecimento junto comigo. Pessoas mais distantes. Não tem atração. Não consigo acompanhar "novidades".
<b>P26=V26.3</b>	Percebo que sou representado como aquele que amadureceu intelectualmente, porém que precisa performar certo apego ao passado e visão nostálgica.	E26.3	Representado amadureceu intelectualmente. Performar apego ao passado e visão nostálgica.

Fonte: Autoria própria.

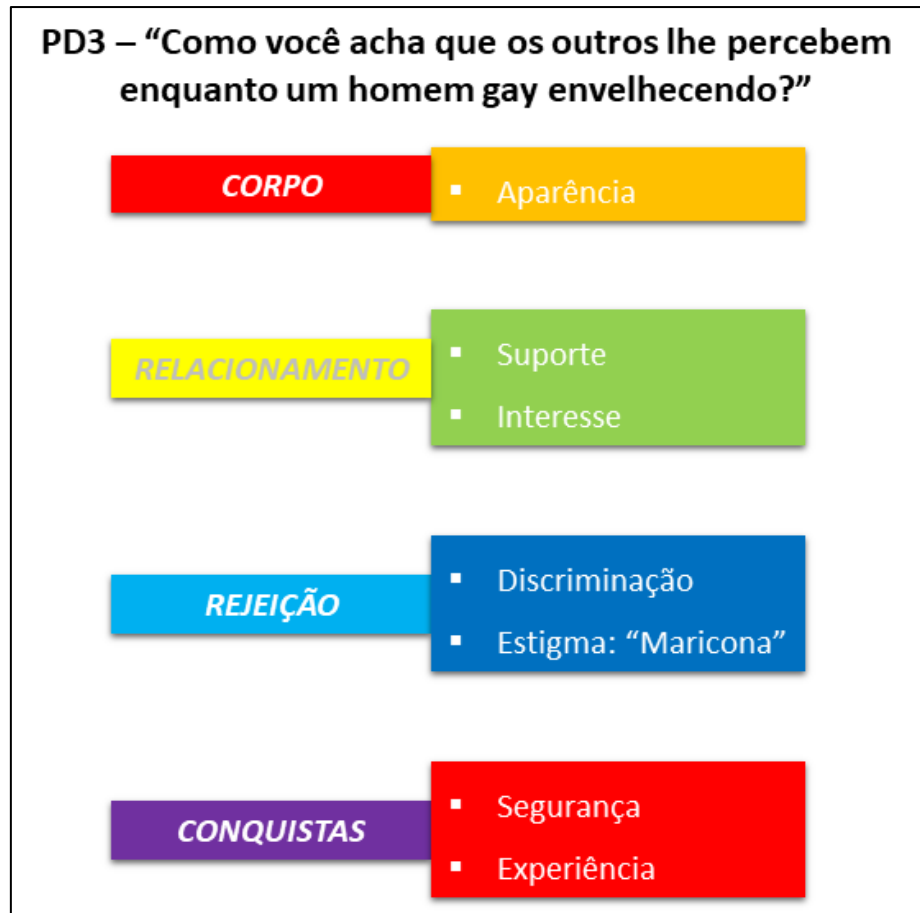
Legenda: Índices P = Participante; V = Relatos escritos; E = Essências. Os números 1, 2, 3, etc., após o P, se referem a cada participante. O número após o . refere-se ao número da pergunta. Então, onde se vê na primeira linha do quadro P1=V1.3 se lê: "O Participante 1 (P1) deu origem à vivência (relato escrito) V.1.3, que por sua vez deu origem à essência E.1.3". Na segunda linha do quadro, P2=V2.3 se lê "O Participante 2 (P2) deu origem à vivência (relato escrito) V2.3 que, por sua vez, deu origem à essência E2.3", e assim sucessivamente.

Com isso, passo a descrever sistematicamente como foi a passagem da redução eidética para a redução transcendental baseadas nos relatos e, posteriormente, nas essências desveladas.

Cada relato foi transcrito, lido e relido individualmente, posteriormente analisado por meio da *epoché* que resultou no contato direto e imediato com as respostas dos participantes, para chegar nos nexos eidéticos da Pergunta Disparadora 3. Para auxiliar no processo, criou-se um diagrama, ilustrado na Figura 8, a seguir. A partir da redução transcendental, cheguei a quatro nexos eidéticos: 1º Corpo, 2º Relacionamento, 3º Rejeição e 4º Conquistas.

Acerca do nexo eidético Corpo, o tema que se evidenciou foi a aparência. De acordo com o Participante 1 (P1), quando questionado sobre como os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo, respondeu "dizem que estou cada dia melhor". P18 respondeu que percebem "pelo rosto com menos tónus, mais rugas e cabelos grisalhos". P20 respondeu que o percebem como "uma pessoa con-

Figura 8 – Diagrama para a Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 3



Fonte: Autoria própria (2023)

servada e com predisposição de juventude”. O Participante 22 (P22) referiu “no meu caso, acredito que as pessoas até têm uma visão positiva, por enquanto. Afinal, eu ainda sou considerado jovem”.

Acerca do nexó eidético Relacionamento, os temas que se evidenciaram foram: o suporte e o interesse. O Participante 3 (P3), quando questionado sobre como os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo, respondeu “acredito que como grande parte da população é ‘como vai ser quando ele estiver velho? Quem vai cuidar? Quem vai prestar assistência’. Penso, enquanto homem solteiro”. P14 referiu que “parte da sociedade acredita que por eu ser gay e não ter filhos, não terei suporte na minha velhice”.

P10 ao responder ao questionamento disse que

Particularmente, é difícil. Pois os jovens se interessam por mim. Mas meu gosto seria por alguém com idade próxima, mas não há reciprocidade. Os cinquentões querem os novos e não querem nada sério. Sem falar que para

discriminação se referem tudo à tia velha. Que tem que pagar tudo para todos.

As essências dos relatos refletem preocupações e desafios sociais e interpessoais relacionados ao envelhecimento como um homem gay, incluindo a busca por suporte e assistência na velhice e as dinâmicas de relacionamento e interesse romântico, bem como a influência de estereótipos e preconceitos relacionados à idade. Tais preocupações e desafios podem ser justificados por dados reais: pelo estigma e discriminação, idosos LGBTQ+ podem apresentar menor rede de apoio social, taxas mais altas de pobreza, de deficiência e de sofrimento mental, aspectos que influenciam em sua autonomia e independência (REBELLATO; MOREIRA, 2021).

Santos, Araújo e Negreiros (2018) apontam que a cultura heteronormativa reproduz o preconceito de forma que alguns idosos vivam a sua velhice sozinhos, e talvez, por conta de uma ideia de solidão internalizada cognitivamente. Desta maneira, a solidão acaba por ser trazida como o maior medo presente na velhice – visto que advém de inúmeras atitudes negativas emitidas pela sociedade; conseqüentemente, muitos idosos LGBTQ+ preferem se isolar para não sofrerem algum tipo de discriminação.

Acerca do nexó eidético Rejeição, os temas que se evidenciaram foram: a discriminação e o estigma, como o de “maricona”. O Participante 6 (P6), quando questionado sobre como os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo, respondeu “existem vários pontos de vistas: o mais corriqueiro é a tratativa ou visão de que somos ‘bicha velha’, sem interesse sexual, sem sonhos, desinteressantes, fora dos padrões de estética imposto pela sociedade etc.”. P9 referiu que lhe percebem como “rejeitado e discriminado”. P12 referiu que “há aqueles que vão dizer que determinadas coisas não lhe pertencem mais. Digamos que o homem gay na visão de alguns, tem prazo de validade e utilidade”. O Participante 16 (P16) respondeu que lhe percebem como “triste”. P22 respondeu à pergunta da seguinte forma:

Acredito que a chegada dos 30 anos é um marco pra quem é gay. Sempre surgem comentários de que nessa idade, virou ‘maricona’ (termo que se usa pra gays mais velhos) e creio que as pessoas me verão assim também, quando chegar nessa fase. Ainda mais se eu estiver sem um companheiro, dizem que gays mais velhos só conseguem alguém se for pagando. Então, existe todo um estigma que eu enxergo enquanto possibilidade de que recaia sobre mim em um futuro não tão distante.

Tais essências dos relatos destacam os desafios e preocupações específicas enfrentados por homens gays em relação à discriminação e ao estigma à medida que envelhecem. Esses estereótipos negativos podem afetar sua autoestima, bem-estar emocional e a forma como são tratados pela sociedade. Segundo Henning (2014), posicionado numa vertente mais negativa do espectro representacional do envelhecimento de homens com práticas sexuais homoeróticas, diversas êmicas como “cacura”, “maricona”, “cona”, “irene”, “tia”, “tia velha”, “bicha velha” são entendidas como categorias depreciativas<sup>26</sup>, envoltas no deboche e raramente auto imputadas. Ademais, em termos de outros significados compartilhados, estão também baseadas em imagens marcadas, por exemplo, pela afeminação, amargura, solidão, desvalorização social e abandono.

Acerca do nexos eidético Conquistas, os temas que se evidenciaram foram: a segurança e a experiência. O Participante 6 (P6), quando questionado sobre como os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo, relatou que há “a visão de que somos homens gays com segurança financeira, emocional, inteligentes, e até sobreviventes pelo fato de termos vivido muitas coisas, crises, epidemias, etc.”. P11 referiu que lhe percebem “como uma pessoa bem equilibrada financeiramente e emocionalmente”. P15 disse que lhe percebem como “alguém que vem conseguindo alcançar os objetivos na vida”. P26, ao responder à pergunta, relatou: “Percebo que sou representado como aquele que amadureceu intelectualmente”. O Participante 24 (P24) referiu que

com o passar dos anos, à medida que vou ficando mais velho de idade (e não me tornando velho), eu acho que as pessoas esperam e torcem pra que as conquistas da vida aconteçam como terminar o doutorado, ter um bom emprego, um bom relacionamento amoroso, ter estabilidade na vida.

As essências dos relatos refletem uma percepção positiva em relação às conquistas associadas ao envelhecimento, incluindo a segurança financeira e emocional, a realização de objetivos de vida, a estabilidade e o amadurecimento intelectual. Isso destaca a diversidade de experiências de envelhecimento e a importância de reconhecer as realizações individuais que podem ocorrer ao longo da vida.

---

<sup>26</sup> Ainda segundo Henning (2014), na contrapartida mais positiva do espectro representacional do envelhecimento de homens com práticas homoeróticas, “coroa”, “paizão”, “tiozão” e “daddy” trazem consigo, entre outras questões, associações com imagens de masculinidades apreciadas, boa forma física, vida saudável, disposição, jovialidade, autoconfiança e valorização erótica.

Cabe também assinalar que, quando questionados sobre como os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo, três participantes relataram não pensar sobre o tema. O Participante 2 (P2) disse: “Não faço ideia”. P5 referiu: “Não me vejo pensando nesta questão”. P21 respondeu: “Não tenho a mínima ideia, pois a forma como o outro me percebe, não tenho como ter certeza logo, não paro para pensar sobre”. Essas respostas podem refletir uma variedade de atitudes e perspectivas em relação ao envelhecimento e à orientação sexual: algumas pessoas podem não considerar ativamente a forma como são percebidas pelos outros, enquanto outras podem estar mais conscientes (ou dar mais importância) às percepções e estereótipos relacionados ao envelhecimento e à orientação sexual.

#### 5.4 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 4

Para a redução eidética da quarta Pergunta Disparadora (PD4 - “*Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?*”), organizei do seguinte modo: tal como na pergunta anterior, apresento o resultado obtido a partir da pergunta (transcrição do relato) e, em seguida, extraio as essências de cada vivência.

**Quadro 4 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD4**

RELATOS ESCRITOS		ESSÊNCIAS	
P1=V1.4	Não.	E1.4	Não.
P2=V2.4	Não.	E2.4	Não.
P3=V3.4	Sim. Dentro da própria família que não quer entender sua condição e quer lhe impor casamento, filhos como segurança para um futuro na velhice.	E3.4	Sim. Família não quer entender sua condição. Impor casamento, filhos, segurança futuro na velhice.
P4=V4.4	Os preconceitos são difusos e acontecem a todo momento como parte de uma cultura machista, ancorada em forte tradição patriarcal e de dominação masculina. Sinto que a existência deles dificultou meu processo de percepção identitária em termos de sexualidade e afetividade: lutei muito buscando evitar-me e demorei para aceitar ser quem sou. Aceitar-se é um passo importante mas que é diferente de poder afirmar-se também. Quanto a afirmar-se, ainda que pese alguma necessidade de afirmação como forma de enfrentamento a esses preconceitos, me sinto discreto. Embora seja comum, por preconceito aliás, a valorização do gay	E4.4	Preconceitos difusos a todo momento. Cultura machista, tradição patriarcal dominação masculina. Dificultou processo percepção identitária sexualidade afetividade. Demorei aceitar ser quem sou. Aceitar-se passo importante diferente poder afirmar-se. Afirmar-se: necessidade de afirmação enfrentamento preconceitos. Me sinto discreto. Valorização do gay discreto,

	discreto me sinto discreto em meu jeito mais autêntico de ser. Me noto cisgênero... isso atenua algumas discriminações, parece me tornar mais palatável à moral estabelecida.		sinto discreto em meu jeito autêntico de ser. Cisgênero, atenua discriminações. Palatável moral estabelecida.
<b>P5=V5.4</b>	Não.	E5.4	Não.
<b>P6=V6.4</b>	Sim! Na sociedade que vivemos, sobretudo, na visão gay, assumido ou com "trejeitos", se supervaloriza o belo, e o másculo. O que é um grande equívoco. Se repete nos homens gays comportamentos machistas apreendidos no processo educativo, que não leva em consideração a diversidade de gênero e identidade sexual, e isso se reproduz de maneira "natural" nas relações. Daí, se você é gay, velho, deficiente, negro, gordo, com trejeitos, para cada forma de comportamento relacional ou condição social haverá uma narrativa, uma tratativa que gerará preconceitos, e as vezes até não aceitação social. Eu costumo frequentar saunas e boates, e pelo fato de ser "maduro", em processo de envelhecimento existe o olhar discriminatório e avaliativo as vezes explícito ou implícito.	E6.4	Sim. Visão gay, supervaloriza o belo, másculo. Grande equívoco. Homens gays comportamentos machistas processo educativo. Diversidade de gênero e identidade sexual. Maneira "natural" relações. Comportamento relacional condição social narrativa, tratativa gerará preconceitos. Aceitação social. Saunas e boates, "maduro", processo envelhecimento, olhar discriminatório e avaliativo, explícito ou implícito.
<b>P7=V7.4</b>	Não.	E7.4	Não.
<b>P8=V8.4</b>	Relacionado a idade, envelhecimento, não. Sofri preconceito de homofobia e xenofobia. Homofobia é algo recorrente, xenofobia foram casos pontuais quando saí de São Luís para morar no Distrito Federal, algumas pessoas debochavam de hábitos meus que são regionais.	E8.4	Envelhecimento não. Homofobia recorrente. Xenofobia casos pontuais, debochavam hábitos regionais.
<b>P9=V9.4</b>	Sim. Por estar fora dos padrões físicos determinados pelo social.	E9.4	Sim. Fora dos padrões físicos.
<b>P10=V10.4</b>	Sempre, todos os dias. Ofensas, piadas... Já apanhei, já fui assaltado, já fui convidado a me retirar de bares por estar com namorado, já se recusaram a me atender.	E10.4	Sempre. Ofensas, piadas. Apanhei, assaltado, convidado a retirar por estar com namorado, recusaram a atender.
<b>P11=V11.4</b>	Sim. Piadas homofóbicas no seio familiar ou no trabalho.	E11.4	Sim. Piadas homofóbicas seio familiar ou trabalho.
<b>P12=V12.4</b>	Sim. Recentemente, inclusive. Um rapaz no aplicativo disse q eu era idoso (com 41 anos) pra estar num aplicativo de relacionamento e q eu deveria ter bom senso. Voltando a resposta anterior, sobre aos olhos de alguns, termos prazo de validade. Fora os que a maioria dos gays sofrem durante a vida e que por imaturidade emocional deixamos q aconteçam.	E12.4	Sim. Rapaz aplicativo de relacionamento deveria ter bom senso. Resposta anterior: prazo de validade. Maioria dos gays sofrem durante a vida, imaturidade emocional deixamos que aconteça.
<b>P13=V13.4</b>	Quando tinha em torno de trinta e poucos anos já percebi a postura dos "mais novos" em fazerem questão de afirmar que não curtiam a companhia dos "mais velhos" e passei a evitar	E13.4	Trinta e poucos anos. "Mais novos" afirmar não curtiam companhia "mais velhos". Evitar tais companhias.

	tais companhias.		
<b>P14=V14.4</b>	Sim. Na infância fui vítima de bullying por ser uma criança "efeminada".	E14.4	Sim. Infância bullying criança "efeminada".
<b>P15=V15.4</b>	Sim quando jovem, uma vez em uma parada de ônibus deitei no colo do parceiro enquanto voltava de uma festa na madrugada e um taxista nos agrediu com palavras.	E15.4	Sim. Quando jovem, colo parceiro taxista agrediu com palavras.
<b>P16=V16.4</b>	Vários.	E16.4	Vários.
<b>P17=V17.4</b>	Sim, preconceito de gênero. Piadas ou ofensas por conta de orientação sexual.	E17.4	Sim. Preconceito de gênero. Piadas ofensas orientação sexual.
<b>P18=V18.4</b>	Sim, já me chamaram de velho num post de um perfil sobre notícias do universo gay.	E18.4	Sim. Velho post perfil notícias universo gay.
<b>P19=V19.4</b>	Verbalmente não, mas, indiretamente sim! Principalmente por alguns grupos militantes LGBTQIAP+ que acreditam que todo gay só promove a mudança fazendo barulho, causando polêmica e apelando para a lacração e o cancelamento desenfreado... Percebo o preconceito por parte deles não apenas comigo, mas também com outros gays que não se adequam com esse padrão de comportamento "revolucionário" que eles acreditam ser a única ferramenta de transformação social eficaz. Em relação aos humanos da espécie hetero, há um preconceito velado em relação a minha pessoa. Eles não verbalizam, ficam curiosos a respeito nada minha orientação sexual, mas não questionam; e quando questionam recebem respostas curtas e diretas. Pois pra mim privacidade e intimidade são inseparáveis e é um direito humano também!	E19.4	Verbalmente não. Indiretamente sim. Grupos militantes LGBTQIAP+. Promove mudança fazendo barulho, polêmica, lacração e cancelamento. Outros gays não se adequam padrão de comportamento "revolucionário" única ferramenta transformação social. Hetero preconceito velado. Não verbalizam, curiosos, não questionam, respostas curtas diretas. Privacidade e intimidade inseparáveis direito humano.
<b>P20=V20.4</b>	Sim. Mas tenho recordações muito objetivas.	E20.4	Sim. Recordações objetivas.
<b>P21=V21.4</b>	Sim, alguns pelo culto do corpo jovem, outros por ser nordestino...	E21.4	Sim. Culto do corpo jovem, ser nordestino.
<b>P22=V22.4</b>	Não, porque talvez eu ainda seja considerado jovem.	E22.4	Não. Ainda considerado jovem.
<b>P23=V23.4</b>	Sim, ser rotulado como coroa, tio, velho idoso.	E23.4	Sim. Rotulado coroa, tio, velho idoso.
<b>P24=V24.4</b>	Sobre ser gay? Ou sobre estar envelhecendo? Sobre ser gay, vários. Sobre ser gay envelhecendo, não percebo. Eu ainda aparento ser muito jovem. Sei que muito homens gays com mais de 30 dizem ser considerados muito velhos por homens gays mas jovens, mas nunca tive essa experiência. Acredito que por parecer mais jovem do que realmente sou.	E24.4	Ser gay, vários. Gay envelhecendo não percebo. Aparento ser jovem. Gays mais de 30 muito velhos por gays jovens, nunca tive experiência. Parecer mais jovens do que sou.
<b>P25=V25.4</b>	Sim. Por conta de relacionamento afetivo com pessoa mais jovem, e ouvir que é "papa anjo", que estou com "carência emocional", que estou sendo enganado ou que estou com aquela pessoa apenas por interesse	E25.4	Sim. Relacionamento afetivo pessoa jovem, "papa anjo", "carência emocional", sengo enganado, interesse financeiro. Não responder



	financeiro. Mas não costumo responder nem defender. Procuro ser muito consciente do que vivo e do que escolho.		nem defender. Consciente do que vivo e escolho.
<b>P26=V26.4</b>	Não.	E26.4	Não.

Fonte: Autoria própria.

Legenda: Índices P = Participante; V = Relatos escritos; E = Essências. Os números 1, 2, 3, etc., após o P, se referem a cada participante. O número após o . refere-se ao número da pergunta. Então, onde se vê na primeira linha do quadro P1=V1.4 se lê: “O Participante 1 (P1) deu origem à vivência (relato escrito) V.1.4, que por sua vez deu origem à essência E.1.4”. Na segunda linha do quadro, P2=V2.4 se lê “O Participante 2 (P2) deu origem à vivência (relato escrito) V2.4 que, por sua vez, deu origem à essência E2.4”, e assim sucessivamente.

Com isso, passo a descrever sistematicamente como foi a passagem da redução eidética para a redução transcendental baseadas nos relatos e, posteriormente, nas essências desveladas.

Acerca das respostas para o questionamento fechado inicial “*Você já sofreu algum tipo de preconceito?*”, enumerei que, dos 26 participantes, 20 deram respostas afirmativas e os demais 6 disseram que “não”.

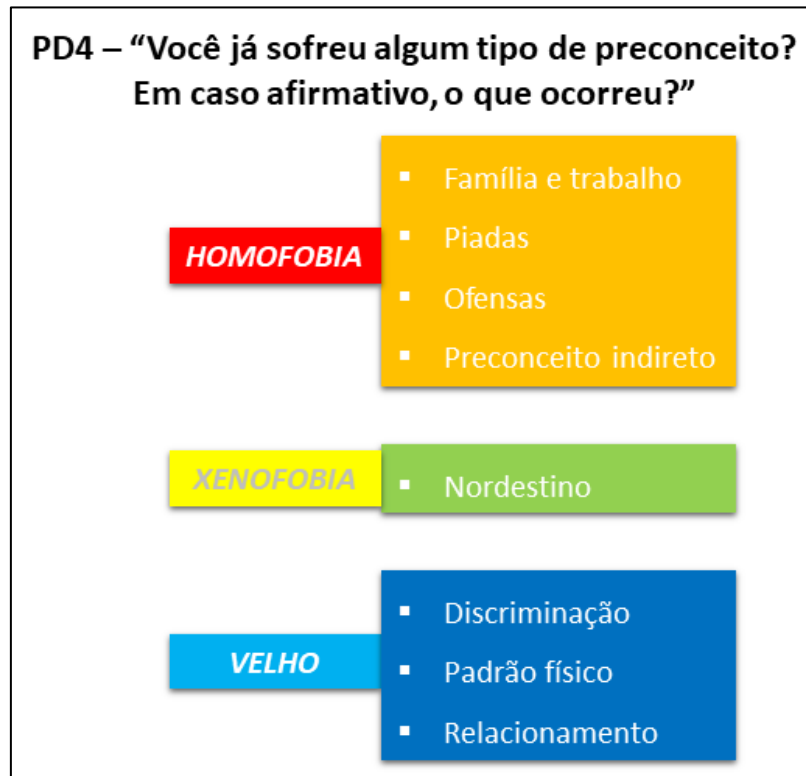
Cada relato foi transcrito, lido e relido individualmente, posteriormente analisado por meio da *epoché* que resultou no contato direto e imediato com as respostas dos participantes, para chegar nos nexos eidéticos da Pergunta Disparadora 3. Para auxiliar no processo, criou-se um diagrama, ilustrado na Figura 9, na página a seguir. A partir da redução transcendental, cheguei a três nexos eidéticos: 1º Homofobia, 2º Xenofobia e 3º Velho.

Acerca donexo eidético Homofobia, os temas que se evidenciaram foram: família e trabalho, piadas, ofensas e preconceito indireto. O Participante 3 (P3), quando questionado o que ocorreu em caso de preconceito, respondeu: “dentro da própria família que não quer entender sua condição e quer lhe impor casamento, filhos como segurança para um futuro na velhice”. P4 referiu que

os preconceitos são difusos e acontecem a todo momento como parte de uma cultura machista, ancorada em forte tradição patriarcal e de dominação masculina. Sinto que a existência deles dificultou meu processo de percepção identitária em termos de sexualidade e afetividade: lutei muito buscando evitar-me e demorei para aceitar ser quem sou. Aceitar-se é um passo importante, mas que é diferente de poder afirmar-se também. Quanto a afirmar-se, ainda que pese alguma necessidade de afirmação como forma de enfrentamento a esses preconceitos, me sinto discreto. Embora seja comum, por preconceito aliás, a valorização do gay discreto me sinto discreto em meu jeito mais autêntico de ser. Me noto cisgênero... isso atenua algumas discriminações, parece me tornar mais palatável à moral estabelecida.

O Participante 10 (P10) relatou que sofre preconceitos “sempre, todos os

Figura 9 – Diagrama da Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 4



Fonte: Autoria própria (2023)

dias. Ofensas, piadas... Já apanhei, já fui assaltado, já fui convidado a me retirar de bares por estar com namorado, já se recusaram a me atender”. P11 respondeu: “piadas homofóbicas no seio familiar ou no trabalho”. P14 referiu que “na infância, fui vítima de *bullying* por ser uma criança ‘efeminada’”. P15 relatou: “quando jovem, uma vez em uma parada de ônibus deitei no colo do meu parceiro enquanto voltava de uma festa na madrugada e um taxista nos agrediu com palavras”. O Participante 19 (P19) respondeu:

Verbalmente não, mas, indiretamente sim! Principalmente por alguns grupos militantes LGBTQIAP+ que acreditam que todo gay só promove a mudança fazendo barulho, causando polêmica e apelando para a lacração e o cancelamento desenfreado... Percebo o preconceito por parte deles não apenas comigo, mas também com outros gays que não se adequam com esse padrão de comportamento ‘revolucionário’ que eles acreditam ser a única ferramenta de transformação social eficaz. Em relação aos humanos da espécie hetero, há um preconceito velado em relação à minha pessoa. Eles não verbalizam, ficam curiosos a respeito nada minha orientação sexual, mas não questionam; e quando questionam recebem respostas curtas e diretas. Pois pra mim privacidade e intimidade são inseparáveis e é um direito humano também!

A realidade de pessoas LGBT+ no Brasil está longe de ser pacífica no Brasil: isso é comprovado pelos dados da violência sofrida por essa população como

consequência da LGBTfobia. Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), o Disque 100 registrou 2.536 denúncias acerca de violências sofridas contra pessoas LGBTQ+ de janeiro a maio de 2023, contra apenas 565 no mesmo período de 2022, o que indica um aumento de 303%. As denúncias resultaram em 13,8 mil registros de violações de direitos humanos desde o início do ano: os maiores registros estão relacionados à integridade psíquica (6,5 mil) e física das vítimas (2,7 mil) (BRASIL, 2023). Ademais, conforme exposto anteriormente, o Brasil é o líder em mortes violentas de pessoas LGBTQ+.

Acerca do nexos eidético Xenofobia, o tema que se evidenciou foi a xenofobia relacionada ser nordestino. O Participante 8 (P8), quando questionado o que ocorreu em caso de preconceito, respondeu: “xenofobia foram casos pontuais quando saí de São Luís para morar no Distrito Federal, algumas pessoas debochavam de hábitos meus que são regionais”. P21 referiu que sofreu preconceito “por ser nordestino”. A xenofobia contra nordestinos se refere à discriminação e hostilidade direcionadas a pessoas que são originárias da Região Nordeste do Brasil: inclui a propagação de estereótipos negativos, preconceitos, exclusão social, discriminação e uso de linguagem ou comportamento ofensivo e racista em relação aos nordestinos (RAMOS, 2023).

Acerca do nexos eidético Velho, os temas que se evidenciaram foram: discriminação, padrão físico e relacionamento. O Participante 9 (P9), quando questionado o que ocorreu em caso de preconceito, respondeu: “por estar fora dos padrões físicos determinados pelo social”. P12 referiu que ocorreu “recentemente, inclusive. Um rapaz no aplicativo disse que eu era idoso (com 41 anos) pra estar num aplicativo de relacionamento e que eu deveria ter bom senso”. P13, ao responder disse que: “quando tinha em torno de trinta e poucos anos já percebi a postura dos ‘mais novos’ em fazerem questão de afirmar que não curtiam a companhia dos ‘mais velhos’ e passei a evitar tais companhias”. O Participante 18 (P18) referiu que “já me chamaram de velho num post de um perfil sobre notícias do universo gay”. P21 ao relatar o que lhe ocorreu, afirmou que sofreu preconceito “pelo culto do corpo jovem”. P23 respondeu que isso ocorreu ao “ser rotulado como cora, tio, velho, idoso”. O Participante 25 (P25) referiu que

por conta do relacionamento afetivo com pessoa mais jovem, e ouvir que é ‘papa anjo’, que estou com ‘carência emocional’, que estou sendo enganado ou que estou com aquela pessoa apenas por interesse financeiro. Mas não

costumo responder nem defender. Procuo ser muito consciente do que vivo e do que escolho.

Os relatos revelam a discriminação com base na idade (etarismo), a pressão para se encaixar em padrões físico-estéticos (e, logo, a exclusão daqueles que não se encaixam nesses padrões), o culto ao corpo jovem (que enfatiza a importância da juventude e aparência física para homens gays) e os estereótipos sobre relacionamentos intergeracionais (o que inclui acusações de carência emocional, interesse financeiro ou a ideia de que estão sendo enganados). Tais estereótipos afetam a liberdade de escolha das pessoas em relação a seus relacionamentos amorosos.

Santos, Araújo e Negreiros (2018) apontam que o preconceito intragrupo LGBT+ existe: a homonormatividade, um padrão do que é socialmente aceito dentro do grupo LGBT+. Entretanto, o corpo do idoso não se adequa a ela, visto que o que vem sendo valorizado na atualidade é a juventude: é nesse momento que pode haver tentativas (por vezes, frustradas) de buscar para si artefatos que deixem com aparência mais jovem.

Cabe assinalar que, para boa parte da sociedade, a sexualidade do idoso é tida como inexistente, muito pelo fato de pessoas mais jovens tratarem o tema por um viés biológico, em que o envelhecimento proporciona perdas funcionais. Além disso, ainda se têm uma imagem do idoso a partir de uma visão de “pureza” que, quando se soma à questão de ser LGBT+ aumenta a negligência social em reforçar estigmas que causam a homofobia internalizada (SANTOS; ARAÚJO; NEGREIROS, 2018).

## **5.5 Redução eidética e transcendental da Pergunta Disparadora 5**

Para a redução eidética da quinta Pergunta Disparadora (PD5 - *“Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?”*), organizei do seguinte modo: tal como na pergunta anterior, apresento o resultado obtido a partir da pergunta (transcrição do relato) e, em seguida, extraio as essências de cada vivência.

**Quadro 5 – Relatos escritos e desvelamento das essências da PD5**

RELATOS ESCRITOS		ESSÊNCIAS	
<b>P1=V1.5</b>	Sim, agora as pessoas me chamam de “senhor”.	E1.5	Sim. Me chamam de “senhor”.
<b>P2=V2.5</b>	Não.	E2.5	Não.
<b>P3=V3.5</b>	Sim. As limitações físicas de deixar de fazer algumas coisas que fazia outrora, e agora só faço com ajuda de óculos, de terceiros e deixar de fazer certas coisas que envolvam esforços físicos. A frequência com que costume ir aos médicos, quer seja por prevenção, quer seja para tratamento de saúde, ou seja, o aumento de idas ao médico, demonstram que o corpo envelheceu e requer mais cuidados.	E3.5	Sim. Limitações físicas: deixar de fazer coisas, só faço com ajuda de óculos, de terceiros, envolvam esforços físicos. Aumento idas ao médico: prevenção, tratamento de saúde.
<b>P4=V4.5</b>	Não parecer garotão para mim sempre se mostrou algo interessante... talvez pela profissão: sou professor. Parecer mais velho era como, no âmbito da profissão, parecer mais respeitável (como quem carrega uma bagagem maior). Mas me lembro de algumas situações. Uma pode remeter a essa questão da experiência e do modo como ela pode influenciar nosso modo de ser e outra remete mais a coisa da aparência física mesmo. Certa vez numa discussão no âmbito de um relacionamento foi-me imputada a pecha de parecer um velho nascido no século XIX por escrever com alguma "formalidade". Lembro-me de ter ouvido algo do tipo: "pode deixar o professor de lado e falar normal. Parece um velho que nasceu no século XIX". Outra vez chegando da escola depois de um dia extenuante e cheio, compartilhei com um colega os problemas que aconteceram na escola durante o dia. Como foram muitos e as situações bastante complexas, no momento em que passei a mão no cabelo ele comentou algo sobre os cabelos brancos: "porra seu dia foi tenso mesmo, vc ganhou bem uma mexa aí de cabelos brancos". Rimos bastante disso, mas como reparei os brancos naquele momento, cheguei até a associar as situações. Fora essas duas situações as vezes em aplicativos as pessoas me acham mais velho... por genética tenho bastante cabelos brancos, inclusive na barba, mesmo estando com 39 anos.	E4.5	Não parecer garotão interessante. Sou professor. Parecer mais velho, parecer mais respeitável. Experiência influenciar modo de ser, aparência física. Pecha velho nascido no século XIX, escrever com “formalidade”. “Você ganhou mexa cabelos brancos”. Reparei os brancos barba. Em aplicativos/ me acham mais velho.
<b>P5=V5.5</b>	Sim. Quando fui chamado por um estranho de "tio".	E5.5	Sim. Chamado de “tio”.
<b>P6=V6.5</b>	Sim! O declínio do corpo, as vezes desequilíbrio e/ou quedas. E, também atitudes de outras pessoas tipo: "Há fulano não vai aguentar, pois já está próximo dos 50 anos". Quando se referia a dança, a ir para um determinado local, etc...	E6.5	Sim. Declínio do corpo, desequilíbrio e/ou quedas. “Fulano não vai aguentar, próximo 50 anos” quando referia a dança, determinado local.
<b>P7=V7.5</b>	Apenas o desejo quando mais jovem, de ter minha independência e liberdade.	E7.5	Desejo quando mais jovem ter independência e liberdade.

<b>P8=V8.5</b>	A compra da casa própria e o planejamento de velhice com amigos são situações que me remeteram ao envelhecimento diretamente. Pensar em ter um lugar seguro para morar quando estiver mais velho, e montar estratégias com pessoas próximas para essa fase da vida são coisas que eu tenho feito.	E8.5	Compra casa própria planejamento velhice com amigos. Lugar seguro para morar, montar estratégias com pessoas próximas.
<b>P9=V9.5</b>	Sim. Estrutura física.	E9.5	Sim. Estrutura física.
<b>P10=V10.5</b>	Sempre, comparo meus pensamentos e atitudes atuais com de mais jovem. As dores que surgem no corpo. O cansaço e a falta de ânimo de vida.	E10.5	Sempre. Comparo pensamentos e atitudes com jovens. Dores no corpo. Cansaço, falta de ânimo de vida.
<b>P11=V11.5</b>	A infância me faz perceber ter mais idade e maturidade para lidar com as emoções e construções sociais.	E11.5	Mais idade e maturidade lidar emoções e construções sociais.
<b>P12=V12.5</b>	Eu desde criança sempre quis ser adulto, mais velho, então, lido bem com o fato do envelhecer.	E12.5	Quis ser adulto, lido bem com envelhecer.
<b>P13=V13.5</b>	Somente as citadas anteriormente.	E13.5	Citadas anteriormente.
<b>P14=V14.5</b>	Ano passado estava fazendo atividade física na reserva e ao passar por duas adolescentes fui chamado de coroa.	E14.5	Chamado de coroa.
<b>P15=V15.5</b>	Aprender a não ligar para a opinião dos outros.	E15.5	Não ligar opinião outros.
<b>P16=V16.5</b>	Pessoas querem que vc tenha filhos.	E16.5	Pessoas querem tenha filhos.
<b>P17=V17.5</b>	Não.	E17.5	Não.
<b>P18=V18.5</b>	Sim, vendo a quantidade de anos que meus pais têm e quanto falta para a minha aposentadoria. Secundariamente, o aparecimento de pelos brancos e cinzas no meu peito e no saco escrotal.	E18.5	Sim. Anos pais têm. Falta para aposentadoria. Aparecimento pelos brancos e cinzas.
<b>P19=V19.5</b>	A frustração de ter nascido em lugar que não me favorece muito na realização pessoal dos meus sonhos e o fato de ter amado intensamente pessoas que não valem um orgasmo!	E19.5	Frustração nascido lugar não favorece realização pessoal dos sonhos, amado intensamente pessoas que não valem orgasmo.
<b>P20=V20.5</b>	Dificuldade de perder peso.	E20.5	Dificuldade perder peso.
<b>P21=V21.5</b>	Sim várias.	E21.5	Sim várias.
<b>P22=V22.5</b>	Há um tempo atrás, quando eu usava apps de relacionamento, tipo Tinder ou Grindr. Quando eu conversava com rapazes mais jovens, na casa dos 18/19 anos, eu sentia uma certa diferença entre assuntos e interesses. Por exemplo, gênero musical ou cantores preferidos. Percebi que as pessoas dessa faixa etária mais jovem já possuíam gostos diferentes dos meus. Percebia também uma vibe mais despreocupada em relação à vida, como se eles tivessem menos responsabilidades do que eu.	E22.5	Apps de relacionamento. Rapazes mais jovens. Diferença entre assuntos e interesses. Gostos diferentes. Vibe mais preocupada relação à vida.
<b>P23=V23.5</b>	Sim, os cabelos grisalhos muito cedo e meus	E23.5	Sim. Cabelos grisalhos

	país.		cedo, país.
<b>P24=V24.5</b>	Ser chamado de tio ou senhor por crianças ou adolescentes, mas acredito que isso possa estar mais associado ao lugar de professor, da relação professor aluno.	E24.5	Chamado tio ou senhor. Lugar de professor.
<b>P25=V25.5</b>	A pergunta não ficou muito clara para mim. Vou responder o que entendi. Uma situação em que chego sozinho numa festa de público gay e não consegui socializar, por ser visto como uma pessoa envelhecida, a ponto de eu sentir que aquele não era mais o meu lugar.	E25.5	Pergunta não clara. Festa público gay não consegui socializar, ser visto pessoa envelhecida, não era mais meu lugar.
<b>P26=V26.5</b>	A minha rede de relações o tempo todo aciona a minha idade como algo distinto daquilo que meu corpo performa. Acho que pelo fato de ser esportista.	E26.5	Rede de relações aciona minha idade como distinto corpo performa. Ser esportista.

Fonte: Autoria própria.

Legenda: Índices P = Participante; V = Relatos escritos; E = Essências. Os números 1, 2, 3 etc., após o P, se referem a cada participante. O número após o . refere-se ao número da pergunta. Então, onde se vê na primeira linha do quadro P1=V1.5 se lê: "O Participante 1 (P1) deu origem à vivência (relato escrito) V.1.5, que por sua vez deu origem à essência E.1.5". Na segunda linha do quadro, P2=V2.5 se lê "O Participante 2 (P2) deu origem à vivência (relato escrito) V2.5 que, por sua vez, deu origem à essência E2.5", e assim sucessivamente.

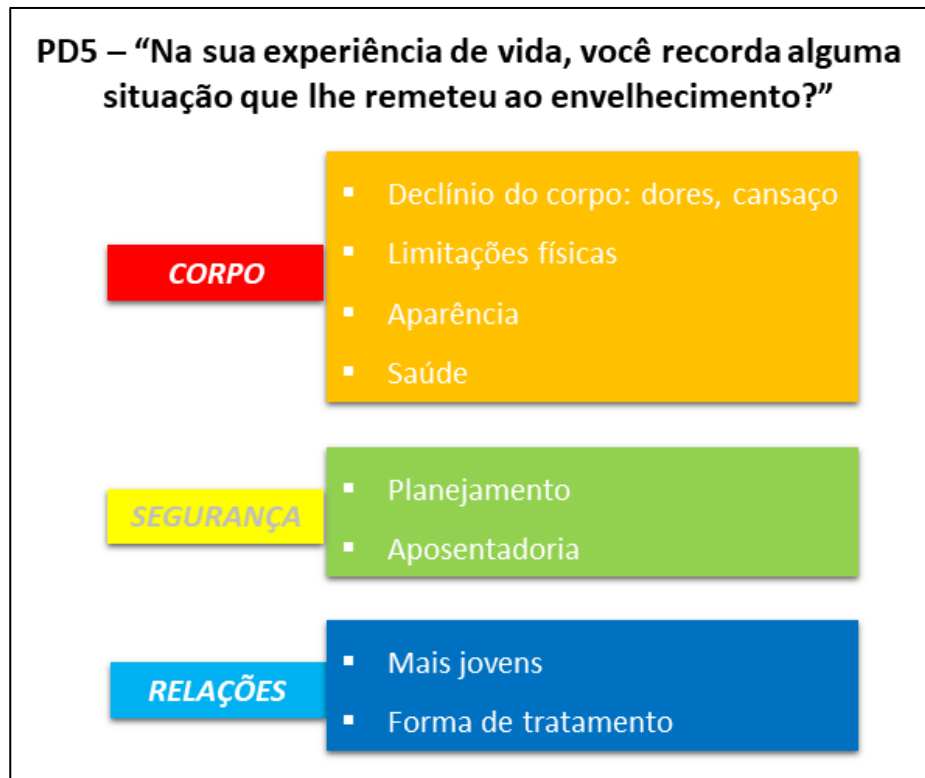
Com isso, passo a descrever sistematicamente como foi a passagem da redução eidética para a redução transcendental baseadas nos relatos e, posteriormente, nas essências desveladas.

Acerca das respostas, enumerei que, dos 26 participantes, 18 deram respostas afirmativas, 2 deram respostas negativas e 6 deram respostas que não se especificaram.

Cada relato foi transcrito, lido e relido individualmente, posteriormente analisado por meio da *epoché* que resultou no contato direto e imediato com as respostas dos participantes, para chegar nos nexos eidéticos da Pergunta Disparadora 5. Para auxiliar no processo, criou-se um diagrama, ilustrado na Figura 10. A partir da redução transcendental, cheguei a três nexos eidéticos da Pergunta Disparadora 5. Para auxiliar no processo, criou-se um diagrama, ilustrado na Figura 10, na página seguinte. A partir da redução transcendental, cheguei a três nexos eidéticos: 1º Corpo, 2º Segurança e 3º Relações.

Acerca donexo eidético Corpo, alguns temas se evidenciaram: o declínio do corpo (como as dores e o cansaço), as limitações físicas, a aparência e a saúde. O Participante 3 (P3), ao responder se em sua experiência de vida recordava de alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento, disse:

Figura 10 – Diagrama da Redução Transcendental da Pergunta Disparadora 5



Fonte: Autoria própria (2023)

as limitações físicas de deixar de fazer algumas coisas que fazia outrora, e agora só faço com ajuda de óculos, de terceiros e deixar de fazer certas coisas que envolvam esforços físicos. A frequência com que costumo ir aos médicos, quer seja por prevenção, quer seja para tratamento de saúde, ou seja, o aumento de idas ao médico, demonstram que o corpo envelheceu e requer mais cuidados.

O Participante 6 (P6) referiu “o declínio do corpo, às vezes desequilíbrio e/ou quedas”. P9, respondeu que a “estrutura física” lhe remete ao envelhecimento. P10 referiu “as dores que surgem no corpo. O cansaço e a falta de ânimo da vida”. O Participante 18 (P18) disse “o aparecimento de pelos brancos e cinzas no meu peito e no saco escrotal”. P20 referiu a “dificuldade de perder peso”.

Os relatos dos participantes refletem as experiências comuns relacionadas às mudanças físicas e à percepção de envelhecimento. Também destacam a importância de cuidar da saúde, adaptar-se às mudanças que ocorrem no corpo com o tempo e lidar com as limitações que podem surgir à medida que envelhecem.

Acerca do nexos eidético Segurança, os temas que se evidenciaram foram: o planejamento e a aposentadoria. O Participante 18 (P18), ao responder se em sua



experiência recordava de alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento, referiu “quanto falta para a minha aposentadoria”. P8 respondeu que:

a compra da casa própria e o planejamento de velhice com amigos são situações que me remeteram ao envelhecimento diretamente. Pensar em ter um lugar seguro para morar quando estiver mais velho, e montar estratégias com pessoas próximas para essa fase da vida são coisas que eu tenho feito.

Os relatos dos participantes refletem uma preocupação com a segurança e a preparação para a velhice, com ênfase em aspectos financeiros, moradia e rede de apoio. Souza (2021a) aponta que idosos LGBTQ+ algumas vezes têm a sorte de contar com a presença de parentes próximos, mas outros não têm a quem recorrer na velhice e precisam acionar antigas amizades, nem sempre disponíveis. Tais constatações também podem interferir negativamente nas possibilidades de experimentação e de expressão da sexualidade de uma pessoa idosa LGBTQ+, daí a importância de formar e cultivar as redes de proteção e suporte possíveis.

Acerca do nexó eidético Relações, os temas evidenciados foram: as relações com mais jovens e a diferença nas formas de tratamento. O Participante 1 (P1), ao responder se em sua experiência de vida recordava de alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento, referiu que “agora as pessoas me chamam de ‘senhor’”. P5 referiu que isso aconteceu “quando fui chamado por um estranho de ‘tio’”. P6 respondeu que “atitudes de outras pessoas tipo: ‘ah fulano não vai aguentar, pois já está próximo dos 50 anos’”. Quando se referia a dança, a ir para um determinado local, etc...”. O Participante 22 (P22) referiu que isso ocorreu

há um tempo atrás, quando eu usava apps de relacionamento, tipo Tinder ou Grindr. Quando eu conversava com rapazes mais jovens, na casa dos 18/19 anos, eu sentia uma certa diferença entre assuntos e interesses. Por exemplo, gênero musical ou cantores preferidos. Percebi que as pessoas dessa faixa etária mais jovem já possuíam gostos diferentes dos meus. Percebia também uma vibe mais despreocupada em relação à vida, como se eles tivessem menos responsabilidades do que eu (sic).

P24 referiu “ser chamado de tio ou senhor por crianças ou adolescentes, mas acredito que isso possa estar mais associado ao lugar de professor, da relação professor-aluno”. O Participante 25 (P25) respondeu que isso ocorreu em “uma situação em que chego sozinho numa festa de público gay e não consegui socializar, por ser visto como uma pessoa envelhecida, a ponto de eu sentir que aquele não era mais o meu lugar”. P26 referiu que “a minha rede de relações o

tempo todo aciona a minha idade como algo distinto daquilo que meu corpo performa. Acho que pelo fato de ser esportista”.

Os relatos dos participantes revelam uma sensação de mudança nas dinâmicas de relacionamento e na forma como são percebidos à medida que envelhecem. Essas mudanças podem desencadear reflexões sobre o envelhecimento e a transição para uma fase da vida em que são vistos como mais velhos em comparação com os mais jovens.

Rebellato e Moreira (2021) afirmam que mudanças de atitudes em relação ao velho e à pessoa LGBT+ por parte de gerações mais jovens, a partir da convivência intergeracional, podem ser uma oportunidade para a quebra de preconceitos e de revisão de falsas crenças. Ademais, o processo de mudança de atitudes, a longo prazo, também pode retroalimentar positivamente a aceitação, o exercício da autonomia, manutenção da dignidade, da independência e participação social dessa população.

## 6 EVIDÊNCIAS APODÍTICAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados em literatura científica levantadas sobre o tema do envelhecimento de pessoas LGBT+ e, em específico, homens homossexuais, abordam diversos contextos e temas, tais como questões de saúde (física e mental), o bem-estar (ou o “mal-estar”) psicológico e social. Alguns tópicos de estudos foram as disparidades de saúde que afetam homens gays mais velhos, como questões de saúde mental (em especial, depressão e solidão), desafios no acesso a cuidados de saúde (dificultados pela discriminação e estigma sofridos por essa população), a importância de suporte social para o bem-estar de homens homossexuais (amizades, redes de apoio comunitário, relações familiares etc.), a importância da sexualidade, afeto e intimidade para homens gays (e como as atitudes sociais e aceitação podem afetar a expressão da sexualidade), a discriminação e o estigma enfrentados por homens homossexuais mais velhos e como isso causa impacto em diversos âmbitos de sua vida.

A pesquisa iniciou a partir da seguinte questão norteadora: como homens homossexuais cisgênero vivenciam seu próprio envelhecimento? Para tanto, o objetivo geral foi conhecer as vivências de homens gays acerca de seu próprio envelhecimento.

O referencial epistemo-metodológico da investigação foi a Fenomenologia Husserliana, guiada pela atitude fenomenológica, que permitiu a conversão de uma atitude natural e ingênua sobre o mundo para uma atitude fenomenológica. Minha intenção foi chegar à essência do objeto intencional, tal como se apresentou à minha consciência, conhecendo, descrevendo e sistematizando, por meio das reduções, as vivências de homens homossexuais envelhecendo.

Para isso, e levando-se em conta as limitações impostas à minha saúde, precisei realizar a pesquisa de forma virtual, coletando os dados por meio de um formulário digital. Inicialmente, a ideia pensada era a de uma metodologia que permitisse a investigação face a face e explicações pormenorizadas aos questionamentos. No entanto, busquei que os constructos das perguntas fossem bem pensados e elaborados, com questões abertas (evitando-se predizer *a priori* de respostas). A partir disso, houve variação significativa nas respostas: desde participantes que responderam de forma sucinta (por vezes, com apenas uma palavra) àqueles que responderam com riqueza de detalhes aos questionamentos.

Cabe também assinalar que, longe de a pesquisa *online* ser um grande limitador, permitiu abrir um leque para investigar a vivência de participantes que não residiam em minha cidade e estado: tive acesso às vivências de 26 homens, oriundos de 7 estados do país.

A atitude fenomenológica permitiu uma visão integral dos relatos escritos dos participantes favorecendo a evidenciação dos fenômenos oriundos da redução eidética e redução transcendental, que foram utilizadas na análise, desvelamento e presentificação.

A partir da pesquisa, pude observar que os participantes do estudo perceberam o envelhecimento como um processo complexo que envolve mudanças em várias dimensões da vida, incluindo corpo, experiência e relações. Eles relataram enfrentar preocupações específicas relacionadas à aceitação e valorização em relação a seu envelhecimento, bem como considerações sobre a finitude e a decadência. Tais percepções destacam a necessidade de abordagens de envelhecimento sensíveis às questões específicas de pessoas LGBTQ+ que, a meu ver, ainda são escassas em nossa sociedade.

Ademais, a pesquisa demonstrou a complexidade de percepções entre homens homossexuais, que abrangem aspectos físicos, sociais, profissionais e sexuais. Essas percepções demonstraram-se influenciadas por uma variedade de fatores, incluindo a busca por bem-estar, as mudanças nas relações humanas, as preocupações profissionais e as transformações corporais.

No que tange à dimensão do corpo, os participantes descreveram como são percebidos de maneira positiva ou negativa à medida que envelhecem, com alguns recebendo elogios sobre sua aparência e outros enfrentando preocupações com as mudanças físicas relacionadas à idade. Os participantes também compartilharam experiências relacionadas ao declínio físico à medida que envelhecem, incluindo dores, limitações físicas, mudanças na aparência e necessidade de cuidados de saúde mais frequentes.

No que tange aos relacionamentos, destacaram-se preocupações sobre suporte na velhice, expectativas sociais sobre quem cuidará deles nesse momento e desafios na busca de relacionamentos amorosos, como a falta de reciprocidade entre diferentes faixas etárias e o estigma associado a homens gays mais velhos. Ademais, relataram preocupações e medos acerca do futuro – se estarão sozinhos,

num relacionamento fixo ou mesmo com condições financeiras para se manter na velhice.

Destacaram-se também os estereótipos negativos e discriminação enfrentados por homens gays à medida que envelhecem, incluindo termos depreciativos tais como “bicha velha”, “maricona”, “tia” e a percepção de que sua utilidade e valor diminui com a idade. Alguns participantes, inclusive, expressaram tristeza em relação a essa discriminação e estigma, enquanto outros temem ser vistos dessa maneira futuramente.

Os resultados da pesquisa destacam a persistência do preconceito contra pessoas LGBTQ+ em diferentes esferas da vida, bem como as complexidades da discriminação em relação à idade e à origem regional. Os participantes relataram experiências de discriminação homofóbica no seio da família, trabalho e sociedade em geral: o preconceito se manifestou por meio de pressões familiares para conformidade com normas heteronormativas, discriminação no trabalho e em público, violências físicas, verbais e *bullying* na infância.

O etarismo e as questões relacionadas à homonormatividade também se demonstraram presentes: a discriminação, a pressão para se enquadrar em padrões físico-estéticos, o culto ao corpo jovem e másculo, os estereótipos relacionados a relacionamentos intergeracionais e os desafios em manter relacionamentos afetivo-sexuais foram expressos pelos participantes.

Tais dados se fazem importantes para (re)pensar questões importantes acerca do envelhecimento de homens gays. Tornar visível uma realidade invisível não é uma tarefa simples, mas o debate acerca dos fenômenos que rodeiam a vivência dessas pessoas é um avanço. Os desafios acerca desse tema estão para além da superação de preconceito e discriminação: envolve o reconhecimento dessas pessoas enquanto pessoas, detentoras de direitos e de demandas específicas.

Especificamente, enquanto psicólogo clínico, percebo que esta pesquisa pode trazer contribuições valiosas para melhorar a qualidade de vida e dignidade de homens homossexuais mais velhos: a atuação do psicólogo clínico pode fornecer apoio emocional, ajuda terapêutica e intervenções direcionadas a questões específicas enfrentadas por essas pessoas. Baseado no levantamento bibliográfico e nos resultados obtidos por meio desta investigação, elenco algumas contribuições que o trabalho do psicólogo clínico pode fornecer:

1. *Apoio psicológico para aceitação e autoestima:* muitos homens homossexuais mais velhos podem ter enfrentado décadas de estigma, discriminação e rejeição. O trabalho psicoterapêutico pode ajudá-los a abordar questões relativas à autoestima, entendimento (ou quiçá “aceitação”) da identidade/orientação sexual e superação de traumas do passado;

2. *Tratamentos relativos a queixas de Saúde Mental:* homens gays mais velhos podem estar em maior risco de problemas de saúde mental, como transtornos depressivos, ansiosos e solidão e, portanto, o trabalho do psicólogo clínico pode ser útil para fornecer tratamento ou intervenções psicoterápicas adequadas;

3. *Apoio na gestão de relacionamentos:* a terapia pode ajudar a abordar questões de relacionamento, incluindo a construção de redes de suporte social, superação de desafios nas relações familiares e amorosas;

4. *Abordagem de questões específicas do envelhecimento:* a atuação psicoterapêutica pode ser útil para abordar o envelhecimento para além do foco exclusivo em limitações, mas permitindo a esses sujeitos reconhecer vantagens, oportunidades e caminhos possíveis a partir da velhice.

5. *Apoio na navegação de questões de saúde física:* psicoterapeutas podem ajudar homens gays a enfrentar questões de saúde física, cuidados médicos, prevenção de doenças, aderência a tratamentos e bem-estar físico;

6. *Apoio no entendimento ou resolução de conflitos familiares:* psicólogos clínicos podem ajudar a melhorar as relações com familiares que têm dificuldade em compreender, respeitar ou aceitar a orientação sexual do indivíduo, facilitando a comunicação e o entendimento mútuo;

7. *Apoio na superação do estigma e discriminação:* a psicoterapia pode ser um espaço seguro para discutir e superar o estigma e a discriminação enfrentados pelos homens gays mais velhos, ajudando-os a desenvolver estratégias de enfrentamento e resiliência;

8. *Promoção de uma sexualidade positiva:* em psicoterapia, pode-se discutir questões relacionadas à sexualidade, intimidade e orientação sexual com homens gays, ajudando-os a explorar necessidades, desejos e preocupações de maneira saudável e satisfatória;

9. *Educação e sensibilização:* psicólogos clínicos podem desempenhar um papel na educação e sensibilização de outros profissionais de saúde e

prestadores de serviço para as necessidades e idiosincrasias de homens homossexuais mais velhos;

*10. Grupos de apoio e intervenções comunitárias:* além da psicoterapia individual, é possível que psicólogos clínicos facilitem grupos de apoio e intervenções comunitárias voltadas para homens homossexuais mais velhos, proporcionando um ambiente de apoio e compartilhamento de experiências.

Por fim, percebo, enquanto psicólogo clínico e estudioso de questões relativas à homossexualidade, a importância de estar ciente das questões únicas que afetam homens homossexuais mais velhos e de ser culturalmente sensível neste trabalho. A criação de um ambiente psicoterapêutico acolhedor e inclusivo é essencial para promover a saúde mental e o bem-estar dessa população.

## REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: A política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia e Política**, n. 14, v. 14, p. 163-171, 2000.
- ARAGUSUKU, H. A.; LARA, M. F. A. Uma análise histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 anos de resistência à patologização da homossexualidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe. 3, p. 6-20, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/8cXLmVtg53GV9nWxyk5jgqP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- ARAÚJO, L. F.; CARLOS, K. P. T. Sexualidade na velhice: Um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 8, n. 1, p. 218-237, mai./out. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v8n1/1688-7026-pcs-8-01-188.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- ARONZO, M. Comissão da Câmara aprova projeto de lei que proíbe casamento homoafetivo. **CNN Brasil** [online], 10 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-da-camara-aprova-projeto-de-lei-que-proibe-casamento-homoafetivo/>. Acesso em: 11 out. 2023.
- BERTO, A. A matematização da natureza e o desenraizamento do homem. **Perspectivas Online**, Campos dos Goytacazes, v. 1, n. 3, p. 18-26, 2007.
- BIBLIOTECA CENTRAL DE ZURIQUE. **Grosse Burgunder Chronik**, 1481-1484? Disponível em: <https://www.e-manuscripta.ch/zuz/doi/10.7891/e-manuscripta-87065>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botânico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/?q=sucubo>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- BORBA, J. M. P. A fenomenologia em Husserl. **Revista do NUFEN**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 90-111, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912010000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000200007). Acesso em: 05 dez. 2021.
- \_\_\_\_\_. A Psicologia, o fenômeno do envelhecimento e as Intervenções Assistidas por Animais – IAAs. **Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ**, Seropédica, v. 5, p. 11-28. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/bipsi/article/view/1098/1195>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- BORBA, J. M. P.; SILVA, L. V. C.; OLIVEIRA, T. C. A. A escuta da clínica fenomenológica e os fundamentos da fenomenologia husserliana. In: PIMENTEL, A.; LEMOS, F.; NICOLAU, R. (Orgs.). **A escuta clínica na Amazônia**, v. 1. Belém: EDUFPA, 2017.



BORGES, K. **Terapia afirmativa**: Uma introdução à Psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais. São Paulo: GLS, 2009.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). **Disque 100 registra aumento de mais 300% em denúncias de violações contra pessoas LGBTQIA+ nos primeiros cinco meses de 2023** [online], 05 jun. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/junho/disque-100-registra-aumento-de-mais-300-em-denuncias-contra-pessoas-lgbtqia-nos-primeiros-cinco-meses-de-2023>. Acesso em: 13 set. 2023.

BURROWAY, J. Today in History: The love that dares not speak its name gets a name. **Box Turtle Bulletin** [online], mai. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20171109134532/http://www.boxturtlebulletin.com/2008/05/06/1942>. Acesso em: 27 dez. 2021.

CARNEIRO, N. S. **“Homossexualidades”**: Uma psicologia entre ser, pertencer e participar. Porto: Livpsic, 2009.

CARTER, D. **Stonewall**: The riots that sparked the gay revolution. Nova Iorque: St. Martin's Press, 2010.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto**, v. 2. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

CEARÁ, A. T.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 37, n. 3, p. 118-123, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/GYxRFLfvkVkjYHcFNndzBrD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CHAVES, M. V.; BRITTO, M. C. As várias faces da violência. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: SBGG-RJ, 2021.

CORREIA, R. L. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: SBGG-RJ, 2021.

CRENITTE, M. R. F.; MIGUEL, D. F.; JACOB FILHO, W. Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 13, n. 1, p. 50-56, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/ggaging.com/pdf/v13n1a09.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CROMPTON, L. **Homosexuality & Civilization**. Cambridge: Belknap Press, 2003.

DAMETTO, J.; SCHMIDT, J. C. Entre conceitos e preconceitos: A patologização da homossexualidade em *Psychopathia Sexualis* de Richard von Krafft-Ebing. **PERSPECTIVA**, Erechim, v. 39, n. 148, p. 111-121, dez. 2015. Disponível em:

[https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148\\_538.pdf](https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_538.pdf). Acesso em: 03 dez. 2021.

EGYPTOLOGY. **The Tomb of Niankhkhnun and Khnumhotep**. Disponível em: [http://www.egyptology.com/niankhkhnun\\_khnumhotep/index.html](http://www.egyptology.com/niankhkhnun_khnumhotep/index.html). Acesso em: 27 dez. 2021.

FARO, J. P. Uma nota sobre a homossexualidade na História. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 124-129, abr. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692015000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100014). Acesso em: 03 dez. 2021.

FRIEND, R. A. Older lesbian and gay people: A theory of successful aging. **Journal of Homosexuality**, v. 20, n. 3-4, p. 99-118, 1991.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). **A origem dos povos americanos** [online], nov. 2013. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/indios/origem.html> Acesso em: 27 dez. 2021.

GERMAN BUNDESTAG. **The political parties in the Weimar Republic**. Administration of the German Bundestag, Research Section, WD1, mar. 2006. Disponível em: [https://www.bundestag.de/resource/blob/189776/01b7ea57531a60126da86e2d5c5d/bb78/parties\\_weimar\\_republic-data.pdf](https://www.bundestag.de/resource/blob/189776/01b7ea57531a60126da86e2d5c5d/bb78/parties_weimar_republic-data.pdf). Acesso em: 13 dez. 2021.

GOMES, M. C. A. Etarismos e a diversidade sexual e de gênero. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: SBGG-RJ, 2021.

GOMES, V. J. **Vício dos clérigos**: A sodomia nas malhas do tribunal do Santo Ofício de Lisboa. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

GUIMARÃES, A. C. O conceito de mundo da vida. **Cadernos da EMARF: Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 29-45, abr./set. 2012.

\_\_\_\_\_. Uma aproximação aos conceitos básicos da Fenomenologia. **Fenomenologia e Psicologia**, v. 1, n. 1, 2013.

HENNING, C. E. **Paizões, tiozões, tias e cacuras**: Envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HISTORY.COM. **Stonewall Riots** [online], jun. 2021. Disponível em: <https://www.history.com/topics/gay-rights/the-stonewall-riots>. Acesso em: 27 dez. 2021.

HUSSERL, E. **A ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2008 (Original publicado em 1907).

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 2. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2006 (Original publicado em 1913).

\_\_\_\_\_. **Lições para uma Fenomenologia da consciência interna do tempo**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994 (Original publicado em 1928).

\_\_\_\_\_. **Meditações cartesianas: Introdução à Fenomenologia**. Porto: Rés, 2001 (Original publicado em 1931).

FGV SOCIAL. **Onde estão os idosos?: Conhecimento contra o COVID-19**. Centro de Políticas Sociais, FGV Social, 2020. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Pesquisa-Covidage-FGV-Social-Marcelo-Neri.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: População por idade e sexo – Pessoas de 60 anos ou mais de idade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102038.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

JOSGRILBERG, R. S. Para uma fenomenologia das idades da vida. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 23, n. 3, p. 299-307, set./dez. 2017.

LAVERTY, S. M. Hermeneutic phenomenology and Phenomenology: A comparison of historical and methodological considerations. **International Journal of Qualitative Methods**, Calgary, v. 2, n. 3, p. 21-35, set. 2003.

LEAL, M. G. S.; MENDES, M. R. O. A geração duplamente silenciosa: Velhice e homossexualidade. **Revista Portal de Divulgação**, n. 51, ano 7, fev./mar. 2017.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **LGBT** [online], 2022. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

MIGUEL, D. F. LGBTI+: “Sopa de letrinhas” para quem? In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: SBGG-RJ, 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MISSAGGIA, J. O conceito husserliano de corpo: Sua dualidade e função nas experiências perceptivas. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 8. n. 3, p. 196-208, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/33484/18787>. Acesso em: 13 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **Por uma Fenomenologia encarnada: Corpo e intersubjetividade em Husserl**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

MOTT, L. C. G.; FERREIRA, A. **São Tibira do Maranhão (1613-2013): Índio gay mártir**. São Luís: Editora GGB, 2013.

MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS (USHMM). **Enciclopédia do Holocausto – Perseguição aos homossexuais durante o Terceiro Reich**. 2023. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/gay-men-under-the-nazi-regime>. Acesso em: 13 mai. 2023.

LINHARES, V. H. M. A. **A temporalidade em Edmund Husserl e as contribuições para a Psicologia Clínica**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

LUZ, M. G. E. **Pederastia e erotismo**: Reflexões sobre a formação pedagógica e política no pensamento de Platão. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/teses/2021/2021%20-%20MARCIA%20GOMES%20ELEUTERIO%20DA%20LUZ.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

OBSERVATÓRIO DE MORTES VIOLENTAS DE LGBTI+ NO BRASIL. **Mortes e violência contra LGBTI+ no Brasil**: Dossiê 2022. Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2023/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2022-ACONTECE-ANTRA-ABGLT.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023.

OLIVEIRA, T. C. A.; BORBA, J. M. P. Contribuições da fenomenologia husserliana para a Psicologia Clínica. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 11, n. 3, p. 154-169, dez. 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.n%C2%BA03ensaio52>. Acesso em: 05 dez. 2021.

OXFORD LEARNER'S DICTIONARY. **Zeitgeist**. United Kingdom: Oxford University Press, 2022. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/zeitgeist>. Acesso em: 27 dez. 2021.

PICKETT, B. Homosexuality. In: ZALTA, E. N. (Ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** [online], mar. 2021. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/homosexuality/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

RAMOS, V. B. C. **Xenofobia contra nordestinos e nortistas nas escolas**: a História como propositora de vivência intercultural. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

REBELLATO, C.; MOREIRA, V. G. Autonomia e independência. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: SBGG-RJ, 2021.

ROCHA, J. F. L.; GUIMARÃES, R. M. Coming out: Quando os pais entram no armário de seus filhos. In: 8ª Mostra Científica do curso de Psicologia da Universidade CEUMA, 2016. **Anais...** São Luís: Universidade CEUMA, 2016, v. 1, p. 131-145.

ROCHA, V. F. Saúde mental: Sofrimento psíquico e fatores contextuais. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: SBGG-RJ, 2021.

RUSSO, J. A. et al. O campo da Sexologia no Brasil: Constituição e institucionalização. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/7gwc5N3WMxdfyx7p8tTYhMN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 dez. 2021.

SANCHEZ, D. G. Estranheza e propriedade: A experiência da empatia em Edmund Husserl. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 3, n. 2, dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/download/5497/12118>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SANTOS, D. K.; LAGO, M. C. S. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: Narrativas de si. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 113-147, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/YbFqtGYRc3QpqqKJFsczLdfG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 mai. 2023.

SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F.; NEGREIROS, F. Atitudes e estereótipos em relação à velhice LGBT. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 29, p. 57-69, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9624/7457>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (SBGG). **O que é etarismo e qual seu impacto na vida do idoso?** [online], 2023. Disponível em: <https://www.sbgg-sp.com.br/o-que-e-etarismo-e-qual-seu-impacto-na-vida-do-idoso/>. Acesso em: 13 mai. 2023.

SIQUEIRA, R. L.; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: Algumas considerações teóricas e conceituais. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, p. 899-906.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SOUZA, C. P. Reflexões fenomenológicas e hermenêuticas sobre o conceito de “corpo próprio” de Husserl e o envelhecimento na atualidade. **Complexitas: Revista de Filosofia Temática**, v. 6, n. 1, p. 33-41, mai. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/14762/10236>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SOUZA, L. L. Sexualidade e identidade de gênero de pessoas idosas. In: REBELLATO, C.; GOMES, M. C. A.; CRENITTE, M. R. F. (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. Rio de Janeiro: SBGG-RJ, 2021a.

\_\_\_\_\_. **Velhices LGBT+**: Problemas enfrentados no cenário brasileiro atual e desafios para o futuro. Curitiba: Transgente, 2021b. Disponível em: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-pessoa-idosa/publicacoes/velhices\\_lgbt\\_-\\_cenario\\_atual\\_brasileiro\\_e\\_desafios\\_-\\_v.1.0\\_.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-pessoa-idosa/publicacoes/velhices_lgbt_-_cenario_atual_brasileiro_e_desafios_-_v.1.0_.pdf). Acesso em: 30 mai. 2023.

TEIXEIRA FILHO, F. S. Apontamentos para uma Psicologia contra-homofóbica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP) (Org.). **Psicologia e diversidade sexual**: Desafios para uma sociedade de direitos. Brasília: CFP, 2011. p. 49-66.

TIMERMAN, A.; MAGALHÃES, N. **Histórias da AIDS**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TITCHENER, E. B. Brentano e Wundt: Psicologia Empírica e Experimental. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 1, p. 97-103, jan./jul. 2010.

TORRÃO FILHO, A. **Tríbadés galantes, fanchonos militantes**: Homossexuais que fizeram história. São Paulo: GLS, 2000.

TOURINHO, C. D. C. A crítica da Fenomenologia de Husserl à visão positivista nas Ciências Humanas. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 17, n. 2, p. 131-136, jul./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Fenomenologia e ciências humanas: A crítica de Husserl ao positivismo. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 22, n. 31, p. 379-389, jul./dez. 2010.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L., SARAIVA, E. R. A. A sexualidade na velhice: Representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 196-209, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/dtF8qQ6skTwWk4jK5ySG7Gq/#>. Acesso em: 13 jun. 2023.

WILDE, O. O julgamento: Fragmento do interrogatório a que Wilde foi submetido na sessão do quarto dia do segundo julgamento, 30 abr. 1895. **Folha de S. Paulo**, 21 mai. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/5/21/mais!/35.html>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ZILLES, U. A Fenomenologia Husserliana como método radical. In: HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a Filosofia**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) E FORMULÁRIO

### **Formulário da pesquisa *O homem homossexual e a fenomenologia do seu envelhecer***

#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

O Sr. está sendo convidado a participar da pesquisa ***O homem homossexual e a fenomenologia do seu envelhecer***, cujo pesquisador responsável é *Jefther Felipe Lima Rocha*, mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão, sob orientação do *prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba*.

O Sr. está sendo convidado porque acreditamos que pode contribuir significativamente para este estudo, a partir do compartilhamento de suas vivências.

O objetivo geral da pesquisa é realizar uma investigação baseada na descrição dos fenômenos apresentados que emergirão da experiência pura, considerada enquanto vivência intencional, acerca do relato escrito de homens homossexuais envelhecendo.

Caso aceite participar da pesquisa, sua participação consiste em responder as cinco (5) perguntas disparadoras do formulário presente neste *link*.

O Sr. tem plena liberdade de se recusar a participar ou retirar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa.

Caso após preencher e enviar o questionário o Sr., desejar retirar seu consentimento para uso dos dados, deve entrar em contato com o pesquisador responsável que lhe enviará resposta confirmando ciência de sua decisão.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o Sr. são desconforto, vergonha, constrangimento, estresse, cansaço ao responder as perguntas, quebra de anonimato e/ou quebra de sigilo.

Para minimizar estes riscos, estamos tomando medidas tais como o anonimato e privacidade dos participantes, proteção da imagem e não-estigmatização dos participantes, garantia aos acesso dos resultados individuais e coletivos.

Quanto aos riscos para o anonimato e sigilo, garantimos ao Sr. a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Entretanto, por estarmos usando esta plataforma virtual, para armazenamento das respostas, há limitações para assegurar a total confidencialidade e, por isso, uma vez terminada a coleta de dados será realizado o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local do pesquisador responsável, apagando todo e qualquer registro da plataforma virtual (nuvem *Google Drive*).

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: promover conhecimento científico acerca da vivência de homens homossexuais envelhecendo e fornecer subsídio teórico-científico para promover uma escuta clínica suspensiva na clínica psicológica.

Se julgar necessário, o Sr. dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

O Sr. pode entrar em contato com o pesquisador responsável *Jefther Felipe Lima Rocha* a qualquer tempo para informação adicional pelo e-mail *jefther.felipe@discente.ufma.br* ou pelo telefone: (98)983331089.

Recomendamos ao Sr. imprimir este TCLE e guardá-lo como comprovante de seu consentimento e dos termos aqui descritos, ou fazer download em pdf. Ao imprimir, marcar a opção "imprimir cabeçalhos e rodapés", para ter o *link* da página de origem e a paginação do TCLE.

Ao clicar no botão abaixo **[Próxima]**, o Sr. concorda em participar da pesquisa nos termos apresentados neste TCLE, e iniciará a resposta ao formulário. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador. Caso desista da participação antes de finalizar o formulário, basta não enviar ao final.

#### **CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO:**

Li e concordo em participar da pesquisa.

### **Dados sociodemográficos**

**Idade: \***

Sua resposta

**Estado (UF) de residência: \***

Sua resposta

**Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?**

Sua resposta

## Perguntas disparadoras

**1. O que significa para você envelhecer? \***

Sua resposta

---

**2. Você se percebe envelhecendo? Justifique sua resposta. \***

Sua resposta

---

**3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo? \***

Sua resposta

---

**4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu? \***

Sua resposta

---

**5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento? \***

Sua resposta

---

Ao clicar no botão **[Enviar]** abaixo, você finalizará a pesquisa.  
Agradecemos sua participação.

## APÊNDICE B – RESPOSTAS AO FORMULÁRIO

<b>PARTICIPANTE 1 (P1)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
Idade	33
Estado de residência	MA
Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Caminhar para o fim	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim, o corpo vem dando sinais	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Dizem que estou cada dia melhor	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Não	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Sim, agora as pessoas me chamam de “senhor”	

<b>PARTICIPANTE 2 (P2)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
Idade	59
Estado de residência	MG
Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Ganhar maturidade.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim. Percebo algumas limitações que antes não tinha.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Não faço ideia.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Não.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Não.	

<b>PARTICIPANTE 3 (P3)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
Idade	45 anos
Estado de residência	Maranhão

<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
<p>Envelhecer é um processo. Acredito que envelhecemos desde o nascimento, por exemplo, a criança que fomos, não se assemelha com jovem de 25 anos que fomos, e a criança e o jovem, se distingue do adulto que passou dos 40 de agora. A pele muda, os cabelos caem ou embranquecem, as perdas se somam as conquistas, a capacidade física se modifica. O patrimônio muda, as experiências se acumulam apesar de não resultarem em vivências. O processo de envelhecimento implica em mudanças de hábitos, perspectivas e de vida, para alguns um pesadelo, para outros uma nova fase somada a aposentadoria e colheita dos nos de trabalho. Agora, envelhecer para o homem homossexual ganha contornos de preocupações e incertezas, o medo da solidão, que vão para além daquela vida do homossexual rico e/ou com condições financeiras de manter-se no seio social, sem que sofra preconceitos e exclusão.</p>	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
<p>Sim. Quando percebi que os 40 anos chegaram, comecei a me perguntar como será o amanhã? O que vou fazer? Vou conseguir me aposentar? Conseguirei me manter no mercado de trabalho? Terei família constituída para apoiar-me na velhice?</p>	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
<p>Nunca parei para pensar a respeito. Mas, de modo geral, acredito que como grande parte d população e como vai ser quando "ele estiver velho"? Quem vai cuidar? Que vai prestar assistência. Penso, enquanto homem solteiro.</p>	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
<p>Sim. Dentro da própria família que não quer entender sua condição e quer lhe impor casamento, filhos como segurança para um futuro na velhice.</p>	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
<p>Sim. As limitações físicas de deixar de fazer algumas coisas que fazia outrora, e agora só faço com ajuda de óculos, de terceiros e deixar de fazer certas coisas que envolvam esforços físicos. A frequência com que costumo ir aos médicos, quer seja por prevenção, quer seja para tratamento de saúde, ou seja, o aumento de idas ao médico, demonstram que o corpo envelheceu e requer mais cuidados.</p>	

<b>PARTICIPANTE 4 (P4)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	39
<b>Estado de residência</b>	Maranhão
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
<p>Envelhecer significa para mim ganhar experiência entretanto com as transformações do corpo me sinto convivendo com a representação, não minha pois a rejeito, de que envelhecer seja algo que remeta a se aproximar da morte, tornar-se decrépito, inútil, uma espécie de estorvo, alguém sem serventia etc.</p>	

**2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.**

Sim. Muitas situações perdem o ar de "novidade" e se apresentam como momentos análogos a outros já vividos, não sendo experienciados com o mesmo entusiasmo. Ao mesmo tempo é possível se sentir menos imediatista e ponderando mais antes de agir. Há mudanças em aspectos físicos que, em geral, tornam-se (ao menos por hora) desimportantes ou secundários tendo em vista não serem ainda de muito impacto e também não me sentir representado no culto que existe ao que vem sendo chamado de juvenilização social.

**3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?**

Há uma "crença" amplamente difundida de que a felicidade se liga a ideia de ter um relacionamento monogâmico heteronormativo e, sendo assim, não se enquadrar nessa representação pode gerar uma visão de que um homem gay, mais maduro, que não se apresenta em um relacionamento nestes moldes, ou mesmo homoafetivo, seja alguém infeliz. Nesse sentido acho que podem ser construídas representações mas que não contemplam em essência como me sinto ou apresento no mundo.

**4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?**

Os preconceitos são difusos e acontecem a todo momento como parte de uma cultura machista, ancorada em forte tradição patriarcal e de dominação masculina. Sinto que a existência deles dificultou meu processo de percepção identitária em termos de sexualidade e afetividade: lutei muito buscando evitar-me e demorei para aceitar ser quem sou. Aceitar-se é um passo importante, mas que é diferente de poder afirmar-se também. Quanto a afirmar-se, ainda que pese alguma necessidade de afirmação como forma de enfrentamento a esses preconceitos, me sinto discreto. Embora seja comum, por preconceito aliás, a valorização do gay discreto me sinto discreto em meu jeito mais autêntico de ser. Me noto cisgênero... isso atenua algumas discriminações, parece me tornar mais palatável à moral estabelecida.

**5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?**

Não parecer garotão para mim sempre se mostrou algo interessante... talvez pela profissão: sou professor. Parecer mais velho era como, no âmbito da profissão, parecer mais respeitável (como quem carrega uma bagagem maior). Mas me lembro de algumas situações. Uma pode remeter a essa questão da experiência e do modo como ela pode influenciar nosso modo de ser e outra remete mais a coisa da aparência física mesmo. Certa vez numa discussão no âmbito de um relacionamento foi-me imputada a pecha de parecer um velho nascido no século XIX por escrever com alguma "formalidade". Lembro-me de ter ouvido algo do tipo: "pode deixar o professor de lado e falar normal. Parece um velho que nasceu no século XIX". Outra vez chegando da escola depois de um dia extenuante e cheio, compartilhei com um colega os problemas que aconteceram na escola durante o dia. Como foram muitos e as situações bastante complexas, no momento em que passei a mão no cabelo ele comentou algo sobre os cabelos brancos: "porra seu dia foi tenso mesmo, você ganhou bem uma mexa aí de cabelos brancos". Rimos bastante disso, mas como reparei os brancos naquele momento, cheguei até a associar as situações. Fora essas duas situações as vezes em aplicativos as pessoas me acham mais velho... por genética tenho bastante cabelos brancos, inclusive na barba, mesmo estando com 39 anos.

<b>PARTICIPANTE 5 (P5)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	56
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Se estamos envelhecendo, estamos obedecendo ao ciclo natural da vida, mas também que estamos sujeitos a grandes mudanças, ganhos e perdas. É um momento transitório desafiador.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim. Uma primeira percepção. Não é com base na aparência física, como por exemplo, a coloração dos cabelos.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Não me vejo pensando nesta questão.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Não.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Sim. Quando fui chamado por um estranho de "tio".	

<b>PARTICIPANTE 6 (P6)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	48
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Duas coisas: do ponto de vista física, significa algumas perdas da mobilidade física/corporal e, a necessidade de "desacelerar" o ritmo corporal, pois a velhice nos impõe, absolutamente normal, algumas barreiras da questão biológica e física, trazendo consequências ao declínio do nosso corpo. Já, do ponto de vista da experiência e vivência, posso dizer que o envelhecimento nos traz acúmulo de sabedoria, liberdade e desprendimento das questões mais fugaz da vida, por exemplo, bens materiais, relações tóxicas, e nos ensina a valorizar mais o do tempo cronológico e as relações perene.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim! Observando as consequências do declínio do corpo, com o surgimento de algumas questões de saúde, e a necessidade maior de cuidado com a alimentação, hábitos e ações. Sobretudo, tratando-se de uma pessoa com deficiência como sou... O Processo de envelhecimento torna-se mais acentuado, em algumas questões.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Existem vários pontos de vistas: o mais corriqueiro é a tratativa ou visão de que somos "bicha velha", sem interesse sexual, sem sonhos, desinteressantes, fora dos	

padrões de estética imposto pela sociedade, etc. Mas, também a visão de que somos homens gays com segurança financeira, emocional, inteligentes, e até sobreviventes pelo fato de termos vivido muitas coisas, crises, epidemias, etc.

**4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?**

Sim! Na sociedade que vivemos, sobretudo, na visão gay, assumido ou com "trejeitos", se supervaloriza o belo, e o másculo. O que é um grande equívoco. Se repete nos homens gays comportamentos machistas apreendidos no processo educativo, que não leva em consideração a diversidade de gênero e identidade sexual, e isso se reproduz de maneira "natural" nas relações. Dai, se você é gay, velho, deficiente, negro, gordo, com trejeitos, para cada forma de comportamento relacional ou condição social haverá uma narrativa, uma tratativa que gerará preconceitos, e as vezes até não aceitação social. Eu costumo frequentar saunas e boates, e pelo fato de ser "maduro", em processo de envelhecimento existe o olhar discriminatório e avaliativo as vezes explícito ou implícito.

**5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?**

Sim! O declínio do corpo, as vezes desequilíbrio e/ou quedas. E, também atitudes de outras pessoas tipo: "Há fulano não vai aguentar, pois já está próximo dos 50 anos". Quando se referia a dança, a ir para um determinado local, etc...

<b>PARTICIPANTE 7 (P7)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	45
<b>Estado de residência</b>	PA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Um privilégio.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Não, sinto-me bem com minha idade.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Como um homem experiente.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Não.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Apenas o desejo quando mais jovem, de ter minha independência e liberdade.	

<b>PARTICIPANTE 8 (P8)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	35
<b>Estado de residência</b>	DF
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	



<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Envelhecer significa seguir o curso esperado da vida, com a possibilidade de completar as etapas que a gente prevê.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Me percebo, tanto fisicamente quanto em questões sociais, comportamentais. Me reconheço mais preparado para lidar com várias questões de convivência, me sinto menos eufórico e mais centrado, e observo o processo de envelhecimento do meu corpo também.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Varia de quem percebe. Os mais jovens geralmente são mais curiosos em saber como é a vida de quem tem minha idade, os mais velhos me percebem muito jovem ainda. Mas são percepções positivas, de modo geral, até o momento.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Relacionado a idade, envelhecimento, não. Sofri preconceito de homofobia e xenofobia. Homofobia é algo recorrente, xenofobia foram casos pontuais quando saí de São Luís para morar no Distrito Federal, algumas pessoas debochavam de hábitos meus que são regionais.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
A compra da casa própria e o planejamento de velhice com amigos são situações que me remeteram ao envelhecimento diretamente. Pensar em ter um lugar seguro para morar quando estiver mais velho, e montar estratégias com pessoas próximas para essa fase da vida são coisas que eu tenho feito.	

<b>PARTICIPANTE 9 (P9)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	63
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Ser rejeitado por estar fora dos padrões.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim. Fisicamente com menos energia.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Rejeitado e discriminado.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Sim. Por estar fora dos padrões físicos determinados pelo social.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Sim. Estrutura física.	

<b>PARTICIPANTE 10 (P10)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	48
<b>Estado de residência</b>	GO
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Aceitar a passagem do tempo. Por mais que seja rápida e em minha cabeça ainda penso ter 20 anos mas o corpo e o coração não. Ver as mudanças no corpo. A rejeição pelos mais novos e não se sentir mais desejado	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim, em vários aspectos. No cansaço, julgamentos, dores e decisões. Todos os dias... quando as pessoas chegam querendo cobrar por sexo	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Particularmente, é difícil. Pois os jovens se interessam por mim. Mas meu gosto seria por alguém com idade próxima, mas não há reciprocidade. Os cinquentões, querem os novos e não querem nada sério. Sem falar que para discriminação se referem tudo à tia velha. Que tem que pagar tudo para todos.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Sempre, todos os dias. Ofensas, piadas... Já apanhei, já fui assaltado, já fui convidado a me retirar de bares por estar com namorado, já se recusaram a me atender.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Sempre, comparo meus pensamentos e atitudes atuais com de mais jovem. As dores que surgem no corpo. O cansaço e a falta de ânimo de vida	

<b>PARTICIPANTE 11 (P11)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	41
<b>Estado de residência</b>	Maranhão
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Um processo fisiológico normal do desenvolvimento humano	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Às vezes. Quando encontro com pessoas bem mais jovens na casa dos 18 a 24 anos, a percepção de mundo é bem diferentes. Considero isso como amadurecimento pessoal.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Como uma pessoa bem equilibrada financeiramente e emocionalmente.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Sim. Piadas homofóbicas no seio familiar ou no trabalho.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu</b>	

**ao envelhecimento?**

A infância me faz perceber ter mais idade e maturidade para lidar com as emoções e construções sociais.

<b>PARTICIPANTE 12 (P12)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	41 anos
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
É estar cada dia mais consciente do seu papel como ser humano, a busca da evolução moral e espiritual através das experiências de vida e convivência adquiridas até aqui.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim. O corpo já não reage com a mesma rapidez de antes, os reflexos se tornam mais lentos.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Existem várias percepções. Desde a que me acha jovial para idade cronológica q tenho, mas também há aqueles que vão dizer que determinadas coisas não lhe pertence mais. Digamos que o homem gay na visão de alguns, tem prazo de validade e utilidade.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Sim. Recentemente, inclusive. Um rapaz no aplicativo disse q eu era idoso (com 41 anos) pra estar num aplicativo de relacionamento e q eu deveria ter bom senso. Voltando a resposta anterior, sobre aos olhos de alguns, termos prazo de validade. Fora os que a maioria dos gays sofrem durante a vida e que por imaturidade emocional deixamos q aconteçam.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Eu desde criança sempre quis ser adulto, mais velho, então, lido bem com o fato do envelhecer.	

<b>PARTICIPANTE 13 (P13)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	50
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Amadurecer, melhorar e ter condições de aprender com os erros e acertos durante o processo.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim. Cronologicamente e fisicamente o corpo envelhece, é inevitável.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay</b>	

<b>envelhecendo?</b>
Dentro e fora da comunidade é como se para o homem gay, envelhecer fosse algo "errado" e "sujo", portanto, a "maricona" (como denominam) deve ser evitada e isolada dos demais.
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>
Quando tinha em torno de trinta e poucos anos já percebi a postura dos "mais novos" em fazerem questão de afirmar que não curtiam a companhia dos "mais velhos" e passei a evitar tais companhias.
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>
Somente as citadas anteriormente.

<b>PARTICIPANTE 14 (P14)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	37
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	Para mim, envelhecer tem o mesmo significado que para a Biologia. Significa que meu tempo aqui está diminuindo
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	Sim. Apesar de não ser algo que permeia diariamente meus pensamentos, vez por outra as relações pessoais, profissionais e as mudanças tecnológicas tais como o surgimento e aprimoramento das A.I. me fazem perceber que estou envelhecendo.
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	Parte da sociedade acredita que por eu ser gay e não ter filhos, não terei suporte na minha velhice
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	Sim. Na infância fui vítima de bullying por ser uma criança "efeminada"
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	Ano passado estava fazendo atividade física na reserva e ao passar por duas adolescentes fui chamado de coroa

<b>PARTICIPANTE 15 (P15)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	35
<b>Estado de residência</b>	Maranhão
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	Maturidade para lidar com a vida
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	

Sim, já mudei ao longo dos anos, já me descontraí várias vezes
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>
Alguém que vem conseguindo alcançar os objetivos na vida
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>
Sim quando jovem, uma vez em uma parada de ônibus deitei no colo do parceiro enquanto voltava de uma festa na madrugada e um taxista nos agrediu com palavras
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>
Aprender a não ligar para a opinião dos outros

<b>PARTICIPANTE 16 (P16)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
Idade	42
Estado de residência	São Paulo
Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
É uma forma de saber lidar com a velhice	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Que a vida é maravilhosa	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Triste	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Vários	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Pessoas querem que você tenha filhos	

<b>PARTICIPANTE 17 (P17)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
Idade	33
Estado de residência	MA
Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
O envelhecimento significa para mim um processo progressivo, no qual ocorrem alterações biológicas, funcionais, psicológicas que com o passar do tempo tendem a determinar uma acentuada perda da capacidade que o indivíduo possui de se adaptar ao meio ambiente.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim, pois consigo perceber as alterações biológicas, funcionais e psicológicas.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	

Percebem por conta da maturidade.
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>
Sim, preconceito de gênero. Piadas ou ofensas por conta de orientação sexual.
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>
Não.

<b>PARTICIPANTE 18 (P18)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	45
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Decadência.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Mais dores pelo corpo, mais amor pela paz e quietude.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Pelo rosto com menos tônus, mais rugas e cabelos grisalhos.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Sim, já me chamaram de velho num post de um perfil sobre notícias do universo gay.	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Sim, vendo a quantidade de anos que meus pais têm e quanto falta para a minha aposentadoria. Secundariamente, o aparecimento de pelos brancos e cinzas no meu peito e no saco escrotal.	

<b>PARTICIPANTE 19 (P19)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	40
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Significa ter a sabedoria em manter uma vida equilibrada, ter uma vida de espiritualidade sem alienação, ser menos inquisidor consigo mesmo, valorizar o próprio tempo com pessoas e situações que realmente valham a pena.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Percebo porque o ritmo da vida muda e vai tomando uma nova roupagem ao longo dos anos. As opções e possibilidades de lazer e entretenimento de 20 e 30 anos atrás, deixam de ser prioridades... Tenho me tornado cada vez mais seletivo em minhas relações humanas sejam elas de amor ou de amizade; a necessidade de programas de lazer mais sossegados é maior. Me tornei mais	

atento a minha saúde física e mental.

**3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?**

É uma pergunta quase difícil de responder, até porque quem me conhece sabe que eu tenho preguiça de socializar e me deslocar para lugares distantes... Eu nunca tenho uma certeza exata da primeira impressão e primeiro pré-julgamento que posso causar no olhar de quem me observa. Sempre frequentei lugares e ambientes diferentes: Igrejas, Bares, Museus, Praças, Festivais, Bibliotecas, etc. Quando mais novo, eu até dava alguma importância ao que outros pensavam a meu respeito. Hoje em dia ando cansado dos seres que se dizem humanos e da porcaria da sociedade. Atualmente acredito que as pessoas me definem como alguém simpático e pouco acessível, e as vezes imprevisível. Digo isso porque quando surge alguém interessado em se aproximar de mim se expressa de maneira mais formal do que coloquial.

**4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?**

Verbalmente não, mas, indiretamente sim! Principalmente por alguns grupos militantes LGBTQIAP+ que acreditam que todo gay só promove a mudança fazendo barulho, causando polêmica e apelando para a lacração e o cancelamento desenfreado... Percebo o preconceito por parte deles não apenas comigo, mas também com outros gays que não se adequam com esse padrão de comportamento "revolucionário" que eles acreditam ser a única ferramenta de transformação social eficaz. Em relação aos humanos da espécie hetero, há um preconceito velado em relação a minha pessoa. Eles não verbalizam, ficam curiosos a respeito nada minha orientação sexual, mas não questionam; e quando questionam recebem respostas curtas e diretas. Pois pra mim privacidade e intimidade são inseparáveis e é um direito humano também!

**5. Na sua experiência de vida, você lembra alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?**

A frustração de ter nascido em lugar que não me favorece muito na realização pessoal dos meus sonhos e o fato de ter amado intensamente pessoas que não valem um orgasmo!

<b>PARTICIPANTE 20 (P20)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	59
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Viver a partir de outras referências biológicas e existenciais	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim, a vida sinaliza alterações	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Uma pessoa conservada e com predisposição de juventude	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	

Sim. Mas tenho recordações muito objetivas
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>
Dificuldade de perder peso

<b>PARTICIPANTE 21 (P21)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	57
<b>Estado de residência</b>	SP
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Dar continuidade ao processo de desenvolvimento...	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim... a cada novo dia me percebo envelhecendo, é evidente tanto através dos sinais corporais, como as mudanças de comportamento	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Não tenho a mínima ideia, pois a forma como o outro me percebe, não tenho como ter certeza logo, não para para pensar sobre.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Sim, alguns pelo culto do corpo jovem, outros por ser nordestino...	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Sim várias	

<b>PARTICIPANTE 22 (P22)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	26
<b>Estado de residência</b>	Maranhão
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Para mim, o envelhecimento é uma experiência que se dá tanto no corpo, quanto nos aspectos psicológicos. O corpo começa a se sentir mais cansado do que antes. E psicologicamente, sinto que surge uma maior maturidade frente a muitas coisas, porém, nem sempre representa algo totalmente positivo. Porque ficam nas lembranças alguns acontecimentos que não voltam mais.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim. Me percebo envelhecendo porque me vejo cada vez mais cheio de responsabilidades, algo que não havia tanto assim na época que eu era mais jovem. Percebo também meu rosto diferente, já não tão mais novo como antes.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Dentro da comunidade gay, existe muito apreço pelo corpo jovem. A maioria pensa que nunca vai envelhecer, que serão jovens pra sempre e não pensam no	



futuro, quando serão mais velhos. No meu caso, acredito que as pessoas até têm uma visão positiva, por enquanto. Afinal, eu ainda sou considerado jovem. Acredito que a chegada dos 30 anos é um marco pra quem é gay. Sempre surgem comentários de que nessa idade, virou "maricona" (termo que se usa pra gays mais velhos) e creio que as pessoas me verão assim também, quando chegar nessa fase. Ainda mais se eu estiver sem um companheiro, dizem que gays mais velhos só conseguem alguém se for pagando. Então, existe todo um estigma que eu enxergo enquanto possibilidade de que recaia sobre mim em um futuro não tão distante.

**4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?**

Não, porque talvez eu ainda seja considerado jovem.

**5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?**

Há um tempo atrás, quando eu usava apps de relacionamento, tipo Tinder ou Grindr. Quando eu conversava com rapazes mais jovens, na casa dos 18/19 anos, eu sentia uma certa diferença entre assuntos e interesses. Por exemplo, gênero musical ou cantores preferidos. Percebi que as pessoas dessa faixa etária mais jovem já possuíam gostos diferentes dos meus. Percebia também uma vibe mais despreocupada em relação à vida, como se eles tivessem menos responsabilidades do que eu.

<b>PARTICIPANTE 23 (P23)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	55
<b>Estado de residência</b>	Maranhão
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Uma fase da vida	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim, experiências vividas mais também marcas físicas e psicológicas	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Um homem gay, com características típicas de um pessoa madura/ idosa	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Sim, ser rotulado como coroa, tio, velho idoso	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Sim, os cabelos grisalhos muito cedo e meus pais	

<b>PARTICIPANTE 24 (P24)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	33
<b>Estado de residência</b>	RJ
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	

Perguntas disparadoras	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Acumular anos de vida e experiências, perceber que o corpo responde de formas diferentes, ter menos “neuroses” sobre o corpo, sobre as relações, reduzir o ritmo de trabalho, buscar novas atividades	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Não. Eu sou adulto mas me sinto com vigor físico e mental pra vários desafios de uma vida que ainda não se estabilizou no que diz respeito a trabalho, território, amores. Eu me vejo na construção de algo ainda, no meu imaginário o envelhecer já seria o desacelerar disso tudo	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Não sei se me veem assim ou se não consigo perceber isso porque ainda não me vejo assim. Mas com o passar dos anos, a medida que vou ficando mais velho de idade (e não me tornando velho), eu acho que as pessoas esperam e torcem pra que as conquistas da vida aconteçam como terminar o doutorado, ter um bom emprego, um bom relacionamento amoroso, ter estabilidade na vida	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Sobre ser gay? Ou sobre estar envelhecendo? Sobre ser gay, vários. Sobre ser gay envelhecendo, não percebo. Eu ainda aparento ser muito jovem. Sei que muito homens gays com mais de 30 dizem ser considerados muito velhos por homens gays mas jovens, mas nunca tive essa experiência. Acredito que por parecer mais jovem do que realmente sou	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
Ser chamado de tio ou senhor por crianças ou adolescentes, mas acredito que isso possa estar mais associado ao lugar de professor, da relação professor aluno	

PARTICIPANTE 25 (P25)	
Dados sociodemográficos	
<b>Idade</b>	43
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
Perguntas disparadoras	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Ao mesmo tempo em que há perdas físicas, há a grandeza do acúmulo de experiências e de maior visão da vida, do mundo e de si mesmo.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim. Pela idade, pelas limitações físicas que já estão surgindo e que me impedem de fazer coisas que eram comuns em fases anteriores da vida, além de perder o interesse por algumas outras atividades que outrora eram agradáveis. Sinto também que já consigo ver as situações com um olhar mais crítico, sem pressa, sem desespero.	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Percebo que as amizades ficaram mais restritas. Sobraram aqueles que	

realmente acompanham a minha trajetória de amadurecimento e que estão amadurecendo junto comigo. Logo, percebo que as pessoas vão pouco a pouco ficando mais distantes, já não tem mais tanta atração porque não consigo acompanhar todas as "novidades" atrativas aos gays.

**4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?**

Sim. Por conta de relacionamento afetivo com pessoa mais jovem, e ouvir que é "papa anjo", que estou com "carência emocional", que estou sendo enganado ou que estou com aquela pessoa apenas por interesse financeiro. Mas não costumo responder nem defender. Procuro ser muito consciente do que vivo e do que escolho.

**5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?**

A pergunta não ficou muito clara para mim. Vou responder o que entendi. Uma situação em que chego sozinho numa festa de público gay e não consegui socializar, por ser visto como uma pessoa envelhecida, a ponto de eu sentir que aquele não era mais o meu lugar.

<b>PARTICIPANTE 26 (P26)</b>	
<b>Dados sociodemográficos</b>	
<b>Idade</b>	42
<b>Estado de residência</b>	MA
<b>Em caso de residir fora do Brasil, qual o local?</b>	
<b>Perguntas disparadoras</b>	
<b>1. O que significa para você envelhecer?</b>	
Experiência e transformação corporal e mental para fora da normatividade comportamental.	
<b>2. Você percebe se envelhecendo? Justifique.</b>	
Sim	
<b>3. Como você acha que os outros lhe percebem enquanto um homem gay envelhecendo?</b>	
Percebo que sou representado como aquele que amadureceu intelectualmente, porém que precisa performar certo apego ao passado e visão nostálgica.	
<b>4. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Em caso afirmativo, o que ocorreu?</b>	
Não	
<b>5. Na sua experiência de vida, você recorda alguma situação que lhe remeteu ao envelhecimento?</b>	
A minha rede de relações o tempo todo aciona a minha idade como algo distinto daquilo que meu corpo performa. Acho que pelo fato de ser esportista	